

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO  
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

**Cleiton José Senem**

**FORMAÇÃO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS RELATOS DOS  
ESTUDANTES DE DIFERENTES CURSOS DE PSICOLOGIA**

BAURU  
2015

Cleiton José Senem

**FORMAÇÃO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS RELATOS DOS  
ESTUDANTES DE DIFERENTES CURSOS DE PSICOLOGIA**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, sob a orientação do Prof. Dr. Sandro Caramaschi.

BAURU  
2015

Senem, Cleiton José.

Formação e sexualidade : um estudo a partir dos relatos dos estudantes de diferentes cursos de psicologia/ Cleiton José Senem, 2015  
154 f.

Orientador: Sandro Caramaschi

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Sexualidade. 2. Formação do psicólogo. 3. Educação sexual. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CLEITON JOSÉ SENEM, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.**

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de 2015, às 10:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. RINALDO CORRER do(a) Curso de Psicologia do Centro de Ciências Humanas / Universidade do Sagrado Coração, Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CLEITON JOSÉ SENEM, intitulado "Psicologia, formação e sexualidade: um estudo a partir do relato dos estudantes de diferentes cursos". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI

Prof. Dr. RINALDO CORRER

Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA

## **Agradecimentos**

A Deus, por ser o autor da Vida, do conhecimento e de todas as experiências, especialmente da sexualidade humana.

Aos meus pais Francisco e Terezinha, que na simplicidade da vida sempre me incentivaram a buscar o conhecimento e à sabedoria.

Aos meus irmãos Jocimare e Eduardo, pelas experiências vividas conjuntamente e por todo amor fraterno.

A minha esposa Dieniffer, que durante estes últimos anos soube viver a maternidade com ternura e vigor. Obrigado por compartilhar comigo este sonho.

Aos meus filhos, Fernando e Marcello, que desde a concepção têm me ensinado e confirmado a ideia de que a existência é um contínuo devir, não apreensível em sua totalidade e grandiosidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sandro, que durante estes dois anos partilhou comigo seu conhecimento de forma livre, sábia e fraterna. O meu eterno obrigado por estar presente durante todo este processo, incentivando, questionando e motivando o meu caminho em busca do saber.

Ao Prof. Dr. Rinaldo, por ser para mim um exemplo profissional, sendo desde a graduação um grande incentivador da pesquisa e do conhecimento científico. Obrigado pela amizade e pelas diversas sugestões realizadas durante a qualificação.

A Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Claudia, carinhosamente Cau, por ter me aceitado no Programa de Pós-graduação como aluno especial, permitindo desta forma, a minha aproximação do tema sexualidade. Muito obrigado pelas sugestões realizadas durante a qualificação.

A Universidade do Sagrado Coração, por meio das irmãs Apóstolas do Sagrado Coração, especialmente, Ir. Susana de Jesus Fadel, Ir. Ilda Basso, Ir. Maria Aparecida Lima, Ir. Jucélia Melo, Ir. Carina Cassia de Souza e toda comunidade religiosa, por todo incentivo e apoio.

Aos amigos e amigas de turma que palmilharam comigo estes dois anos de curso. Obrigado por compartilhar as angústias, experiências e conhecimentos.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação. Grato pelo incentivo à pesquisa com qualidade, eficiência e responsabilidade social.

A todos os colegas e amigos de trabalho, que durante estes dois anos foram exímios motivadores.

A todos os estudantes de psicologia que participaram desta pesquisa e a todos os meus alunos que a cada dia me provocam a buscar novos conhecimentos.

Ao grupo de pesquisa Sociedade, Gênero e Sociedade pela oportunidade de compartilhar o saber, a curiosidade e as dúvidas.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente não foram mencionados, mas que contribuíram para a realização deste trabalho.

SEMEM, C. J. **Formação e sexualidade: um estudo a partir do relato dos estudantes de diferentes cursos de psicologia**. 2015. 154f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

## **RESUMO**

A sexualidade é uma dimensão fundamental na vida do ser humano, desde o nascimento até a velhice. Ela é inerente a natureza humana, apresentando diferentes manifestações ao longo da história, recebendo inúmeras formas e significados. Ela se constitui por dimensões imbricadas: biológicas, culturais e psíquicas. Ao observar as diferentes formas como as pessoas a viveram ao longo da história, é possível identificar modelos matriarcais e patriarcais, momentos de maior abertura e liberdade, assim como fases de repressão, medo e desconfiança. A sexualidade é objeto de estudo de várias ciências e também da psicologia, cujos profissionais trabalham diretamente com esta questão em todas as suas atividades, seja na clínica, na organização, na escola e na comunidade. Por isso, precisam estar preparados para abordar as questões relativas ao tema de forma aberta, sem preconceito, desenvolvendo ações construtivas, críticas e sistemáticas, auxiliando as pessoas e os grupos a refletirem sobre tal questão. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi investigar os relatos dos estudantes de psicologia sobre sexualidade, considerando as implicações do curso sobre sua formação pessoal e profissional. Participaram da pesquisa 111 estudantes de psicologia, do quarto ano (8ª semestre), de três diferentes instituições, que responderam um questionário semiestruturado. Os resultados obtidos indicam que os estudantes possuem uma compreensão ampla e complexa de sexualidade, considerando sua dimensão biológica, cultural e psíquica. Ao mesmo tempo, pode-se identificar a reprodução de uma concepção patriarcal de sexualidade, tanto nas respostas fornecidas pelos homens quanto pelas mulheres. Constatou-se também uma diferença de percepção entre as diferentes instituições: enquanto os participantes das universidades particulares demonstram-se mais conservadores, os participantes da universidade pública demonstraram ser mais liberais. Também é possível identificar que, embora todos os cursos abordem o tema em seu processo formativo, a instituição cujos alunos participam de estudo sistemático da sexualidade por meio de uma disciplina específica, grupo de pesquisa e projetos de extensão, evidenciam uma autopercepção mais positiva em termos de capacitação para abordar o assunto. Quando os participantes foram chamados a elaborar um projeto interventivo de educação sexual, foi possível perceber a sobreposição da dimensão biológica em detrimento às questões culturais e psicológicas da sexualidade. Nesse sentido, destaca-se que a formação sistemática, científica e crítica dos futuros profissionais da psicologia torna-se cada mais necessária para o bom desempenho do exercício profissional, não reproduzindo padrões biologizantes, heteronormativos, moralistas ou higienistas, mas concepções emancipatórias e críticas, tornando a vivência da sexualidade humana um meio de realização e felicidade, garantindo a autonomia, criatividade e liberdade de cada indivíduo.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Formação do psicólogo; Educação sexual; Concepções dos profissionais da Psicologia.

SENEM, C. J. **Training and sexuality: a study based on the report of students of different Psychology courses**. 2015. 154pp. Dissertation (Master of Psychology of Learning and Development) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

## **ABSTRACT**

Sexuality is a fundamental dimension in the human being's life, from birth to old age. It is inherent in human nature, presenting different manifestations throughout history and receiving several forms and meanings. Sexuality is constituted of imbricate dimensions: biological, cultural, and psychological. When we observe the different ways people have lived sexuality throughout history, it is possible to identify matriarchal and patriarchal models, moments of greater openness and freedom, as well as phases of repression, fear, and mistrust. Sexuality is the object of study of several sciences and Psychology also, since these professionals work directly with this issue in all their activities, in the clinic, organization, school, and community. Therefore, they must be prepared to openly address the issues concerning such topic, with no prejudice, developing actions that are constructive, critical, and systematic and helping people and groups to reflect on this issue. Thus, the purpose of this study was to investigate the reports of Psychology students on sexuality, considering the implications of the course on their personal and professional training. The participants of the research were 111 fourth-year Psychology students (8<sup>th</sup> semester), from three different institutions, who answered a semi-structured questionnaire. The results indicate that students have a wide and complex understanding of sexuality, considering its biological, cultural and psychological dimensions. At the same time, the reproduction of a patriarchal conception of sexuality could be identified both in the answers provided by men and women. A difference of perception was found among the different institutions: while participants of the private universities showed themselves to be more conservative, the participants of the public university showed themselves to be more liberal. It is also possible to identify that, although all courses approach the topic in its formative process, the institution that provides a systematic study of sexuality through a specific subject, a research group and extension projects shows a more positive self-perception of students on their training to address the issue. When the participants were asked to plan an interventionist project of sex education, we could perceive the overlap of the biological dimension to the detriment of the cultural and psychological issues of sexuality. In this regard, it is emphasized that the systematic, scientific and critical training of future Psychology professionals becomes more and more necessary for the proper performance of the professional practice, without the reproduction of biologizing, heteronormative, moralistic or hygiene standards, but with emancipatory and critical conceptions, making the experience of human sexuality a way of fulfillment and happiness, ensuring the autonomy, creativity and freedom of each individual.

**Keywords:** Sexuality; Psychologist training; Sex education; Conceptions of Professional Psychology.



## Lista de ilustração

Figura 1: Vênus de Willendorf .....	26
Figura 2: Influência sobre o desenvolvimento do comportamento sexual dos participantes homens e mulheres, considerando-se os três cursos pesquisados. ....	85
Figura 3: Influência sobre o desenvolvimento do comportamento sexual dos participantes, considerando-se individualmente as três instituições. ....	86
Figura 4: Influência sobre conhecimento da sexualidade dos participantes, considerando o conjunto dos três cursos pesquisados. ....	88
Figura 5: Influência sobre o conhecimento a respeito da sexualidade, considerando-se os três cursos individualmente .....	89
Figura 6: Total percentual geral sobre a categorização a respeito da sexualidade dos participantes, considerando-se as três instituições pesquisadas .....	91
Figura 7: Total percentual sobre a autodenominação a respeito da liberdade sexual, considerando-se os três cursos individualmente .....	92
Figura 8: Valor numérico atribuído pelos participantes ao curso de psicologia com relação ao tema sexualidade (0 = muito ruim a 10 = excelente) sobre sexualidade .	97
Figura 9: Autopercepção sobre a capacidade para abordar o tema.....	101
Figura 10: Autopercepção sobre a capacitação por curso .....	102

## Lista de Tabela

Tabela 1: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: O que você entende por sexualidade? .....	81
Tabela 2: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Na sua opinião, o que caracteriza a sexualidade feminina? .....	82
Tabela 3: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: O que caracteriza, na sua opinião, a sexualidade masculina? .....	84
Tabela 4: Comparação por meio do teste de Mann-Whitney das influências sobre comportamento sexual entre as faculdades, considerando-se, como significativos, valores de $p < 0,05$ (bilateral).....	87
Tabela 5: Comparação através do teste de Mann-Whitney das influências sobre o conhecimento sexual entre as faculdades, considerando-se, como significativos, valores de $p < 0,05$ (bilateral).....	90
Tabela 6: Comparação entre as universidades, pelo Teste de Mann-Whitney, sobre a autodenominação liberal/conservador sobre sexualidade, considerando-se significativos valores de $p < 0,05$ (bilateral).....	93
Tabela 7: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão sobre o exemplo de autodenominação (liberal/conservador) .....	93
Tabela 8: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Como o tema sexualidade foi abordado em seu curso de psicologia .....	94
Tabela 9: Comparação entre os cursos sobre abordagem do tema sexualidade pelo Teste de Mann-Whitney, considerando-se significativos valores de $p < 0,05$ (bilateral). .....	95
Tabela 10: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da forma como o curso abordou o tema sexualidade .....	95
Tabela 11: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: De que forma o seu curso de psicologia aborda o tema sexualidade .....	96
Tabela 12: Comparação entre a avaliação por curso, sexualidade pelo Teste de Mann-Whitney considerando-se significativos valores de $p < 0,05$ (bilateral). .....	98
Tabela 13: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da avaliação do tema sexualidade no curso de psicologia .....	98
Tabela 14: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Caso você pudesse fazer um curso sobre sexualidade, o que gostaria de estudar? .....	100

Tabela 15: Comparação entre a autodenominação de capacitação pelo Teste de Mann-Whitney considerando-se significativos valores de $p < 0,05$ (bilateral). .....	102
Tabela 16: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais seriam suas facilidades para abordar o tema sexualidade? .....	103
Tabela 17: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais seriam suas dificuldades para abordar o tema sexualidade? .....	104
Tabela 18: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais as características desejáveis a um psicólogo(a) para lidar com sexualidade em qualquer área de atuação profissional? .....	105
Tabela 19: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Objetivos propostos para um curso sobre educação sexual .....	106
Tabela 20: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Temas que seriam abordados do curso proposto sobre educação sexual .....	107
Tabela 21: Comparação (porcentagem) entre a questão o que você entende por sexualidade(Q.1) e temas propostos para um curso em educação sexual(Q.14)...	108

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1. CONCEITO DE SEXO E SEXUALIDADE.....	16
1.1 A dimensão biológica da sexualidade.....	21
1.2 A dimensão psicossocial da sexualidade.....	23
2. A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE HUMANA NO OCIDENTE.....	25
2.1 A sexualidade primitiva mítica.....	26
2.2 O modelo patriarcal.....	27
2.3 A sexualidade na Idade Média.....	32
2.4 A puritanização do sexo.....	38
2.5 A liberdade sexual.....	43
3. A SEXUALIDADE BRASILEIRA.....	45
3.1 O Brasil Colônia.....	45
3.2 Brasil Império e a moral médica.....	50
4. EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL.....	51
4.1 A década de 1960 e as primeiras propostas de educação sexual nas escolas.....	53
4.2 A década de 1980 e os projetos oficiais de educação sexual nas escolas.....	54
4.3 A década de 90 até o momento atual, pós LDB e a inserção da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	55
4.4 Os desafios da educação sexual na atualidade.....	59
4.4.1 Princípios fundamentais para uma efetiva educação sexual.....	64
5. PSICOLOGIA, FORMAÇÃO E SEXUALIDADE.....	67
6. OBJETIVOS.....	75
6.1 Objetivo geral:.....	75
6.2 Objetivos específicos:.....	75
7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	76
7.1 Participantes.....	76
7.2 Local.....	77
7.3 Material: instrumento para coleta de dados.....	77
7.4 Procedimentos de coleta.....	78
7.5 Análise dos dados.....	78
8. RESULTADOS.....	80
8.1 Caracterização da amostra.....	80

8.2. Categorias de análise .....	81
8.3 Concepção de sexualidade .....	81
8.4 Influências sobre o comportamento e informação sexual .....	85
8.5 Categorização da própria sexualidade .....	90
8.6. Forma como o curso abordou o tema sexualidade .....	94
8.7 Autopercepção sobre a capacidade para abordar o tema sexualidade .....	99
8.8 Planejamento sobre educação sexual .....	105
9. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	132
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO .....	133
APÊNDICE C – PARECER DO CEP .....	137
APÊNDICE D – EXEMPLO DE DISTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS, SUBCATEGORIAS E RELATOS .....	139
APÊNDICE E – TABELAS GERAIS .....	142

## APRESENTAÇÃO

Acredito que neste momento inicial seja importante descrever alguns elementos que me motivaram a pesquisar durante os últimos três anos as questões referentes à sexualidade e sua interface com a formação dos cursos de psicologia.

Logo que terminei minha graduação em psicologia, como já era professor da disciplina de Ética, fui convidado pela Universidade onde trabalho para substituir um docente que havia se afastado, assumindo, então, a disciplina de estágio supervisionado em psicologia escolar educacional. Esta experiência inicial me levou a perceber as inúmeras dificuldades apresentadas pelos estudantes concluintes do curso de psicologia no tocante à elaboração de projetos interventivos, cuja finalidade era abordar o tema da sexualidade humana.

Ao mesmo tempo, iniciei uma disciplina como aluno especial neste programa de Pós-Graduação, e por meio da pesquisa de revisão de literatura, pude constatar a inexistência de trabalhos brasileiros que abordassem o tema da sexualidade na formação profissional do psicólogo. Constatei a existência de dissertações e teses que abordam esta questão entre os profissionais da pedagogia, educação, biologia ou da área da saúde, como enfermagem e medicina, mas não especificamente na psicologia.

Também tenho participado, desde 2013, de um grupo de estudo e pesquisa intitulado Sociedade, Gênero e Sociedades na Universidade Sagrado Coração (USC). A participação neste grupo também acabou por influenciar a definição do tema do presente trabalho, além de propiciar o contato com diversos teóricos que abordam a questão.

Neste sentido, o presente estudo se contextualiza numa perspectiva tanto pessoal quanto profissional ao perceber a necessidade de uma formação mais

sistemática e crítica sobre a sexualidade humana para os futuros profissionais da psicologia e, ao mesmo tempo, pela inexistência de estudos aprofundados sobre esta questão no contexto brasileiro.

## 1. CONCEITO DE SEXO E SEXUALIDADE

A sexualidade é um fenômeno complexo e tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento como, a biologia, a fisiologia, a sociologia, a antropologia, a história e a psicologia (MAIA, 2010).

Cada área do conhecimento possui pressupostos distintos, sendo evidente a existência de diferentes concepções teóricas. Todavia, grande parte dos pesquisadores afirma que não é possível se referir aos conceitos de sexo e sexualidade como sinônimos.

A palavra sexo é usualmente utilizada para distinguir a mulher do homem, o sexo feminino do masculino. Ela possui referencial fisiológico e está diretamente relacionada aos órgãos sexuais e a anatomia dos corpos, assim como também é utilizada para se referir ao ato sexual. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), o sexo possui características biológicas, definindo os seres humanos como macho ou fêmea.

O sexo possui como peculiaridade os elementos biológicos e fisiológicos caracterizados pela genitalidade, sendo formado ao longo de toda evolução da espécie humana como ser animal. O Dicionário Houaiss define sexo como a conformação física, orgânica, celular, particular, que permite distinguir o homem da mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução, podendo ser compreendido também como o conjunto dos órgãos sexuais (HOUAISS, 2009).

O conceito de sexo tem origem no século XII e etimologia latina, *secare*, que significa: corte, secção ou divisão. O mito do andrógino presente no *Banquete* de Platão traz como pressuposto a ideia de que o homem e a mulher formavam uma totalidade originária, mas foram separados ao meio por Zeus (SNOEK, 1981).



Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: "Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando." [...] Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher — o que agora chamamos mulher — quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo (PLATÃO, 1991, p. 59-60).

Thomas Laqueur discute em sua obra, *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud* (2001), a constituição histórica da ideia do sexo. Segundo este historiador, até o século XVIII, o sexo foi compreendido como expressão única, tanto para o homem quanto para a mulher. Citando Claudio Galeno, um famoso médico e filósofo grego, este diz que ao se investigar o corpo feminino “não se encontraria uma única parte masculina que não tivesse simplesmente mudado de posição. Em vez de serem divididos por suas anatomias reprodutivas, os sexos eram ligados por um sexo comum” (2001, p. 42). Isso significa que Galeno defendia a ideia de que os corpos masculinos e femininos eram uma variação de um sexo único e que representava as leis naturais e estruturais que organizavam inclusive a vida em sociedade. De forma geral, este modelo de compreensão do sexo permaneceu até o século XVIII, concebendo a mulher como um homem inferior e invertido. Portanto, a mulher foi considerada inferior, porque era compreendida como homem imperfeito, faltando-lhe a força e o calor vital; e invertido, porque seus órgãos sexuais eram os mesmos dos homens, porém voltados para dentro (COSTA-JÚNIOR; MAIA, 2013).

Diz Galeno (apud LAQUEUR, 2001, p. 41):

Pense primeiro, por favor, na [genitália externa] do homem virada para dentro, entre o reto e a bexiga. Se isto acontecesse, o escroto necessariamente tomaria o lugar do útero e os testículos ficariam para fora, dos dois lados dele. O pênis torna-se a cérvix e a vagina, o prepúcio as partes pudendas femininas, e assim por diante através das várias artérias e vasos sanguíneos.

O conceito sexualidade surgiu apenas no século XIX, ampliando o conceito de sexo entendido como sinônimo de genitalidade (SNOEK, 1981, BOZON, 2004; FEITOSA 2005). Segundo o dicionário Houaiss, sexualidade significa a qualidade e a significação do que é sexual (HOUAISS, 2009).

Sigmund Freud foi um dos primeiros pensadores que concebeu a sexualidade como um fenômeno diferente do sexo. Freud expandiu o conceito de sexualidade para além do ato sexual ou de qualquer vínculo exclusivo com a reprodução ou com os órgãos genitais (PERSON, 2005; CAROL, 2013). O pai da psicanálise afirmou em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que a sexualidade está presente na vida dos indivíduos desde o início da vida, mas a maioria dos escritos e estudos sobre o desenvolvimento das crianças de sua época não abordava esta questão (FREUD, 1972).

Compreende-se hoje que a sexualidade está presente ao longo de toda vida humana, desenvolvendo-se desde o nascimento até a velhice, não sendo possível confundi-la com genitalidade (NUNES, 1987; LOURO, 2008; BONFIM, 2009; MAIA, 2010; LEÃO; RIBEIRO, 2011).

A definição de sexualidade proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta a complexidade e as várias dimensões que estão presentes nesta questão, concebendo-a como:

Um aspecto central do ser humano ao longo da vida e engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores,

comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Enquanto a sexualidade pode incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. (OMS, s/d).

Como a sexualidade é influenciada por diversos fatores, ela precisa ser compreendida como um conceito “amplo e histórico” (MAIA; RIBEIRO, 2012, p. 75), diverso e aberto às diferentes formas de viver e de significar as experiências. Nunes e Silva (2000, p. 73) afirmam que a sexualidade “carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a torna uma dimensão humana, dialógica e cultural”, não podendo, portanto, ser reduzida a um determinismo naturalista.

Segundo Werebe (1998, p. 6), “uma relação sexual não é apenas o encontro entre dois órgãos sexuais, mas entre duas pessoas, com suas singularidades próprias, com seus sentimentos, aspirações, desejos, necessidades, conflitos e problemas”.

Maia (2008) afirma que a sexualidade é

um conceito abrangente, que inclui aspectos da genitalidade, mas não se resume a ela, isto é, diz respeito a sentimentos, emoções, prazeres, erotismo libidinal envolto nas relações interpessoais, que incluem ou não o relacionamento sexual entre indivíduos (p.68-69).

Nunes e Silva (2000) reforçam o princípio de que a sexualidade não pode ser reduzida à dimensão fisiológica, pois considerá-la apenas como uma dimensão instintiva ou restringi-la à dimensão animal, natural e reprodutiva é subtrair sua característica mais significativa e importante, isto é, a especificidade humana de viver e significar o sexo.

Além da dimensão íntima e pessoal, a sexualidade é continuamente influenciada pelas relações interpessoais e pelo modo como as pessoas

desenvolvem suas interações (WEREBE, 1998). Por meio destas relações, as pessoas aprendem a viver a sexualidade e a significar seus sentimentos e comportamentos, tornando-a uma dimensão cultural, recebendo diferentes sentidos em cada época, tempo ou sociedade. Por isso, a sexualidade é continuamente influenciada pelos processos sociais que organizam a estrutura e a expressão do desejo (CARVALHO, 2008). Todo ambiente é “sexualizado”, não sendo possível falar de sexualidade sem considerar a influência que a mesma recebe das diversas culturas. As diferentes sociedades e o modo como elas vivem seus valores morais influenciam os comportamentos sexuais, tornando-os culturalmente e historicamente construídos (NUNES, 1987).

A história e a antropologia demonstram que não existe uma forma única e universal de compreender o próprio corpo, os desejos, nem mesmo os sentimentos. Malinowski (1970 apud WEREBE 1998, p. 15) dizia que “O homem possui tendências sexuais, mas estas tendências recebem sua forma e orientação definidas num conjunto de regras culturais que variam de uma sociedade a outra”.

Portanto, a sexualidade não está isenta dos valores socialmente construídos em grupos, tempos e espaços históricos (FEITOSA, 2005). Ela não é apenas um ato físico utilizado para aliviar tensões corpóreas, mas é a base para a moralidade e para a organização social, fazendo parte de um sistema simbólico complexo (GREGERSEN, 1983).

A sexualidade humana possui influências biológicas, psicológicas e sociais (MAIA; RIBEIRO, 2012). Por isso, ela pode ser compreendida a partir de diferentes dimensões, sendo uma delas o sexo biológico e reprodutivo, presente em todos os seres vivos (NUNES, 1987).

## 1.1 A dimensão biológica da sexualidade

A dimensão biológica da sexualidade é frequentemente a mais conhecida e divulgada, tanto nos livros de ciência, biologia ou propriamente nos programas de educação sexual, sendo o sexo considerado enquanto categoria de reprodução (WEREBE, 1998).

São os estudos da genética, da fisiologia, da endocrinologia e da embriologia que servem de fundamento para os modelos biológicos explicativos da sexualidade humana. Essas pesquisas colocam em evidência os aspectos físicos e bioquímicos da sexualidade, buscando identificar o fundamento hereditário, bem como os mecanismos neurológicos ou hormonais como explicativos dos comportamentos humanos (WEREBE, 1998).

Um dos primeiros trabalhos realizados no intuito de conhecer melhor a dimensão biológica da sexualidade humana foi o de Alfred Charles Kinsey e sua equipe, que de 1938 a 1953, realizaram uma pesquisa com a participação de mais de onze mil voluntários. Kinsey era professor de zoologia, sendo especialista em entomologia<sup>1</sup>, mais especificamente em vespas. Foi convidado, em 1938, a lecionar um curso sobre casamento e aspectos biológicos da sexualidade na Universidade de Indiana. Kinsey considerou insuficiente todo o material produzido até o momento sobre o assunto, fator que o motivou a estudar com maior profundidade a sexualidade humana (SENA, 2007).

O resultado dos seus estudos foram divulgados sobre o título de *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953) ou também é conhecido como Relatório Kinsey. Nessa pesquisa, foram identificadas

---

<sup>1</sup> Entomologia é a ciência que estuda os insetos sob os mais diferentes aspectos e relações com o ser humano, plantas, animais e o meio ambiente.

as vias que levavam os americanos de ambos os sexos a atingir o orgasmo, entre eles: os sonhos sexuais noturnos, emissões seminais, masturbação, os contatos sexuais, relações hetero e homossexuais (WEREBE, 2001). O Relatório Kinsey tornou visíveis vários comportamentos dos quais não se falavam, como a realidade de que a prática da masturbação era comum entre as pessoas (92% dos homens e 63% das mulheres se masturbavam), ou também que a atividade sexual em excesso não carregava consigo a impotência (CAROL, 2013). Esse relatório também apontou que 37% dos homens e 13% das mulheres já haviam tido relações homossexuais com orgasmo, fato este que gerou muita polêmica na sociedade americana.

Outra pesquisa muito conhecida sob o ponto de vista fisiológico da sexualidade, foi a do médico Willian Howell Master e da psicóloga Virgine Eshelman Johnson (1968, 1980) que descreveram minuciosamente como o corpo humano responde à estimulação erótica durante a masturbação e o ato sexual. Sua pesquisa, intitulada *Human Sexual Responses* (1966), pretendia ser um trabalho científico sobre o ato sexual e o orgasmo, tanto no homem quanto na mulher (CAROL, 2013). Estas pesquisas buscaram investigar outras questões não abordadas por Kinsey, especialmente com relação às questões fisiológicas da sexualidade humana (SENA, 2007).

Masters e Johnson desenvolveram suas pesquisas com 382 mulheres e 312 homens voluntários e fizeram uma série de descobertas em termos fisiológicos e anatômicos, descrevendo os mecanismos da lubrificação vaginal e do orgasmo, afastando o pressuposto de que o orgasmo vaginal seria diferente do clitoriano. Estes pesquisadores descobriram que as mulheres poderiam ter vários orgasmos assim como descreveram o fenômeno das contrações rítmicas do orgasmo em

ambos os sexos, medindo a velocidade e a intensidade com que os mesmos se repetem, além de afirmar que o tamanho do pênis não tinha relação com o desempenho sexual (SENA, 2007; 2010).

As questões relacionadas à dimensão biológica da sexualidade, pesquisadas por Kinsey, Master e Johnson, estiveram presentes desde os primórdios do século XX e continuam sendo consideradas atualmente. Carol (2013), ao estudar a virilidade masculina, afirma que até o final do século XIX, a sexualidade era definida por meio dos critérios anatômicos e fisiológicos. No século XX, a evolução do saber médico construiu outro modelo sustentado nas pesquisas genéticas e hormonais. E, especialmente, a partir dos anos de 1970, um novo imperativo foi criado: o da duração e do prazer. Diz Carol:

No último quarto do século, a expressão da virilidade, nas normas, se aproxima cada vez mais de um desempenho: potência e volume do órgão, multiplicação obrigatória das práticas, das posições e dos parceiros, frequência e duração das relações, quantidade e qualidade dos orgasmos produzidos na parceira (2013, p.64).

Sem dúvida, a dimensão biológica da sexualidade é importante e deve ser levada em consideração em todas as discussões, todavia, a sexualidade humana também se constitui como uma dimensão psicossocial.

## **1.2 A dimensão psicossocial da sexualidade**

Os hormônios possuem influência sobre o comportamento dos indivíduos, porém, sua ação não é suficiente para explicar o desenvolvimento psicossocial que também possui influências sociais e culturais (WEREBE, 1998).

A formação cromossômica do ser humano constitui a condição primeira para distinguir os dois sexos, mas não é suficiente para diferenciá-los. Nem os hormônios, nem os cromossomos são decisivos na formação das diferenças sexuais, sociais e psicológicas. A anatomia e a fisiologia dos órgãos sexuais definem os sexos macho e fêmea, porém a identidade de gênero, que define a masculinidade e a feminilidade, recebe influência de outros fatores, e não apenas do sexo biológico (WEREBE, 1998).

Diz Chauí (1991, p. 15) que: “a sexualidade não se confunde com um instinto. Nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (unir dois órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo” .

A dimensão psicológica da sexualidade exprime a vivência subjetiva de cada indivíduo e o modo como cada um significa suas experiências, enquanto a dimensão social destaca as interações e as vivências construídas dentro de uma cultura, mediadas por papéis sexuais construídos historicamente (MAIA; RIBEIRO, 2012).

Nesta perspectiva, Werebe (1998) complementa o pensamento de Nunes (1987), afirmando que a sexualidade possui tanto uma dimensão biológica quanto psicossocial. Diz a autora que “a sexualidade humana tem um sentido que transcende a simples reprodução e deve ser compreendida em função de todas as suas dimensões e em função de abordagens diversas” (WEREBE, 1998, p. 5).

A sexualidade contém em si a experiência do sentido, sendo uma dimensão humana, dinâmica e dialética. Ela é histórica, processual e mutável, sempre aberta a novas formas de significação (NUNES, 1987). Embora receba influências biológicas, não se restringe às questões genitais, mas refere-se ao modo



como a pessoa compreende e vive as questões afetivas e sexuais que aprendeu ao longo da vida. Por isso, destaca-se que a sexualidade recebe influências biológicas, sociais, políticas, históricas e culturais (CHAUI, 1981; NUNES, 1987; MAIA, 2012), mas que nenhuma destas perspectivas, isoladamente, consegue explicá-la de maneira satisfatória.

Compreender a sexualidade em seu processo de contínua transformação é condição necessária para identificar as diversas formas e modos de vivenciá-la. Reconhecer suas diferentes configurações ao longo da história das sociedades, conhecendo os processos, padrões e normatizações que influenciaram sua constituição é primordial para a sua vivência de forma crítica, reflexiva e emancipada.

Nesse sentido, torna-se importante identificar os diferentes fatores que influenciaram o modo como a sociedade concebeu a sexualidade ao longo da história, no intuito de identificar os elementos que incidem sobre o modo como é significada na atualidade.

## **2. A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE HUMANA NO OCIDENTE**

A sexualidade recebeu diferentes significações ao longo da história da humanidade. No intuito de compreender os diferentes momentos da história da sexualidade ocidental, este capítulo será dividido em cinco partes, seguindo a proposta de César Aparecido Nunes, em sua obra *Desvendando a Sexualidade* (1987).

## 2.1 A sexualidade primitiva mítica

O primeiro momento da história da sexualidade é chamado de sexualidade primitiva mítica, sendo constituído pelo período paleolítico que durou de quinhentos a dez mil anos a.C. Os elementos femininos, maternos e procriadores na organização da sociedade primitiva recebem grande destaque neste momento, formando um modelo de organização matriarcal. Enquanto os homens saíam para caçar, as mulheres realizavam as atividades de administração da casa, desenvolvendo novas tecnologias com a finalidade de subsistência (VICENTINO, 1997). Nunes (1987) afirma que foi sob a organização feminina que se criou o primeiro elo civilizador que manteve o clã primitivo, dando origem à sociedade humana.

Durante o período matriarcal, os cultos às divindades foram marcados por ritos em torno da fertilidade. É deste período a Vênus de Willendorf, que retrata o corpo feminino com grandes nádegas e seios. As pinturas rupestres deste tempo, registravam as atividades da caça relacionada ao homem e a mulher relacionada à fertilidade (NUNES, 1987).



Figura 1: Vênus de Willendorf<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Vênus de Willendorf encontra-se no museu de História Natural de Viena, Áustria. Representa uma figura feminina sem rosto e de formas avantajadas que sugerem atributos considerados eróticos: boa saúde e capacidade reprodutiva (STEARNS, 2010).

Margareth Mead (1969), discorrendo sobre uma cultura matriarcal, mais especificamente sobre o povo Tchambuli, na Nova Guiné, descreve o homem como dependente e submisso à mulher. Ao mesmo tempo, a mulher era forte, organizava a tribo, dominava a produção e a vida social, sendo o homem frágil, submisso, realizando as funções de limpeza e cuidando das crianças.

O período Neolítico, iniciado por volta de dez mil a.C., é marcado por um processo de sedentarização. Este foi consequência das transformações climáticas e do aumento da população, assim como da descoberta da pedra polida e da diminuição da caça e da pesca. A caça foi substituída pelo cuidado dos animais, decorrente também do processo de domesticação. Constatam-se, neste momento, o desenvolvimento da agricultura (VICENTINO, 1997).

Foram encontrados no período neolítico os primeiros registros de religião, juntamente com o início do desenvolvimento do poder patriarcal. Ao longo deste processo de transformação social, houve a passagem de uma organização matriarcal para uma patriarcal. O homem tornou-se o centro das relações, exercendo domínio e poder, criando exércitos e submetendo a mulher ao seu controle (STEARNS, 2010). As atividades, que antes eram realizadas pelas mulheres, passam agora para o exercício masculino; os deuses se tornaram machos e as leis, assim como a organização bélica e religiosa, tornam-se exclusivamente masculinas (NUNES, 1987; VICENTINO, 1997).

## **2.2 O modelo patriarcal**

É do décimo ao oitavo milênio a.C. que vemos surgir o modelo patriarcal, especialmente no Oriente Médio. Este é bem descrito pela Bíblia, no livro do

Gênesis, quando diz que não foi o homem que veio da mulher, mas o contrário: a mulher foi retirada da costela de Adão (Gênesis, 2,23).

Segundo a cultura hebraica, o homem é o senhor e considerado superior, enquanto a mulher é inferior, considerada impura, não podendo ser sacerdotisa, pois esta se tornou uma função unicamente masculina.

Neste modelo, a mulher foi compreendida como a auxiliar do homem (Gênesis 2,18), devendo servi-lo e sendo dominada, como explicita o livro do Gênesis 3, 18 “Teu marido te dominará”. O casamento não era considerado de ordem religiosa, mas um contrato familiar entre senhores, sendo a mulher substituída pelo dote. Existiam sociedades, inclusive, nas quais o alto preço do dote fazia com que os irmãos poupassem a quantia necessária para terem uma única esposa comum, fato este conhecido como poliandria (GREGERSEN, 1983).

Aos poucos, a mulher tornou-se posse do marido e compreendida como um bem entre outros. No livro do Êxodo 20, 17 se lê: “*Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo*”. Nesta passagem, percebe-se claramente como a mulher encontra-se entre os diversos bens materiais do marido.

Segundo Snoek (1981), a religião de Israel recebeu influência da cosmovisão persa, marcada pelo dualismo que concebia o mundo sendo governado por dois princípios: o bem e o mal, o Deus altíssimo e o belial. Esta concepção teve Mani como grande divulgador do qual surgiu o termo maniqueísmo. O judaísmo pós-exílio<sup>3</sup>, recebendo influência deste pensamento, incorpora características como o

---

<sup>3</sup> No ano de 598 a.C., Nabucodonosor II invadiu o reino de Judá e levou este povo consigo para a Babilônia. Eles permaneceram exilados até o ano de 538 a.C., quando o rei Ciro, com seu famoso edito, permitiu o retorno dos judeus para Jerusalém. Obviamente, que após este período de exílio, vários elementos da cultura persa foram apreendidos e inseridos na cultura judaica (SOARES, 2009).

ascetismo, a vida celibatária, a concepção hostil e negativa do corpo, do sexo, do casamento e, conseqüentemente, da mulher.

No modelo patriarcal, a mulher era educada para ser submissa, ter postura recatada, ser cautelosa e delicada. Ao mesmo tempo, valorizava-se as atitudes masculinas de força, virilidade, rigidez, ousadia e liberdade sexual (RESSEL, et al., 2011).

A poligamia era uma prática comum entre os hebreus antigos e em muitas outras sociedades, porém os gregos e romanos formaram uma tradição monogâmica fortemente marcada pela estrutura de poder socioeconômico (NUNES, 1987).

A proibição do incesto foi outra prática que recebeu diferentes configurações ao longo da história. Enquanto em algumas sociedades existe a sua proibição, em outras ela é permitida e socialmente aceita. Por exemplo, os Kubeos da América do Sul, exigiam que o menino realizasse sua iniciação à vida sexual com a própria mãe, todavia, o casamento entre ambos era proibido. Entre os Watusi, da África Oriental, a cura da impotência do noivo na noite de núpcias era resolvida por meio de relações sexuais com sua própria mãe. No Egito e entre os Incas, os imperadores eram obrigados a se casarem com suas irmãs para manterem o poder na família. Cleópatra era de uma geração de doze irmãos e se casou com um dos irmãos, que era ao mesmo tempo seu tio (GREGERSEN, 1983).

Embora se constate durante este período o domínio masculino sobre o feminino, deve-se ressaltar que estes padrões de comportamento não podem ser simplesmente generalizados. Por exemplo, entre os gregos de Creta, as mulheres tinham a mesma igualdade que os homens. Nesta ilha, foram encontradas indicações de culto religioso à deusa mãe, explicitando uma forma de politeísmo

matriarcal, marcado por ritos de agradecimento à fecundidade da agricultura. As mulheres eram sacerdotisas e participavam da vida social por meio das festas, jogos e danças (NUNES, 1987).

Feitosa (2005), discorrendo sobre amor e sexualidade em Pompéia, diz que a representação do falo era comum na sociedade romana, todavia, este não pode ser compreendido apenas como símbolo patriarcal. O sentido mais comum desta representação é o apotropaico<sup>4</sup>, sendo utilizado para proteger dos riscos e maus-olhados e, ao mesmo tempo, trazer sorte e proteção, pois estava relacionado à fertilidade e à vida.

Outro fato interessante a ser considerado era a participação das mulheres abastadas na vida política por meio de benefícios e de construções públicas, assim como o apoio financeiro aos jogos e distribuição de alimentos (FEITOSA, 2005).

Foi a sociedade grega aristocrática que se aproximou de alguns elementos da cultura hebraica, na qual o casamento era determinado por dois senhores, envolvia o nome da família e não existia a fidelidade conjugal. A mulher era um bem do marido e estava proibida de ter relações sexuais extraconjugais. Ao mesmo tempo, o homem era livre e senhor dos seus atos, podendo relacionar-se sexualmente fora do casamento, tanto hetero quanto homossexualmente (NUNES, 1987; WEREBE, 1998; BOZON, 2004).

Gregersen (1983) afirma que existiam ao menos dois tipos de casamentos na Roma Antiga: o casamento livre, no qual a esposa e seus bens não ficavam sob o controle do marido; e o casamento *manus* (do latim mão), no qual a mulher mudava de estatus e era considerada equivalentemente como filha do seu marido, sendo adotada por sua família.

---

<sup>4</sup> A palavra grega *apotrepein* significa afastar. Segundo a concepção de algumas culturas, os símbolos apotropaicos tinham o poder de afastar as influências maléficas que causavam desgraças às pessoas ou grupos.

Aristóteles foi um dos primeiros pensadores ocidentais que refletiu sobre as relações entre os homens e as mulheres e exerceu grande influência sobre o pensamento medieval, especialmente sobre Tomás de Aquino (SNOEK, 1981). Em sua obra *Ética a Nicômaco*, institui o princípio da complementaridade sexual natural, quando disse que a natureza fez o homem e a mulher para viverem melhor, tornando o homem forte e a mulher contida pelo temor. Diz ele: “O homem encontra saúde no movimento, enquanto a mulher leva uma vida sedentária. O homem traz os bens e alimentação para casa, a mulher vela e educa os filhos” (apud NUNES, 1987 p. 49). Em sua obra *Política*, Aristóteles afirma que: “[...] o macho é por natureza superior e a fêmea inferior; aquele domina e esta é dominada; o mesmo princípio se aplica necessariamente a todo o gênero humano [...]” (ARISTÓTELES, 1997, p.19).

Aristóteles também compreendia que a procriação dependia do macho e que a fêmea nada mais era do que um princípio passivo no ato da procriação. O esperma continha o descendente em potência, como se fosse um pequeno homem (*homunculus*) ou uma espécie de adulto em miniatura. Segundo sua percepção, cada ato sexual era um ato de procriação e a perda de esperma equivalia à morte de um indivíduo, para não dizer um assassinato (DURAND, 1989).

Este mesmo princípio apresentado por Aristóteles é também encontrado na história bíblica de Onã, origem da expressão onanismo, que significa masturbação. Em Gênesis 38, 1-10, Onã é obrigado a se casar com Tamar, a mulher do seu irmão Her, para lhe dar uma descendência. Mas sabendo que o filho não seria dele, derramava o sêmen na terra para não dar descendência ao irmão. Por isso, desagradou a Deus e também foi morto. Portanto, a prática da

masturbação ou da interrupção da relação sexual era uma atitude desaprovada para os hebreus.

As influências hebraicas, romanas e helênicas construíram um modelo patriarcal que serviu de base para toda a sexualidade medieval. Foi neste modelo que a mulher tornou-se posse do homem, que as relações sexuais tinham por finalidade apenas a procriação, existindo um duplo padrão de moralidade: enquanto o homem possuía total liberdade sexual, a mulher deveria conter-se, estando à disposição do seu marido (WEREBE, 1998).

Para Nunes (1987), o modelo patriarcal ocidental tem sua sustentação em três fontes: na tradição religiosa e na moral hebraica, na cosmovisão e na estrutura social greco-romana e nas instituições familiares medievais.

### **2.3 A sexualidade na Idade Média**

O cristianismo exerceu grande influência sobre as significações e a forma como a sexualidade foi vivida ao longo dos séculos, especialmente durante a Idade Média (FIGUEIRÓ, 2001).

A moral cristã teve como um dos seus fundamentos a tradição bíblica hebraica, que ao se expandir pelo mundo, recebeu influências também do pensamento grego e romano. De religião perseguida passou à religião oficial do império romano no século IV d.C., fornecendo a base para grande parte da cultura sexual ocidental durante todo o período medieval. O cristianismo sintetizou o patriarcalismo hebraico e o falocratismo grego, conservando a submissão e a desvalorização feminina juntamente com a repressão sexual por meio do sistema de culpa e controle sexual (NUNES, 1987; FIGUEIRÓ, 2001).



O Antigo Testamento admite a poligamia como regra básica, aceitando o divórcio como privilégio dos homens, como pode ser observado em Deuteronômio 24, 1ss. Entretanto, as mulheres não podiam pedir o divórcio e se tivessem alguma relação sexual com outro homem fora do casamento, eram apedrejadas (Deuteronômio 22,21). A homossexualidade foi reprimida, conforme pode ser observado no livro do Levítico 18,22, assim como a prostituição (Deuteronômio 22,20) e a relação sexual com animais (Levítico 18, 23). A menstruação era compreendida como impureza (Levítico 15, 19-23), sendo proibida a relação sexual durante o fluxo menstrual (Levítico 20, 18). A proibição do incesto foi relatada em Levítico 18.

No Novo Testamento, São Paulo foi um dos grandes nomes seguido pela tradição patrística<sup>5</sup>. Para ele, a homossexualidade, o adultério, a fornicação e a prostituição eram consideradas pecaminosas. Paulo defendeu a indissolubilidade do matrimônio e continuou afirmando que a mulher ideal devia ser obediente e submissa ao marido (1 Coríntios 7, 1ss). Uma das distinções entre cristãos e pagãos naquele tempo era justamente a prática celibatária (NUNES, 1987; VIDAL, 1988; FIGUEIRÓ, 2001).

O ideal de virgindade (1 Coríntios 7, 25 ss) e de pureza tornou-se parte da identidade moral cristã deste período, sendo condenado o adultério e o divórcio, características comuns das sociedades pagãs. A educação sexual cristã foi influenciada também pelo neoplatonismo e pelo estoicismo. Do estoicismo recebeu o ascetismo e o rigorismo, assim como a orientação universal para a procriação; e do neoplatonismo, a compreensão dualista de corpo-alma (SNOEK, 1981; VIDAL, 1988; FIGUEIRÓ, 2001).

---

<sup>5</sup> Patrística ou patrologia é a ciência que examina e expõe os escritos e a doutrina dos padres da Igreja durante os primeiros sete séculos depois de Cristo (FRIES, 1970).

Santo Agostinho, um dos maiores representantes do pensamento cristão, influenciado pelo maniqueísmo, compreendeu o sexo de forma negativa, considerando o mesmo como fruto do pecado. Para ele, a relação sexual era aceita apenas dentro do matrimônio para fins de procriação (SNOEK, 1981; DURAND, 1989; FIGUEIRÓ, 2001).

São Jerônimo<sup>6</sup> foi outro grande defensor do celibato e da virgindade. Em sua opinião, a mulher era “instrumento do demônio” e podia corromper o homem puro. Ele defendia que a primeira opção de vida era a virgindade, assim como Adão e Eva antes da expulsão do paraíso, sendo o casamento uma segunda opção mais distante. Sua recomendação era que marido e esposa permanecessem castos e que educassem os filhos para o mesmo (STEARNS, 2010). Deve-se lembrar que o celibato era incentivado pela Igreja Católica, mas foi oficializado para o clero apenas em 1139, no II Concílio de Latrão (SNOEK, 1981; NUNES 1987).

Tertuliano<sup>7</sup> condenava todo adorno corporal e a maquiagem para as mulheres, com objetivo de que elas não fossem causa de tentação para si mesmas e para os outros. Dizia que pintar o cabelo de vermelho era antecipar o fogo do inferno (NUNES, 1987; VIDAL, 1988).

Segundo o pensamento cristão deste período, a finalidade da relação sexual era apenas para a procriação e, portanto, a virgindade pré-nupcial era incentivada para as mulheres (GREGERSEN, 1983). A relação sexual era concebida apenas dentro do casamento, e a separação conjugal proibida, pois o casamento para o catolicismo ainda hoje é um sacramento, que depois de consumado, torna-se

---

<sup>6</sup> São Jerônimo viveu no século IV d.C., foi sacerdote e teólogo. Ele foi incumbido pelo Papa Dâmaso a traduzir a Bíblia do hebraico e grego para o latim. Sua tradução tornou-se oficial no Concílio de Trento, sendo conhecida como Vulgata.

<sup>7</sup> Tertuliano foi um grande defensor da fé cristã, sendo um padre apologista e produzindo suas obras contra as heresias. Viveu entre os séculos II e III d.C.

indissolúvel, conforme afirma o Código de Direito Canônico, cân. 1055 §1 e cân.1056.

Durante este período, especialmente entre os séculos IV e VII, Maria tornou-se para os cristãos católicos o protótipo e modelo de mãe, virgem, servindo de exemplo para o matrimônio cristão vivido em continência. Ela é considerada a dama por excelência e a grande protetora das tentações impuras, aquela que esmaga a serpente e a quem muitos rezam para não caírem em pecado (SNOEK, 1981).

Eva, por outro lado, tornou-se o protótipo da mulher tentadora, na qual o sexo está associado ao prazer. Esta é tentadora como a serpente, sendo o protótipo da maldade feminina. Em contrapartida, diz Goldberg (1988), Maria foi o protótipo da bondade feminina, considerando o sexo apenas com fins procriativos. Se Maria é a porta do céu, Eva é a porta do inferno.

Enquanto a virgindade foi um valor para o cristianismo em outras culturas e épocas, a mesma foi considerada inadequada. Por exemplo, os homens do Tibet não escolhiam as mulheres virgens para se casar. Segundo esta cultura, as mulheres possuíam valor apenas quando possuíssem experiências sexuais (GREGERSEN, 1983).

Nunes (1987), Durand (1989) e Figueiró (2001) afirmam que a virgindade foi utilizada durante muito tempo como estratégia de dominação masculina, sendo uma forma explícita de machismo. Os pais mantinham as filhas virgens como moeda de troca na tentativa de uma aliança comercial ou econômica. Ao mesmo tempo, a exigência da virgindade não era necessária às classes menos favorecidas economicamente.

Todavia, a religião não exercia total controle sobre a sexualidade durante este período. Entre as classes mais baixas, as relações eram primárias e comunitárias. As casas ainda não tinham quartos separados e a linguagem da sexualidade era abundante em músicas e piadas. Ao mesmo tempo em que era proibida, também era praticada a relação sexual com animais (SNOEK, 1981; NUNES, 1987).

João Batista Libânio, em sua obra *A volta da grande disciplina: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja* (1984), cita um texto de Alexandre IV, no qual relata a decadência da moralidade eclesiástica daquele tempo, dizendo:

Venha cá, Igreja infame, escuta o que te diz o Senhor. Dei-te essas belas vestes e tu fizeste delas ídolos. Com teus vasos de valor, nutriste teu orgulho. Profanaste os sacramentos pela simonia. Tua luxúria fez de ti uma filha de alegria desfigurada. És pior que um animal, és um monstro abominável. Outrora, pelo menos, se os sacerdotes tinham filhos, eles os chamavam de sobrinhos. Agora, não se têm mais sobrinhos, têm-se filhos, simplesmente filhos. Construíste uma casa de prostituição, transformaste-te de alto abaixo em casa infame. Que faz ela, a mulher da rua? Assentada no trono de Salomão, faz sinais a todos os transeuntes. Todo aquele que tem prata entra e faz tudo que lhe agrada. Mas quem quer o bem, é lançado fora. Assim é, Igreja prostituta, tu revelaste tua vergonha diante dos olhos do mundo inteiro (apud LIBÂNIO, 1984, p.33).

Foi somente a partir do Concílio de Trento<sup>8</sup> (1545 a 1563) que a sexualidade começou a ser normatizada com maior força pela religião, constituindo-se como objeto de condenação. O inferno tornou-se o lugar dos pecadores, fornicadores, prostitutas e homossexuais (FIGUEIRÓ, 2001). Os padres e religiosas tomados em pecado eram queimados e enforcados, assim como homens e mulheres consideradas pecadoras tinham seus órgãos sexuais queimados (NUNES, 1987).

---

<sup>8</sup> O Concílio de Trento foi realizado entre os anos de 1545 e 1563, sendo considerado o XIX Concílio Ecumênico da Igreja Católica. Ele foi convocado pelo Papa Paulo III com intuito de garantir a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, diante do contexto da Reforma Protestante.

Diz Libânio (1984), que a fantasia humana não tem limites na sua criatividade quando assolada pelo medo. Os demônios e o inferno revelaram na Idade Média toda a repressão sexual. Os adúlteros eram açoitados, as mulheres tinham seu sexo penetrado por tições acesos. O prazer era representado como um passo para o inferno, afinal, como afirma Durand (1989), o prazer sempre foi visto com desconfiança pela religião.

Durante o período medieval, os teólogos instruíam os confessores a vigiarem as práticas sexuais dos fiéis. Orientava-se, inclusive, que os homens deveriam se relacionar sexualmente estando sobre as mulheres, sendo esta a ordem natural da sociedade, pois quando o homem permanece por baixo, ele se submete pela própria posição, enquanto a mulher que está em cima age (BOZON, 2004).

Bozon (2004) diz que ainda hoje a relação sexual no Brasil repete esta mesma concepção medieval, utilizando a metáfora da alimentação, frequentemente relacionada ao padrão social de dependência da mulher ao homem. Diz ele:

O verbo comer é utilizado para indicar a ação e o papel social daquele que penetra no ato sexual, enquanto, para quem é penetrado, o verbo é dar. O binômio comer/dar está fundamentado na metáfora da absorção, apropriação e consumo do parceiro passivo (a mulher ou um sujeito simbolicamente feminilizado) pelo sujeito ativo (p. 23).

De modo geral, constata-se que a moral da Idade Média foi atribuindo uma visão negativa à sexualidade, marcada pelo patriarcalismo hebreu, pelo dualismo platônico, pelo estoicismo moralista que negava a matéria e o prazer, pelo maniqueísmo agostiniano percebido como fonte do mal e do pecado; tornando o celibato e a virgindade os ideais da vida religiosa (SNOEK, 1981; NUNES, 1987; FIGUEIRÓ, 2001).

## 2.4 A puritanização do sexo

Martinho Lutero por meio da Reforma Protestante<sup>9</sup> promoveu um movimento de questionamento das práticas defendidas pela Igreja Católica durante a Idade Média. O pai da reforma protestante fundamentou suas ideias num retorno ao pensamento de Santo Agostinho, opondo-se ao relaxamento moral vivido pelos padres e bispos da Igreja Católica (FIGUEIRÓ, 2001). Segundo Weber, em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito Capitalista* (1905), a Reforma Protestante propiciou princípios morais importantes para o desenvolvimento do capitalismo, como o individualismo, o trabalho como expiação, a honra, a consciência do pecado, a submissão às Escrituras, assim como o princípio do acúmulo sem gastos e exagero, e especialmente sem a influência na Igreja; além da sublimação do prazer e o seu deslocamento para a força do trabalho, reprimindo a energia sexual (NUNES, 1987; FIGUEIRÓ, 2001).

Durante este período, várias manifestações livres da sexualidade foram reprimidas. A nudez que durante a Idade Média era considerada natural, foi coberta por panos; a linguagem sobre o sexo foi controlada, o corpo visto como elemento negativo, sendo o sexo o inimigo do trabalho. Neste sentido, tanto a moral luterana quanto a reforma tridentina seguiram os mesmos princípios.

Para Snoek (1982), a religião foi, neste momento, um instrumento de repressão de qualquer manifestação sexual. O sexo foi considerado pecado e deveria ser confessado. O Concílio de Trento ordenou que os pecados mortais fossem confessados, mesmos os mais secretos e vergonhosos. Para o imaginário

---

<sup>9</sup> A Reforma Protestante foi um movimento de retorno às essências do cristianismo, ocorrido no século XVI e promovido por Martinho Lutero. Este, por meio da publicação de 95 teses, no dia 31 de outubro de 1517, protestou contra a doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma da mesma.

dos pregadores, o inferno estava cheio de pecados contra a castidade, mesmo que fossem apenas em pensamento (FIGUEIRÓ, 2001).

O medo do inferno foi um dos mecanismos utilizados pela Igreja Católica para controlar a vida sexual dos seus fiéis, sendo a confissão o principal instrumento para investigar sua prática (SNOEK, 1981).

Segundo Foucault (1988), a confissão colocou o sexo em discurso, passando-o pelo crivo da palavra. Diz Chauí (1991, p. 108) que “a confissão é, poderíamos dizer, uma técnica da fala”. Na confissão, era preciso dizer tudo, não somente os atos consumados, mas os toques sensuais, os olhares impuros, as palavras obscenas, bem como todos os pensamentos. Cabia ao confessor perguntar ao penitente se houve algum ato pecaminoso. Caso este tivesse ocorrido, deveria perguntar também se houve prazer, pois o deleite tornava o pecado ainda maior. Perguntava também sobre os órgãos que haviam se deleitado, quanto tempo durou e onde aconteceu?

A necessidade de falar tudo, atos e pensamentos, criou uma compulsão à confissão, chegando a nós, ainda hoje, quando nos sentimos culpados frente ao sexo, necessitando confessar ao padre, pastor, ao psicanalista ou ao médico as faltas sexuais (NUNES, 1987).

A confissão foi concebida como um tribunal ou local de medo, no qual o fiel deveria prestar contas de seus comportamentos. Os famosos sermões e as pinturas nas catedrais exerciam poder sobre as consciências por meio de um rigor moralista, de uma imposição doutrinal, fixa, rígida e inquestionável. As contínuas ameaças dos castigos eternos eram assuntos presentes nas pregações religiosas (LIBÂNIO, 1984).

Um dos movimentos que contribuiu para o desenvolvimento da visão negativa do sexo foi o puritanismo, surgido na Inglaterra, no século XVII, a partir do calvinismo. Sua dimensão ascética influenciou a vivência da sexualidade, desvalorizando todas as experiências relacionadas ao corpo e ao prazer. Segundo Ribeiro (2005b), o puritanismo é importante para entender o comportamento sexual dos homens e mulheres ocidentais por dois motivos: primeiro, a compreensão ascética facilitou a entrada da ideologia médico-social do controle, normatização e classificação dos comportamentos sexuais; e, segundo, propiciou o desenvolvimento de uma moral da constância do caráter e da rigidez dos comportamentos, não deixando mais espaço para a sensualidade e o prazer.

O puritanismo trouxe forte compreensão pudica para a sexualidade, na qual tudo o que estava relacionado ao sexo deveria ser escondido, velado e ocultado (RIBEIRO, 2002). Segundo Figueiró (2001), foi também nesta época que o comportamento sexual deixou de ser controlado unicamente pela religião, tornando-se objeto de estudo e preocupação também da medicina.

O vitorianismo foi outro movimento que surgiu também na Inglaterra, durante o reinado da rainha Vitória<sup>10</sup>, e contribuiu para a puritanização e repressão sexual, fundamentando-se, especialmente, no pensamento de São Paulo, Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Este movimento defendia o sexo apenas com fins procriativos, considerando normal a relação heterossexual que tinha por objetivo a manutenção da família e a procriação; e perversa ou patológica, a relação que não tinha este objetivo por finalidade (FIGUEIRÓ, 2001).

---

<sup>10</sup> Segundo Morais (1999), a reforma moral da Inglaterra já era anterior à rainha Vitória, pois em 1787 o rei George III havia defendido o encorajamento da piedade e da virtude, assim como a prevenção e a punição do vício, profanação e imoralidade. Neste sentido, “o período denominado vitoriano é, portanto, desdobramento histórico de preocupações pregressas”. (p. 28).



As virtudes vitorianas com relação ao comportamento moral eram: a disciplina, a retidão, a seriedade, a limpeza, o trabalho árduo, assim como o patriotismo. Com relação à sexualidade, à castidade e à fidelidade conjugal, também foram defendidas, o que gerou a ideia popular do vitorianismo como um movimento puritano (MORAIS, 1999).

Para Foucault (1988), nasceu no final do século XVIII uma nova tecnologia do sexo. Nova, porque, neste momento, era independente das instituições religiosas. Por meio da pedagogia, da medicina e da economia, o sexo deixou de ser apenas uma questão leiga, tornando-se um negócio do Estado. Se antes a sexualidade era governada pela religião, agora ela será pela medicina, que exigirá normalidade em vez do medo do castigo eterno.

A medicina iniciou, neste período, uma busca pela etiologia das doenças mentais, identificando suas origens no conjunto das perversões sexuais. Nesse sentido, ela assume o papel da religião, exercendo influência inclusive sobre os prazeres do casal, controlando a sexualidade e instaurando um regime médico-sexual (FOUCAULT, 1988; FIGUEIRÓ, 2001). Como disse Foucault (1988, p.111): “Agora a ‘carne’ é transferida ao organismo”.

Durante a segunda metade do século XIX, a medicina preocupada com a saúde das pessoas, desenvolveu programas higienistas, formando uma verdadeira tecnologia do sexo. Acreditava-se que este podia transmitir doenças e prejudicar as gerações futuras, gerando um projeto médico e político de organização e gestão estatal dos casamentos. Foi ainda neste período, especialmente nas famílias burguesas ou aristocráticas, que se problematizou a sexualidade das crianças ou adolescentes; a sexualidade feminina foi medicalizada, criando-se assim uma patologização do sexo,

construindo critérios de normalidade e doença. A consequência de todo este processo foi o que Foucault chamou de “psiquiatrização do sexo” (1988, p. 114).

Foucault (1988) afirmou ainda que a modernidade criou uma *scientia sexualis*, isto é, uma verdade sobre o sexo, ordenando os comportamentos e confessando-os ao líder espiritual, ao médico ou ao psicólogo, no intuito de controlá-los. A *scientia sexualis* foi construída tendo por referência grande parte do conhecimento pautado em perversões, extravagâncias, desenvolvendo um processo de medicalização, por meio de classificações, disfunções e anomalias. Com diz Figueiró (2001), a medicina transformou aquilo que a religião chamava de pecado em doença.

Por exemplo, neste período, a masturbação deixou de ser considerada uma transgressão à lei de Deus e tornou-se uma fonte de perigo para a degeneração física e mental, tanto em crianças quanto em adultos. Por isso, ela foi condenada juntamente com a prostituição, a homossexualidade e o celibato, pois todas estas práticas ameaçavam a ordem familiar (SNOEK, 1981, NUNES, 1987; FIGUEIRÓ, 2001).

Neste período, foi novamente reforçada a ideia de que a mulher era frágil, afetiva, feita para amar e não inteligente, ao passo que o homem era considerado forte, inteligente e responsável pelo sustento da casa. A masculinidade foi identificada com paternidade e a feminilidade, com maternidade. Surgiram também, neste período, as ideias médicas sobre o valor do aleitamento materno e a mulher passou a ser estimulada a assumir sua vocação “natural” (FIGUEIRÓ, 2001).

Nota-se que este período caracterizou-se por uma potencialização dos elementos negativos da sexualidade, sendo o corpo negado e reprimido, desaparecendo toda dimensão de prazer relacionada à sexualidade, intensificando a

ideia de vergonha e de pecado, e considerando o sexo apenas para fins procriativos (SNOEK, 1981; FIGUEIRÓ, 2001).

## **2.5 A liberdade sexual**

Para Foucault (1988), os últimos três séculos foram marcados por uma explosão discursiva sobre as questões relacionadas à sexualidade, mas foi especialmente a partir do final do século XIX que a sexualidade começou a ser expressa de forma mais livre. Durante este período, alguns nomes merecem destaque, como Darwin, Freud e Marx, pois eles iniciaram um processo de questionamento que possibilitou maior abertura tanto para a compreensão quanto para a vivência da sexualidade.

A influência do pensamento liberal, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, contribuiu para o processo de racionalização do sexo, bem como para o desenvolvimento de pesquisas, superando superstições e mitos com relação ao tema, especialmente sobre masturbação, virgindade, aborto e outras práticas sexuais (FIGUEIRÓ, 2001).

Como o discurso médico substituiu o religioso e a ciência começou a explicar o que antes apenas possuía uma perspectiva moral, surgiu também a sexologia, como uma especialidade médica, discutindo, especificamente, as perversões sexuais (GREGERSEN, 1983; WEREBE, 1998; RIBEIRO, 2002).

Após a segunda guerra mundial, o mundo viveu uma inquestionável hegemonia do capitalismo norte-americano, cujas características foram o consumo, a dependência de recursos tecnológicos, a expropriação da subjetividade, assim como o desejo de possuir bens materiais. Sobre a perspectiva da comunicação,

desenvolveu-se uma aldeia global enquadrando a massa consumidora. Foi dentro deste contexto que surgiram os movimentos de contestação como o rock, os grupos feministas, negros, homossexuais, sendo o distintivo de todos estes grupos a liberdade sexual (WEREBE, 1998).

Todavia, segundo Nunes (1987), o capitalismo compreendeu rapidamente que a sexualidade era um elemento importante desses grupos e logo o incorporou à máquina de consumo, levando as propagandas a assumirem explícita referência aos anseios sexuais do tempo presente.

A mulher se tornou a garota propaganda, tendo o seu próprio corpo consumido e recebendo a imagem de objeto-sexual. Aliás, a própria mulher foi levada a se considerar como um objeto estético, destinada a suscitar a admiração e o desejo, assumindo uma exacerbada preocupação com a aparência externa, com a beleza, com as roupas e o corpo (WEREBE, 1998).

Durante este período, o sexo foi se tornando objeto de consumo, gerando lucro para o mercado pornográfico, dos sex-shops, motéis, criando uma quantificação da sexualidade, mas não alterando qualitativamente sua significação (NUNES, 1987).

Um dos grandes pensadores que refletiu sobre este sistema foi Hebert Marcuse. Ele criticou a sociedade deserotizada, dizendo que esta desmistificou os tabus, mas não permitiu a humanização e o sentimento de afeto. Segundo ele, o prazer foi quantificado, mecanizado, baseado no princípio do desempenho e do consumo, propiciando o acúmulo de experiência impessoais e compulsórias, mas que não participam efetivamente da existência dos seres humanos (NUNES, 1987).

Na opinião de Foucault (1988), o poder não teria motivo para reprimir a sexualidade, pois é este hoje o seu principal mecanismo de controle de reprodução

ideológica. O sexo ao alcance de todos não possui nenhuma forma de contestação, no qual a liberdade de práticas sexuais coincide com a automação do trabalho e com a explosão demográfica. Tanto o sexo procriativo quanto a repressão sexual não encontram mais espaço no modelo atual.

Pode-se observar, especialmente nos últimos cem anos, a existência de uma tendência de regulamentar a sexualidade por um modo menos religioso, mais secular de organização, por influência da medicina, da psicanálise, da psicologia, da sociologia, da educação, bem como das mudanças sociais e econômicas (WEREBE, 1998; RIBEIRO, 2002).

### **3. A SEXUALIDADE BRASILEIRA**

Assim como a sexualidade foi sendo vivida de forma diversificada em diferentes tempos e lugares, no Brasil não foi diferente. No intuito de compreender as diferentes formas como a sexualidade foi sendo vivida no Brasil, este capítulo apresentará alguns períodos de maior destaque, conforme a proposta de Paulo Rennes Marçal Ribeiro, na obra *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias* (2004).

#### **3.1 O Brasil Colônia**

Fabio Ramos Martins de Siqueira, em sua obra *História da Sexualidade Brasileira* (2008), apresenta alguns elementos fundamentais que constituem as

principais influências da sexualidade no Brasil, especialmente no período colonial. Para Vainfas (1999) e Siqueira (2008), a cultura indígena, negra e europeia constituem as referências fundamentais para se compreender a sexualidade durante a fase de colonização do Brasil.

A sexualidade indígena era constituída por mitos sobre a origem do mundo e dos seres humanos. Diferentemente dos romanos, gregos ou africanos, as divindades indígenas não apresentavam órgãos sexuais aumentados, nem suas deusas eram representadas grávidas ou com os órgãos sexuais aparentes. Nessas culturas, os atos de procriação eram apresentados de forma simbólica, por meio da nuvem, dos ventos, chuvas ou criaturas relacionadas à água, como rãs e serpentes (SIQUEIRA, 2008).

Até a adolescência, os índios andavam nus, enquanto os adultos usavam pequenas vestimentas cobrindo os órgãos sexuais. O fato de andarem nus, não significava estímulo sexual, pois a nudez era considerada natural. As relações sexuais eram observadas pelas crianças desde cedo, pois as habitações eram pequenas e coletivas (SIQUEIRA, 2008).

A forma como os povos indígenas se organizavam socialmente e viviam a sexualidade era muito diversificada. Por exemplo, segundo Ferreira (2011), os Xavantes compreendiam que o feto era formado aos poucos no útero da mãe, pelo acúmulo de sêmen de um ou mais integrante da tribo. Todos os indivíduos com os quais a mãe mantivesse relações sexuais eram considerados pais da criança. Segundo o autor, esta ideia também foi identificada entre os povos Jê, Suyá e Canela.

Segundo Mott (2011), outra realidade comum entre os povos indígenas era a vivência da homossexualidade, antes mesmo da chegada dos europeus às terras brasileiras.

Os colonizadores, ao chegarem ao Brasil, interpretaram a cultura indígena a partir dos princípios da moral judaico cristã. Por meio dos relatos realizados por eles, é possível identificar não apenas a descrição da cultura indígena, mas o juízo de valor realizado, considerando-a inferior, selvagem e imoral. Tais ideias podem ser encontradas nas cartas dos primeiros portugueses que relatam alguns comportamentos indígenas, como diz Colombo ao chegar às Antilhas: “Homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cubra suas vergonhas, trazem arcos nas mãos e suas setas” (apud SIQUEIRA, 2008, p. 20). Colombo ainda afirmava que era comum a relação sexual entre pais e filhos, assim como entre irmãos e primos na cultura indígena (SIQUEIRA, 2008).

Outro colonizador português, chamado Gabriel Soares de Sousa, escreveu em 1587 no Tratado descritivo do Brasil, que os tupinambás eram tão luxuriosos que desde pequenos os meninos eram ensinados sexualmente pelas mulheres idosas. Dizia, inclusive, que as esposas buscavam outras mulheres para se deitarem com seus maridos, no intuito de lhes agradar (SIQUEIRA, 2008).

O catolicismo vindo junto com os colonizadores exerceu influência sobre a forma como a sexualidade foi vivida no Brasil. A Igreja Católica, motivada pelo Concílio de Trento, defendia o casamento monogâmico e as limitações do sexo à procriação. Condenava as relações homossexuais, assim como eram consideradas pecaminosas as relações dos homens que se casavam no Brasil pela segunda vez, deixando a primeira mulher em Portugal (VAINFAS, 1999; RIBEIRO, 2005a; SIQUEIRA, 2008).

Ao mesmo tempo, alguns portugueses diziam que não era pecado dormir com as mulheres negras solteiras; outros afirmavam que as relações sexuais eram válidas com mulheres brancas solteiras ou negras, independente, se estavam casadas ou não; outros ainda diziam que não era pecado relacionar-se sexualmente com mulheres públicas (VAINFAS, 1991). Neste contexto, percebe-se que os casamentos eram fragilizados, o concubinato era uma prática rotineira, constituindo-se numa sociedade escravocrata, machista e racista (RIBEIRO, 2005a; SIQUEIRA, 2008).

Segundo Siqueira (2008), a maioria dos portugueses veio ao Brasil sem a família, fato este que favoreceu a diluição dos laços familiares. A falta de mulheres brancas era substituída por índias e escravas, tornando-as verdadeiros objetos sexuais subordinados aos colonizadores.

Padre Manoel da Nóbrega criticou os portugueses que chegavam ao Brasil e se relacionavam com várias mulheres. O religioso chegou inclusive a acusar os clérigos que se relacionavam sexualmente com mulheres negras (VAINFAS, 1999; RIBEIRO, 2004; SIQUEIRA, 2008).

Com relação à influência africana na sexualidade brasileira, Ribeiro (2005a) e Siqueira (2008) dizem que a vinda dos negros para o Brasil, além de visar o trabalho escravo também tinha por objetivo suprir a falta de mulheres. As mulheres negras eram adquiridas pelos seus senhores sendo observado o tamanho dos seus quadris considerando a maior capacidade de procriação, além de servirem como ama-de-leite da senhora e empregada doméstica. Um dos papéis das escravas era iniciar os filhos dos senhores na vida sexual, como afirma Gilberto Freyre em sua famosa obra *Casa Grande e Senzala* (1983).



A mulher branca era educada para ser dona de casa e mãe de família, não podendo ter relações sexuais antes do casamento. Esta se casava com aproximadamente 20 anos e devia ser submissa ao marido, assim como tolerante com suas transgressões sexuais (RIBEIRO, 2004; SIQUEIRA, 2008). Segundo Vainfas (1999), no período colonial do Brasil, mesmo com o discurso repressor e antissexual da religião, a vida sexual era caracterizada pela ausência de privacidade, sendo o sexo demonstração de poder dos homens brancos sobre as mulheres negras, índias, escravas e até mesmo com relação às mulheres brancas.

Senatore (2002), discorrendo sobre o processo de colonização do Brasil, afirma que muitos historiadores construíram um mito sobre a sociedade brasileira, como se este fosse o país do samba e no qual tudo fosse permitido. O pecado não existia, afinal como dizia um ditado muito falado na Europa no século XVII, “não existe pecado do lado de baixo do Equador”. Contudo, a comparação do Brasil recém-descoberto pelos portugueses com o paraíso do Éden, não apresenta as contradições vividas, especialmente, pelo modo como a sexualidade foi construída em meio ao sistema colonial, escravocrata, que sofria grande influência religiosa, especialmente dos jesuítas.

Vainfas (1999) e Ribeiro (2005a) afirmam que a cultura sexual do Brasil é cheia de contradições. Por um lado, é sustentada por uma ordem patriarcal respaldada pelos princípios morais da Igreja Católica, e por outro, a realidade foi constituída por muitos comportamentos proibidos pela religião, fatos estes constatados nos documentos do Santo Ofício durante os séculos XVI e XVII.

Vainfas (1999, p. 236) afirma que as relações sexuais no período colonial brasileiro podem ser compreendidas por um tripé: “sexo pluriétnico, escravidão, concubinato”. Ribeiro (2004 p.16) corrobora com a mesma ideia, dizendo que a

sexualidade brasileira era caracterizada neste período pelo “sexo pluriétnico e libidinoso para os homens; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja”.

### **3.2 Brasil Império e a moral médica**

A Independência do Brasil no século XIX e o crescente processo de urbanização mudaram vários costumes, mas o modelo patriarcal de viver a sexualidade permaneceu inalterado (RIBEIRO, 2004).

O Brasil acompanhou obviamente os padrões vigentes na Europa, seguindo os modelos médicos assim como a influência da Igreja Católica (RIBEIRO, 2002). Todavia, o discurso religioso começou a perder importância sendo substituído pelo discurso médico, cuja característica foi a preocupação com a higiene e a saúde (RIBEIRO, 2004).

A medicina normatizou a sexualidade, definindo os padrões patológicos e normais. Se antes alguns comportamentos sexuais eram considerados pecaminosos, agora eles serão repreendidos pelos riscos de se contrair tanto doenças orgânicas quanto mentais (RIBEIRO, 2004). Neste sentido, a medicina fez a mesma coisa que a Igreja fazia na colônia: controlar o comportamento sexual das pessoas (RIBEIRO, 2002; 2004).

Esta influência da medicina foi mais incisiva no final do século XIX, especialmente dos profissionais ligados às correntes ideológicas inspiradas nas ideias neomalthusianas<sup>11</sup> e higienistas. Esta concepção visava à plenificação familiar e a maternidade livre, controlando a natalidade e lutando contra as moléstias

---

<sup>11</sup> Estas ideias foram inspiradas em Thomas Malthus que afirmava que a superpopulação dos países era a causa do seu subdesenvolvimento.

venéreas, consideradas, naquele momento, como risco para o desenvolvimento da sociedade (WEREBE, 1998). Tendo como lema o dito latino *mens sana in corpore sano*<sup>12</sup>, a medicina higienista compreendia que era preciso prevenir a “perversão sexual”, disciplinando os comportamentos sexuais (SHWARCZ, 1993).

Todavia, se a informalidade e os costumes usuais marcaram o primeiro momento da vivência da sexualidade no Brasil, este segundo momento foi caracterizado pela documentação em tese, livros e manuais que orientavam o comportamento sexual da família brasileira. Sustentada em teorias europeias, a medicina higienista brasileira viu a masturbação infantil, chamada de onanismo, como nociva à saúde; por isso, defendeu a necessidade de intervenções na educação escolar, mantendo assim as crianças e adolescentes longe das influências que eram consideradas destrutivas para a sociedade (RIBEIRO, 2004).

#### **4. EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL**

Segundo Werebe (1998, p. 139), “a educação sexual compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade”.

Maia e Ribeiro (2012) afirmam que a educação sexual, em sua amplitude

tem um caráter não intencional e existe desde o nascimento, ocorrendo inicialmente na família e depois em outros grupos sociais. É o modo pelo qual construímos nossos valores sexuais e morais, e se constitui de discursos religiosos, midiáticos, literários etc.(p. 76).

---

<sup>12</sup> *Mente sã em corpo sadio.*

Desse modo, é importante compreender a educação sexual como um processo global que sempre existiu em todas as civilizações, assumindo diferentes características segundo cada tempo e lugar. Todavia, quando esta se transforma num objeto de ensino, a mesma requer planejamento, organização, objetivos, temporalidade e didática. E ainda mais, quando realizada dentro de uma escola, pressupõe a preparação e formação dos docentes ou outros profissionais (MAIA; RIBEIRO, 2012).

Discorrendo sobre a educação sexual escolar, afirmam Maia e Ribeiro (2012, p. 77) que esta:

[...] deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero.

A educação sexual intencional surgiu no Brasil a partir de 1900, tendo como referência as discussões realizadas pela medicina, pedagogia e psicologia, especialmente numa perspectiva higienista, identificando o desvio, o crime, a perversão, a prostituição e a loucura como efeitos indesejáveis da sexualidade (OLIVEIRA, 2012).

Figueiró (2001) afirma que já em 1915 encontra-se uma tese de Francisco Vasconcelos intitulada Educação Sexual da Mulher. Na década de 20, alguns grupos feministas já reivindicam um programa de educação sexual. A primeira tentativa de educação sexual formal num currículo escolar ocorreu na década de 30, no Colégio Batista do Rio de Janeiro.

Segundo Altmann (2001), a inserção da educação sexual nas escolas brasileiras ocorreu por volta dos anos 20 e 30, quando os problemas de “desvios

sexuais” deixam de ser percebidos como crimes para serem concebidos como doenças. Neste momento, a escola passou a ser compreendida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade das crianças e adolescentes. Já na segunda metade do século XX, a preocupação da educação sexual nas escolas foi com a gravidez na adolescência e com as doenças sexualmente transmissíveis.

#### **4.1 A década de 1960 e as primeiras propostas de educação sexual nas escolas**

Foi durante a década de 60, que vários estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte iniciaram o trabalho de educação sexual nas escolas. Segundo Ribeiro (2004), este projeto era chamado de orientação sexual para não confundir com a educação sexual proposta nas décadas anteriores. A educação sexual era compreendida como uma ação que poderia ser desenvolvida na escola de forma sistematizada, sendo organizada com a participação de professores e outros profissionais treinados para este objetivo.

Entretanto, no final da década de 60 e, especialmente 70, os acontecimentos políticos provocaram um retrocesso em todo o país com relação à educação sexual. O Golpe Militar de 1964 modificou o bom momento que vinha sendo construído, tornando inviável a continuidade deste programa (FIGUEIRÓ, 2001; LEÃO, 2009).

Em 1965, foi proibida no estado de São Paulo a transmissão de informações sobre meios anticoncepcionais e controle de natalidade, pois se

considerou que a educação sexual era contra a política de planejamento familiar pró-natalista adotada politicamente (FIGUEIRÓ, 2001).

Em 1968, foi vetado o projeto da deputada Júlia Steinbruch, que propunha a inclusão obrigatória da educação sexual nos currículos de primeiro e segundo graus (WEREBE, 1998; RIBEIRO, 2004).

Segundo Figueiró (2001), muitas experiências deste período foram encerradas e outras permaneceram na semiclandestinidade. Na década de 70, vários processos foram abertos contra as pessoas que continuaram a desenvolver estas atividades; algumas escolas foram fechadas e professores foram denunciados e processados (RIBEIRO, 2004).

Flúvia Rosemberg (apud ALTMANN, 2001) diz que no ano de 1976, a posição oficial brasileira afirmou que a família deveria ser a principal responsável pela educação sexual. No entanto, algumas exceções foram abertas dizendo que as escolas poderiam inserir alguns temas nos programas de saúde.

#### **4.2 A década de 1980 e os projetos oficiais de educação sexual nas escolas**

Foi somente a partir de 1978 que o espaço da educação sexual começou a ser reconquistado, considerando ainda a existência de alguns acontecimentos repressivos, apesar da diminuição da censura no final desta década. Em 1978, foi realizado em São Paulo o I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas, todavia, o Brasil ainda não possuía condições propícias para uma efetiva educação sexual, devido aos vários obstáculos institucionais (FIGUEIRÓ, 2001; LEÃO, 2009).

Por isso, foi apenas a partir de 1980 que se deu início aos projetos oficiais de educação sexual nas escolas. A utilização dos meios de comunicação como

rádio, televisão e revistas auxiliou no desenvolvimento do debate, especialmente, no final de década de 70 e durante a década de 80. Muitos livros foram escritos neste período dirigidos tanto para crianças, quanto para jovens e adultos. A preocupação com a gravidez precoce e a contaminação da AIDS contribuiu para que os pais, educadores e sociedade dessem maior importância ao tema (FIGUEIRÓ, 2001).

Foi no final da década de 80, que a educação sexual recebeu novamente o respaldo da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, com Paulo Freire. Marta Suplicy foi a coordenadora do projeto que contava com a presença de pedagogos, psicólogos, psicanalistas e psicodramatistas. No Rio Grande do Sul, novos projetos também foram desenvolvidos. Um deles chamado de *o Sexo em debate na escola*, tendo como referência o projeto coordenado por Marta Suplicy em São Paulo (FIGUEIRÓ, 2001).

O projeto mais longo de educação sexual desenvolvido foi em Campinas, durante os anos de 1982 e 1998, chegando inclusive a ser incluído na lei orgânica do município. Este projeto teve a preocupação com a formação e capacitação de professores, chegando a promover um encontro nacional de adolescentes, no qual tanto alunos quanto professores de todo o Brasil relataram suas experiências sobre os projetos desenvolvidos nas escolas (RIBEIRO, 2004).

#### **4.3 A década de 90 até o momento atual, pós LDB e a inserção da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais**

A década de 90 foi o momento de maior abertura e tranquilidade para o desenvolvimento da educação sexual (FIGUEIRÓ, 2001). Porém, no caso específico

de São Paulo, no ano de 1993, o então prefeito, Paulo Maluf, suspendeu o projeto, cortando a verba para o pagamento dos educadores sexuais (RIBEIRO, 2004).

Foi com a aprovação da Lei de Diretrizes de Base da Educação Brasileira (1996) e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997, que a educação sexual finalmente foi instituída oficialmente para todo o Brasil. Segundo Ribeiro (2004), a criação da LDB e a inserção da sexualidade no currículo escolar nacional constituem a última fase da educação sexual brasileira.

Os PCN da Educação Brasileira afirmam que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural (BRASIL, [2000?], p. 295).

A introdução da temática da sexualidade na educação formal do Brasil ocorreu devido às mudanças ocorridas no comportamento sexual dos jovens a partir da década de 80, mais especificamente, a preocupação com a gravidez indesejada e o risco de contaminação pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, o HIV (BRASIL, [2000?]; ALTMANN, 2001; REIS e RIBEIRO, 2002, LEÃO, 2009).

Segundo os PCN a educação sexual deve ser desenvolvida na escola, todavia esta não substitui ou exime a função da família sobre a questão. Os temas referentes à sexualidade devem ser abordados de forma transversal, ou seja, não



existe uma disciplina específica, mas a sexualidade deve perpassar todas as disciplinas do currículo (BRASIL, [2000?]; REIS; RIBEIRO, 2002).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem três eixos temáticos no tocante à educação sexual, a saber: 1) o corpo incluindo as noções, imagens, conceitos e valores a seu respeito; 2) a relação entre gênero no intuito de questionar os padrões de comportamento de homens e mulheres; 3) a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, desenvolvendo atitudes responsáveis por parte de cada indivíduo no intuito de garantir sua integridade física e psíquica, assim como os sentimentos de respeito e solidariedade (BRASIL, [2000?]; REIS; RIBEIRO, 2002).

Algumas críticas têm sido realizadas em torno dos princípios apresentados nos PCN com relação à sexualidade. Altmann (2001), analisando este documento, afirma que o mesmo tem o interesse público de dominar o corpo, regulamentando a vida das pessoas no que diz respeito à saúde pública, à natalidade, ao povoamento e, por sua vez, também à produção de riqueza e capacidade de trabalho.

Ela observa que a educação sexual proposta pelos PCN tem caráter informativo e tem indícios de abordar a sexualidade de forma normativa, vista sob o ponto de vista biológico e atrelado às funções hormonais. A autora chama atenção para a existência de um complexo aumento de controle sobre a sexualidade dos indivíduos, não exercendo tanta influência por meio de proibições e punições, mas por meio de mecanismos, métodos e práticas que têm por objetivo produzir sujeitos autodisciplinados e sujeitos às políticas públicas (ALTMANN, 2001).

A autora ainda destaca que a escola tornou-se um lugar de intervenção preventiva da medicina higiênica, cuidando da sexualidade de crianças e adolescentes no intuito de produzir comportamentos normais. Para ela, os PCN

reproduzem a ideia de educação sexual informativa, vista apenas a partir da dimensão biológica da sexualidade, com indicativos de comportamentos socialmente considerados “normais” (ALTMANN, 2001).

Braga (2006) corrobora com o mesmo pensamento ao dizer que a concepção de sexualidade apresentada nos PCN apontam para uma visão heteronormatizada das identidades sexuais, sendo um produto dos discursos dominantes na sociedade. Também afirma que a visão do documento conduz a uma concepção da higienização da sexualidade, sustentada numa visão biológica e reprodutiva.

Diz Braga (2006, p. 4) que esta educação sexual “é mais um dispositivo da pedagogia de prevenção que circula nas escolas para que os/as alunos/as aprendam a se defender do sexo, da própria sexualidade, de doenças sexualmente transmissíveis e de uma possível gravidez indesejada”. Infelizmente, diz esta autora, a educação sexual assumiu um modelo assimilacionista, no qual cabe ao aluno aprender informações e praticá-las, devendo “prevenir, normatizar e higienizar a sexualidade” (BRAGA, 2006, p. 4).

Braga (2006, p.6) identifica nos PCN uma ideologia social, afirmando que este documento tem a “intenção de estabelecer um regime de verdade heteronormativo, preventivo, higienizador e biologicista que, separados ou articulados, revelam a orientação da sexualidade desejada: uma sexualidade branca, de classe média e heterossexual”.

#### 4.4 Os desafios da educação sexual na atualidade

Quando a educação sexual intencional começou a ser desenvolvida nas escolas, houve muitas críticas e debates entre conservadores e liberais. Todavia, a questão não é ser a favor ou contra a educação sexual, tendo em vista que esta sempre existiu, independentemente das vontades dos indivíduos. Maia e Ribeiro (2012) afirmam que cada pessoa traz consigo inúmeros valores sexuais transmitidos pela cultura, sendo influenciada pela mídia e pelos grupos sociais dos quais ela faz parte. Neste sentido, o que deve ser questionado é a forma como a educação sexual tem sido desenvolvida, seguindo modelos tradicionais, estereotipados, paternalistas e primitivos, ou modelos permissivos, consumistas e quantitativos (NUNES, 1987).

O modo de viver e significar a sexualidade de cada indivíduo recebe influências da família, da escola, dos meios de comunicação, sendo um processo permeado por valores, mitos, regras, mensagens diretas ou indiretas que formam as diferentes concepções sexuais, indicando padrões de normalidade e aceitabilidade.

A família exerce um papel singular na educação sexual de um indivíduo. A educação familiar é um processo importante e talvez o mais influente sobre o desenvolvimento e a formação de opiniões, atitudes e comportamentos no domínio da sexualidade (NUNES, 1987).

A educação sexual não intencional que se realiza na família tem uma importância singular na formação da personalidade infantil, influenciando inclusive o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos (DONAHUE, et. al. 2013). Os pais são educadores tanto em suas falas quanto por meio de comportamentos, influenciando, de forma direta, na elaboração das concepções da sexualidade dos seus filhos. Eles são o primeiro modelo de homem e mulher observado e apreendido. Os conceitos

de masculinidade e feminilidade vivenciados por eles poderão ser utilizados pelos filhos como padrão para compreenderem e julgarem a realidade (WEREBE, 1998).

Ao mesmo tempo em que se percebe a importância da família na educação sexual, também se constata a dificuldade encontrada pela mesma para lidar com as questões relacionadas à sexualidade (RESSEL, et al., 2011). Segundo Levandowski e Schmidt (2010), Byers e Sears (2012), diversos estudos apontam para a forma superficial como os pais abordam o tema com os filhos, permanecendo muitos mitos, tabus, repressões e silêncios.

Nunes e Silva (2000), discutindo a importância da educação sexual, identificam cinco diferentes atitudes, tanto de pais quanto de educadores com relação à sexualidade. A primeira é chamada de autoritária e repressiva, caracterizada pelos modelos patriarcais. Neste, o homem é reconhecido pela atividade, racionalidade, curiosidade, determinação e soberania, enquanto a mulher é supostamente definida pela natureza como dócil, intuitiva, afetiva, frágil e graciosa.

A segunda atitude é a chamada omissa, ausente e permissiva. Esta perspectiva nega a existência da sexualidade infantil e identifica-se com comportamentos repressores, deixando os filhos e alunos à mercê das curiosidades, não lhes respondendo quando são questionados. A prática de reprimir, inibir ou esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maior parte das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais na adolescência (NUNES; SILVA, 2000).

A terceira é a atitude diletante e exótica. Nesta perspectiva, a sexualidade é sempre expressa de forma mágica e por meio de metáforas retiradas da similaridade com os animais ou mundos fantasiosos como a mitologia e a irrealidade. Na base desta atitude, encontra-se a concepção do desabrochar

angelical e exótico da sexualidade infantil, tratando as crianças de forma ingênua e inocente, o que poderá infantilizá-las, além de conceber a sexualidade de forma descontextualizada e distante na vida concreta dos indivíduos (NUNES; SILVA, 2000).

A quarta atitude é a delegante e patrulhadora. Nesta perspectiva, a educação sexual é delegada à escola, cabendo-lhe o processo de informação e formação básica sobre o assunto (NUNES; SILVA, 2000).

Por fim, a quinta atitude é a humanista e emancipatória, que pressupõe a autonomia e a liberdade dos sujeitos. Uma educação integral exige o cuidado para considerar todas as dimensões humanas, considerando a sexualidade uma dimensão inerente à vida humana. A educação sexual emancipatória deverá ser científica, crítica, criativa e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre (NUNES; SILVA, 2000).

A escola é um lugar importante para o desenvolvimento da educação sexual, pois além de ser um espaço “sexualizado”, contribui com a formação da identidade sexual dos indivíduos. Tanto na escola quanto na família, a educação sexual ocorre por meio de várias mediações: informações explícitas ou não, regras e valores morais, contato com os meios de comunicação, imitação de modelos de conduta, experiências pessoais relacionadas aos desejos e a sua frustração ou satisfação (NUNES, 1987; MAIA, 2010). Segundo Louro (1997), a escola não apenas reproduz ou reflete diferentes concepções de sexualidade existentes na sociedade, mas também ela própria a produz.

Maia e Ribeiro (2012) defendem a ideia de que embora a educação sexual possa ser realizada em inúmeros lugares, a escola é o espaço mais propício. Os autores justificam que em primeiro lugar a criança encontra-se na escola dos 6

aos 18 anos; segundo porque a escola tem a função social de construir um saber e de desenvolver um comportamento ético-político; e terceiro, é na escola que se espera que os indivíduos aprendam a refletir sobre a vida em sociedade, tendo como referência a cidadania e os direitos humanos, tornando-se cidadãos críticos e autônomos, desenvolvendo, portanto, uma educação sexual emancipatória.

Porém, conforme relatam Reis e Ribeiro (2002), Bonfim (2009), Costa (2009) e Silva (2010), de modo geral, os professores não estão preparados e não receberam formação adequada para desenvolver os projetos de educação sexual. Constata-se que quando surgem questões relacionadas à sexualidade no cotidiano escolar, prevalece o preconceito, o medo, a vergonha, não existindo um espaço adequado para a discussão e o diálogo. O simples silêncio de um professor ou omissão deliberada com relação ao tema, reforça a ideia de que falar sobre sexualidade continua sendo um tabu, algo secreto ou vergonhoso (WEREBE, 1998).

Além da família e da escola, a mídia também exerce grande influência na construção da sexualidade, incentivando um processo de erotização precoce das crianças, fomentando um modelo individualista de vivê-la (NUNES, 1987, LEÃO; RIBEIRO, 2011; LEÓN, 2013). Os meios de comunicação vinculam valores, normas de conduta, modelos masculinos, femininos ou homossexuais idealizados, segundo os cânones da beleza e os estereótipos relativos aos comportamentos sexuais (WEREBE, 1998).

Figueiró (2001) chama a atenção para o fato de que a educação sexual é, muitas vezes, apresentada superficialmente como liberal, quando na realidade continua sendo repressora, com nuances de crime e castigo.

Na ânsia de superar tabus repressivos da educação tradicional, a sociedade moderna não consegue fazer a crítica do modelo permissivo, consumista,

quantitativo e pornográfico dos ditames atuais. Na busca da liberdade individual e autônoma, as pessoas se tornaram presas fáceis do consumismo sexual capitalista (NUNES, 1987).

A ausência de valores éticos na formação do indivíduo, assim como respeito ao outro, levam as pessoas a buscarem o lucro e a vantagem em tudo e a qualquer preço. É importante frisar que a erotização não é o problema da sexualidade, pois esta anima os corpos e a vida, mas o problema se encontra nas relações materiais que cristalizam as interações e as tornam sem afetividade (FIGUEIRÓ, 2001).

A descompressão atual da sexualidade pode conduzir à falsa ideia de liberdade, por não proibir nada e permitir tudo, parecendo estar ingenuamente isenta de todo mecanismo de poder. Porém, como muito bem alertou Foucault, o poder está na própria descompressão sexual, controlando e impondo formas de agir e de se comportar sexualmente (FIGUEIRÓ, 2001).

Embora atualmente muitas pessoas acreditem que não haja mais repressão sexual e que a sexualidade possua maior liberdade para se exprimir, Chauí (1991) afirma que “o novo saber sobre o sexo, saber científico e objetivo, não é necessariamente e automaticamente portador do fim da repressão sexual, podendo ser apenas uma nova variante dela” (p. 22).

Percebendo as dificuldades encontradas pelas famílias, escolas e meios de comunicação para desenvolverem uma educação sexual emancipatória, crítica e livre, pode-se concordar com Nunes (1987), quando afirma que fomentar, hoje, verdadeiramente, uma educação sexual, é na realidade promover uma reeducação sexual.

#### 4.4.1 Princípios fundamentais para uma efetiva educação sexual

Tendo em vista a construção de uma educação sexual emancipatória, torna-se importante explicitar alguns princípios fundamentais necessários para sua efetivação. A primeira tarefa de toda educação sexual é refletir criticamente sobre a forma como a sexualidade foi compreendida ao longo da história, reconhecendo as diferentes significações e vivências construídas por diferentes sociedades (MAIA; RIBEIRO, 2012).

Em seguida, identificando as inúmeras distinções e singularidades desenvolvidas por diferentes culturas, a educação sexual precisa auxiliar as pessoas a compreenderem que não existe uma forma única de viver a sexualidade, mas que esta é por natureza plural e, portanto, não existe uma verdade absoluta sobre as concepções e atitudes referentes ao modo de vivê-la (MAIA, RIBEIRO, 2012).

Ela deve também contribuir com a formação dos indivíduos, elucidando concepções negativas e distorcidas recebidas durante a vida, seja na escola, na família, na mídia, na religião ou na sociedade em geral (NUNES; SILVA, 2000; LENGEN, JÄGER, KISTEMANN, 2010).

Afirmam Maia e Ribeiro (2012, p. 79):

Uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade.



Para Leão e Ribeiro (2011), quando a educação sexual não é realizada de forma crítica e construtiva, reproduzem-se os estereótipos sexistas, naturalizando a construção do significado do ser homem e ser mulher e as orientações permanecem com enfoque informativo e genitalista. Na compreensão de Bonfim (2009), Costa (2009) e Maia (2010), é esta visão de educação sexual que predomina nas escolas brasileiras, promovendo, muitas vezes, ações apenas informativas, biologizantes, higienistas e moralizantes.

Todavia, faz-se necessário que a educação sexual “vá além da informação, que ultrapasse o sentido biológico, orgânico e profilático, e que compreenda a sexualidade e a saúde sexual como uma questão inerentemente social e política” (MAIA; RIBEIRO, 2012, p. 77-78).

No âmbito escolar, a sexualidade não pode ser reduzida a uma proposta formal, curricular e restritiva, sustentada em noções higienistas e médicas. Estas propostas revelam incompreensões e superficialidades frutos de uma mentalidade fria e categorial da sociedade mecânica e deserotizada, reduzindo a sexualidade às informações biológicas e anatômicas (NUNES; SILVA, 2000).

A educação sexual não é realizada apenas por meio de palestras de um médico, religioso ou psicólogo, chamado para falar sobre sexo, métodos anticoncepcionais, HIV, aborto ou aparelhos reprodutivos masculinos e femininos. Ela não deve ser uma simples aula com informações biológicas, psicológicas e morais, mas precisa contribuir com uma visão crítica dos indivíduos sobre as construções, significações e modelos históricos e sociais relacionados às proibições e permissões, assim como o discurso tecnicista e distante que desconsidera a dimensão pessoal, afetiva e existencial da sexualidade (NUNES, 1987).

Outra questão muito importante para a eficiência da educação sexual é a formação e a qualificação do educador sexual. Para Figueiró (2001), o próprio educador precisa se reeducar, revendo continuamente seus valores e aprimorando seus conhecimentos.

O educador sexual precisa ser democrático, dialógico, promovendo a participação de todos. Não deve ser aquele que apenas transmite conhecimentos teóricos, mas propicia situações vivenciais. Este precisa conhecer as demandas dos participantes, identificando seus conhecimentos prévios, informações distorcidas, mitos ou tabus pré-existentes. Necessita criar um espaço de segurança e confiança, permitindo que as pessoas expressem seus sentimentos e dúvidas de maneira espontânea. Deve saber lidar com o confronto de opiniões diferentes, permitindo a reflexão e a aceitação de ideias contrárias e oferecendo sempre respeito ao diferente (WEREBE, 1998).

Com relação à formação do educador sexual, afirmam Maia e Riberio (2012, p. 80):

[...] a formação do educador é fundamental. Cada vez mais se torna necessário que o professor receba formação para atuar em processos de educação sexual, seja na sua formação acadêmica ou em projetos de educação continuada. Para que os professores possam compreender a manifestação da sexualidade de seus alunos e educá-los em relação a isso, é preciso que tenham clareza, tanto da abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade, quanto da compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual. Esta formação deverá instrumentalizar criticamente o professor para que possa lidar com as dificuldades naturais resultantes dos tabus e preconceitos inerentes ao sexo, ao gênero e à orientação sexual.

Por isso, trabalhando individual ou coletivamente, o educador deve fornecer informações científicas, promovendo o desenvolvimento dos aspectos afetivos relacionados à sexualidade (FIGUEIRÓ, 2001). Talvez a maior dificuldade atual seja levar as pessoas a compreenderem a significação da sexualidade e suas

manifestações, aceitando-as como fonte de prazer e satisfação, bem como compreendendo suas dimensões afetivas (WEREBE, 1998).

A educação sexual pode ser desenvolvida por muitos profissionais, entre eles, os da psicologia. A sexualidade é uma dimensão que se fundamenta na subjetividade dos indivíduos e, por isso, é também uma questão importante para a psicologia, tanto como área de pesquisa, quanto como formação dos futuros profissionais, que trabalharão com a sexualidade em sua prática diária.

## **5. PSICOLOGIA, FORMAÇÃO E SEXUALIDADE**

O ensino da psicologia tornou-se oficial no Brasil apenas na segunda metade do século XIX. Antes desse momento, ela se fazia presente apenas como disciplina complementar, em diversos campos profissionais, como: direito, filosofia, medicina, teologia moral e educação (MASSIMI, 1990). Segundo Rocha (2004), durante o século XIX a psicologia já se fazia presente de forma indireta no curso de medicina da universidade federal da Bahia, na qual foram encontradas cinquenta teses que abordavam questões psicológicas. Porém, foi com a criação da Universidade de São Paulo (1934), que a psicologia tornou-se uma disciplina obrigatória no curso de filosofia, ciências sociais e pedagogia, estando também presente em todos os cursos de licenciatura (LISBOA; BARBOSA, 2009).

Em 1946, a portaria 272, do decreto n. 9.092, instituiu a formação do psicólogo no Brasil. Este deveria cursar filosofia, biologia, fisiologia, antropologia ou estatística e realizar os cursos especializados em psicologia. Estes cursos especializados eram de curta duração, direcionados para graduados em filosofia e

pedagogia. Deve-se reconhecer que, embora o presente decreto tenha promovido o progresso da autonomização da psicologia, a mesma permaneceu como difusa e com caráter de formação superficial (LISBOA; BARBOSA, 2009).

Durante a década de 50, vários passos foram dados no intuito de regulamentar a formação do psicólogo, considerando que durante esta década, já existiam consultórios, serviços, institutos de psicologia em todo país. No ano de 1953, foi elaborado o primeiro projeto referente à regulamentação da formação e da profissão de psicólogo. Porém, apenas em 1958 este documento chegou à Câmara dos Deputados com modificações realizadas pelo então Ministério da Educação. Todavia, as modificações realizadas na proposta inicial não agradaram a Associação Brasileira de Psicólogos, que reelaborou a proposta e que também não foi aprovada pelo Ministério da Educação<sup>13</sup> (LISBOA; BARBOSA, 2009).

O primeiro curso de psicologia no Brasil se iniciou no Rio de Janeiro (PUC-RJ), no ano de 1953 (ESCH E JACÓ-VILELA, 2001). O Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo começou a funcionar em 1958. Foi apenas em 1962, com a lei n. 4.119, que a formação e a profissão de psicólogo foi regularizada no Brasil (ANTUNES, 2004; LISBOA; BARBOSA, 2009).

Durante a década de 70, houve grande crescimento de profissionais formados na área, com aumento expressivo de cursos, especialmente em universidades particulares<sup>14</sup>. A década de 80 não trouxe grandes mudanças para a formação da psicologia no Brasil, porém na década de 90, o Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais promoveram intensa mobilização, no intuito de

---

<sup>13</sup> Segundo Esch e Jacó-Vilela (2001), a não aprovação foi resultado de uma disputa corporativa, na qual os médicos queriam a exclusividade da atividade clínica.

<sup>14</sup> O curso de psicologia frequentado pelos participantes da universidade pública pesquisados neste trabalho foi criado em 1969; o curso da universidade particular 1 foi criado em 1969; e da universidade particular 2, em 2004.

debater e concretizar a formação profissional nesta área (ANTUNES, 2004; LISBOA; BARBOSA, 2009).

Em 1996, com a LDB, o Ministério da Educação instituiu uma comissão de especialistas em ensino de psicologia, que teve como principal objetivo criar as diretrizes curriculares, substituindo assim o antigo currículo mínimo (YAMAMOTO, 2000).

Em 1999, esta comissão apresentou uma minuta de resolução com as diretrizes curriculares para a formação do psicólogo no Brasil. É esta estrutura que, de forma geral, tornou-se a versão definitiva aprovada no dia 15 de maio de 2004, por meio da resolução n. 8 (LISBOA; BARBOSA, 2009).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2004) dos cursos de psicologia não abordam especificamente o tema da sexualidade, mas dão as normativas gerais que devem guiar todos os cursos e temas neles abordados.

O terceiro e o sexto artigo das diretrizes afirmam que o psicólogo deve compreender os múltiplos fatores referenciais, apreendendo o fenômeno psicológico em sua interface com as questões biológicas e sociais. Dizem que o psicólogo precisa compreender criticamente os fenômenos sociais, culturais e políticos do país, sendo estes fundamentais para o exercício da cidadania e da profissão. Todos esses princípios são pressupostos que fundamentam a prática do psicólogo e podem ser aplicados também ao modo como este profissional deve compreender a sexualidade.

Além das diretrizes, os três primeiros princípios fundamentais do Código de Ética do Psicólogo indicam pressupostos básicos necessários a todo profissional, que em sua prática também estiver diante das questões relacionadas à sexualidade. Nestes, se diz que o psicólogo deve trabalhar com respeito na promoção da

liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, além de promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas, eliminando qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Compete ao psicólogo atuar com responsabilidade social, analisando criticamente e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

Destaca-se ainda que conforme afirma o art. 2º, alínea b, do código de ética do psicólogo, este profissional não pode induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais.

Neste mesmo sentido, a resolução nº 1, de 1999, do Conselho Federal de Psicologia, também afirma que cabe ao psicólogo, enquanto um profissional que é continuamente interpelado pelas questões relacionadas à sexualidade, promover o bem-estar das pessoas e da humanidade (art. 1), refletindo sobre os preconceitos e auxiliando no processo de questionamento das discriminações e estigmatizações contra as práticas homossexuais (art. 2), não exercendo qualquer ação que favoreça a patologização dos comportamentos e práticas homossexuais, nem adotando práticas coercitivas com relação à orientação sexual de cada indivíduo (art. 3). O parágrafo único afirma que o psicólogo não colaborará com eventos ou serviços que proponham a cura da homossexualidade.

A Declaração dos Direitos Sexuais, ocorrido em Valência, Espanha, no ano de 1997, afirma que a sexualidade é parte integral da personalidade de todo ser humano. Neste sentido, o desenvolvimento da mesma torna-se objeto de estudo e de cuidado da psicologia enquanto ciência, pois o bem-estar individual, interpessoal e social pressupõe o pleno desenvolvimento da sexualidade. Os princípios defendidos nesta declaração correspondem ao direito à liberdade sexual, assim

como à autonomia, integridade e segurança do corpo; o direito à privacidade, ao prazer e à expressão sexual, à escolha reprodutiva livre e responsável, à informação baseada no conhecimento científico, à saúde sexual e à educação sexual compreensiva.

O I Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual, ocorrido na Universidade de Aveiro, Portugal (2010), em concordância com a declaração dos direitos sexuais, reafirmou a ideia de que a sexualidade é uma dimensão intrínseca ao ser humano, devendo a educação sexual ser integral, abrangente, cientificamente fundamentada, considerando a realidade cultural ser sustentada nos princípios universais dos direitos humanos. Neste evento, também se propôs que a educação sexual esteja presente em todos os currículos escolares, em todos os níveis, desde a infância até o ensino superior (MAIA; RIBEIRO, 2012).

Muitos profissionais, especialmente os da saúde, lidam diariamente com situações que exigem conhecimentos, habilidades técnicas e pessoais para abordar a questão da sexualidade. Embora se reconheça esta necessidade, a sexualidade, efetivamente, permanece ausente na maioria destes cursos superiores no Brasil.

Pesquisas apontam que na pedagogia (COSTA, 2009; LEÃO, 2009, SILVA, 2010) e nos cursos de licenciatura em biologia (BONFIM, 2009), se reconhece que o conhecimento sobre sexualidade é praticamente inexistente durante o processo formativo. Grande parte dos profissionais não tem conhecimento sobre o tema, o que proporciona distorções e informações equivocadas em suas práticas profissionais.

É importante esclarecer que o psicólogo em todos os seus campos de trabalho é educador e lida cotidianamente com as questões relacionadas à sexualidade. Isso pressupõe que o mesmo esteja qualificado profissionalmente para

abordar a questão de maneira crítica, proporcionando um diálogo aberto e sem preconceito, oferecendo informações adequadas, esclarecendo dúvidas, respeitando a diversidade sexual e auxiliando as pessoas a fazerem escolhas livres e conscientes.

Todavia, Dias (2001) afirma que grande parte dos estudantes de psicologia termina sua formação profissional com vários estereótipos e preconceitos relativos à prática sexual. Rabelo e Lima (2011) realizaram uma pesquisa com estudantes de psicologia, fisioterapia e enfermagem sobre os conhecimentos e atitudes dos participantes sobre a sexualidade das pessoas idosas e indicaram que os estudantes de psicologia tiveram o menor conhecimento também nas questões de ordem psicológica e social que interferem na vida sexual do idoso. Paiva (2008) afirma que os psicólogos deveriam ser os profissionais mais bem preparados para lidar com as questões relacionadas à sexualidade. Porém, na opinião da autora, não é esta a realidade.

Os psicólogos são frequentemente chamados a se pronunciarem com relação à subjetividade humana, de forma especial sobre a sexualidade. A concepção e postura do profissional diante deste assunto não é apenas teórica, mas também é influenciada pelos valores da própria pessoa do psicólogo. É neste sentido, que a concepção do profissional da psicologia não pode ser simplesmente heteronormativa, marcada apenas por sua opinião, mas precisa ser crítica e possuir embasamento científico, refletindo sobre os processos de naturalização que buscam legitimar o exercício dos dispositivos de controle da sexualidade (CASSAL; GARCIA; BICALHO, 2011).

O problema é, como afirma Patto (1999), que a psicologia sempre exerceu influência sobre a educação, especialmente sobre o exercício normatizador



e disciplinar das práticas pedagógicas, de tal forma que muitas vezes a psicologia se confundiu com a própria história da disciplinarização e da higienização dos sujeitos escolares, fato este que é incompatível com os pressupostos da educação sexual.

Dinis (2012) realizou um estudo com o objetivo de investigar se a formação dos cursos de psicologia estava contemplando as discussões em torno da diversidade sexual e do gênero. Para tanto, pesquisou 103 alunos de um curso de psicologia de uma universidade pública, entre os anos de 2005 a 2007, que estavam cursando o quarto ano do curso de psicologia. Os resultados desta pesquisa apontam que embora exista uma rejeição com relação a posturas preconceituosas acerca das minorias sexuais e de gênero, existe a reprodução do discurso politicamente correto, sem uma mudança significativa da concepção binária acerca da produção da identidade sexual e de gênero, ou até mesmo sobre as novas configurações familiares. Segundo o autor, é necessário conhecer, discutir e analisar a formação dos futuros profissionais da psicologia, tornando a psicologia mais crítica, contribuindo efetivamente com os educadores nos processos psicossocioculturais que se relacionam durante a construção das representações sexuais e de gênero, questionando os padrões heteronormativos como critério único e verdadeiro para viver a sexualidade (DINIS, 2012).

Lisboa e Barbosa (2009), discutindo sobre a formação do psicólogo no Brasil, afirmam que esta é deficitária no que se refere tanto à formação técnica quanto à formação epistemológica e científica. Os mesmos autores ainda dizem que existe uma grande distância entre a formação acadêmica do profissional da psicologia e as demandas da realidade profissional. Narvaz (2009) chama atenção para a invisibilidade da discussão e do estudo sistemático e científico da questão do gênero na psicologia acadêmica.

É diante destas questões que o presente estudo pretende contribuir para conhecer as concepções dos estudantes de psicologia sobre a sexualidade, identificando facilidades e dificuldades dos mesmos para abordar este tema. Estas informações poderão auxiliar os futuros profissionais a refletirem sobre a importância de uma atuação crítica, científica e sistemática, com objetivo de garantir a expressão e a vivência da sexualidade de forma livre e autônoma, diminuindo os preconceitos, garantindo os direitos dos indivíduos e a inclusão dos que sofrem qualquer discriminação sexual.

## **6. OBJETIVOS**

### **6.1 Objetivo geral**

- Investigar os relatos dos estudantes de psicologia sobre sexualidade, considerando as influências do curso sobre sua formação pessoal e profissional.

### **6.2 Objetivos específicos**

- Identificar e explicitar as concepções dos estudantes de três cursos sobre sexualidade.
- Explicitar as facilidades e dificuldades dos estudantes para abordar o tema sexualidade.
- Identificar a influência do curso de psicologia sobre a concepção de sexualidade dos seus estudantes.
- Identificar e comparar as diferentes perspectivas sobre sexualidade entre diferentes cursos de psicologia.

## 7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se classifica como um estudo de levantamento, de caráter descritivo e comparativo (GIL, 2010; APPOLINÁRIO, 2011).

Todos os procedimentos éticos previstos para a pesquisa com seres humanos foram respeitados, sendo o projeto de pesquisa enviado para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru - SP, do qual recebeu aprovação para realização por meio do parecer de número 430.898, de 12 de setembro de 2013 (APÊNDICE A).

### 7.1 Participantes

Participaram deste estudo 111 alunos regularmente matriculados em cursos de psicologia, seguindo uma amostragem não probabilística, por conveniência (COZBY, 2006; LANKSHER e KNOBEL, 2008; APPOLINÁRIO, 2011). Os participantes da pesquisa foram alunos do 4º ano (8º semestre) de três diferentes instituições, localizados na cidade de Bauru-SP, a saber: uma universidade pública (UPu: 30 participantes) e duas universidades particulares: UP1 (UP1: 52 participantes) e UP2 (UP2: 29 participantes).

A escolha das instituições foi realizada pelo pesquisador e seu orientador, tendo como critério de seleção a existência de uma disciplina curricular sobre sexualidade na universidade pública e a inexistência de disciplinas curriculares especificamente sobre sexualidade nas duas universidades particulares, no intuito de identificar semelhanças e diferenças entre as referidas instituições.

Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa, considerando os seguintes critérios de inclusão: ser discente matriculado regularmente na instituição pesquisada e pertencer ao 4º ano do curso de psicologia, tendo em vista que neste momento do curso os participantes já cursaram as disciplinas teóricas da grade curricular.

## **7.2 Local**

Os dados da pesquisa foram coletados nas salas de aula dos cursos selecionados. Antes do desenvolvimento da pesquisa foi entregue uma cópia do projeto para o coordenador de curso de cada instituição de ensino, sendo solicitada a aprovação dos mesmos antes da sua aplicação.

## **7.3 Material: instrumento para coleta de dados**

Foi utilizado como instrumento para coleta de dados o questionário semiestruturado (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010), elaborado pelo pesquisador e seu orientador, tendo em vista as seguintes categorias de informação:

(1) Dados gerais: a) sexo, b) idade, c) religião, d) estado civil.

(2) Aspectos relativos à sexualidade: a) concepções de sexualidade; b) influências na educação sexual do participante; c) relação curso de psicologia e sexualidade; d) facilidade e dificuldade para abordar o tema sexualidade (APÊNDICE B).

Esse instrumento foi testado por meio de aplicação piloto para que sua funcionalidade fosse avaliada, não havendo alteração após sua primeira aplicação.

#### **7.4 Procedimentos de coleta**

O questionário foi aplicado coletivamente, durante as aulas, na sala de aula, com o consentimento prévio do coordenador do curso e do devido professor, garantindo um ambiente silencioso e propício para a coleta de dados, resguardando a ética e a privacidade.

O pesquisador apresentou o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C), em duas vias, que foram assinadas tanto pelo pesquisador quanto pelo participante, permanecendo uma via com cada um.

#### **7.5 Análise dos dados**

A análise dos dados coletados foi realizada de forma quanti-qualitativa (GOLDENBERG, 2002). Inicialmente, as questões abertas foram categorizadas, tendo em vista a posterior interpretação dos resultados. A categorização das respostas foi realizada por meio do seguinte procedimento: inicialmente, foi realizada leitura flutuante dos dados no intuito de apreender e organizar de forma não estruturada as principais ideias e os significados gerais de cada resposta. Em seguida, foi realizada segunda leitura das respostas, sendo identificadas as principais categorias gerais e subcategorias. Por fim, na terceira e última leitura, cada resposta foi identificada a partir das categorias e subcategorias.

A análise quantitativa ocorreu por meio do programa BioEstat 5.0, sendo os dados submetidos à análise estatística descritiva (COZBY, 2006). Os resultados também foram submetidos à comparação estatística não paramétrica, por meio do teste de Mann-Whitney, confrontando as respostas fornecidas pelos diferentes

cursos, sendo considerado significativo o valor de  $p < 0,05$  (APPOLINÁRIO, 2011). Também foram realizadas correlações por meio do índice de Correlação Linear de Spearman.

## 8. RESULTADOS

### 8.1 Caracterização da amostra

Os participantes do estudo somaram um total de 111 pessoas, sendo 52 participantes da UP1 (46,84%), 29 UP2 (26,12%) e 30 participantes da UPU (27,02%).

A idade dos participantes variou de 21 a 45 anos; 84 participantes possuíam idade entre 21 e 25 anos; 16 entre 26 e 30 anos; 8 entre 31 e 35 anos; 3 entre 36 e 40 anos; e apenas 1 participante possuía 45 anos. Uma pessoa não respondeu a questão. A média de idade dos participantes da UP1 foi de 24,75 anos; da UP2 foi de 25,92 anos; e UPU foi de 23,16 anos.

Com relação ao sexo, 26 participantes (23,42%) eram homens e 85 participantes (76,57%) eram mulheres. Entre os homens, 11 eram da primeira universidade particular, 6 da segunda universidade particular e 9 da UPU. Entre as mulheres, 41 eram da primeira universidade particular, 23 da segunda universidade particular e 21 da UPU.

Com relação à religião, 55 (49, 54%) dos participantes se declararam Católicos; 15 (13,51%) Evangélicos; 9 (8,10%) Espíritas; 2 (1,80%) Cristãos; 1 (0,90%) Umbandista; 1 (0,90%) Adventista; 1 (0,90%) Gnóstico; 14 (12,61%) se declararam ateus ou sem religião e 13 (11, 71%) não responderam a questão.

Entre os participantes, 92 pessoas (82,88%) se declararam solteiros; 11 casados (9,90%); 4 divorciados (3,60%); 1 em união estável (0,90%); 1 viúvo (0,90%) e 2 pessoas não responderam (1,80%).



## 8.2. Categorias de análise

Após a leitura e análise das respostas fornecidas pelos participantes, foram estabelecidas cinco grandes categorias de análise: categoria 1: Biológica; categoria 2: Cultural; categoria 3: Psíquica; categoria 4: Conceito amplo; e categoria 5: outros<sup>15</sup>.

## 8.3 Concepção de sexualidade

A Tabela 1 apresenta as respostas fornecidas pelos participantes com relação às diversas concepções de sexualidade. Pode-se observar que os dados gerais apresentam a sexualidade em suas dimensões biológica (26,81%), cultural (22,27%), psíquica (25,00%) e conceito amplo (24,54%) com índices muito próximos. Ao mesmo tempo, algumas distinções se tornam perceptíveis, como: a dimensão biológica (30,84%) e psicológica (29,90%) foram as mais indicadas entre os participantes da UP1, enquanto o conceito amplo (30,76%) foi na UP2, e a categoria cultural (35,93%) na UPu.

Tabela 1: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: O que você entende por sexualidade?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	30,84%	17,30%	26,56%	26,81%
<b>Cultural</b>	14,95%	21,15%	35,93%	22,27%
<b>Psicológico</b>	29,90%	25,00%	15,62%	25,00%
<b>Conceito Amplo</b>	24,29%	30,76%	21,87%	24,54%
<b>Não respondeu</b>	0,00	5,76%	0,00	1,36%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

<sup>15</sup> Confira no apêndice D, um quadro exemplificando as categorias, subcategorias e alguns exemplos de cada resposta fornecida pelos participantes.

Na categoria biológica, a subcategoria mais citada, 20 vezes (20<sup>16</sup>), foi a que reconhece a sexualidade como um instinto sexual, energia sexual, desejo, masturbação e prazer, considerando estas questões como necessidades básicas do ser humano (Vide Apêndice E, Tabela 1).

Com relação à categoria cultural, a subcategoria mais indicada pelos participantes foi a de gênero e identidade de gênero (30). Na categoria psicológica, a subcategoria mais citada foi: identidade; subjetividade; íntimo de cada ser humano e personalidade (16); e a subcategoria que compreende a sexualidade como afeto, amor, carinho e sentimento em relação a outra pessoa (14).

Na quarta categoria (conceito amplo) a subcategoria mais citada foi a que compreende a sexualidade não apenas como ato sexual, mas como algo que está além do sexo e que integra todo prazer corporal (26).

Tabela 2: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Na sua opinião, o que caracteriza a sexualidade feminina?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	20,77%	30,55%	21,27%	24,66%
<b>Cultural</b>	24,67%	22,22%	31,91%	21,33%
<b>Psicológico</b>	33,76%	8,33%	27,65%	28,00%
<b>Conceito amplo</b>	18,18%	25,00%	12,76%	19,33%
<b>Outros</b>	2,59%	2,77%	6,38%	4,00%
<b>Não respondeu</b>	0,00%	11,11%	0,00%	2,66%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

<sup>16</sup> Todos os números entre parênteses referem-se à frequência absoluta das respostas.

A Tabela 2 apresenta a resposta dos participantes sobre as características da sexualidade feminina, sendo esta a segunda pergunta do questionário. Os dados gerais indicam que a categoria biológico (24,66%), cultural (21,33%), psicológico (28,00%), conceito amplo 19,33% receberam respostas estatisticamente equivalentes. Porém, ao considerar as diferenças entre os participantes, a categoria psicológica (33,76%) foi a mais citada entre os participantes da UP1, a biológica (30,55%) entre os da UP2, e a cultural (31,91%) entre a UPu.

Na categoria biológica, a subcategoria mais indicada foi a que reconhece a sexualidade feminina com os órgãos sexuais (26). Com relação à categoria cultural, a subcategoria mais citada foi a que reconhece a influência social e cultural no modo de vivenciar a sexualidade feminina (21). Outra subcategoria também bastante citada foi a que identifica o modo de se vestir, de se cuidar; a vaidade e a sedução como características da sexualidade feminina (11) (Vide Apêndice E, Tabela 2).

Com relação à categoria psicológica, a subcategoria mais explicitada foi a que reconhece a “sensibilidade”, “delicadeza”, “afeto”, “carinho”, “emoção”, “sentimento”, “fantasias romantizadas”, sendo mais “simbólica” e “voltada ao coração” (19). Outra subcategoria também muito citada foi a que reconhece a mulher como “passiva”, “sem iniciativa”, “reservada”, “respeitosa”, “repressiva”, “tímida”, “flexível”, “não podendo demonstrar interesse sexual” (11).

As características da sexualidade masculina foram sintetizadas na tabela 3. As respostas indicam que a categoria biológica recebeu 34,50% das respostas, seguida pela categoria cultural que obteve 33,80% das respostas, enquanto a categoria psicológica obteve apenas 9,15% das respostas; conceito amplo, 13,38%

e a categoria outros, 6,33%. Ao serem comparados as respostas dos diferentes grupos, identifica-se que a categoria biológica na UP1 (38,88%) e na UP2 (35,71%) foram as mais indicadas, enquanto a dimensão cultural foi a mais significativa na UPU (45,23%).

Tabela 3: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: O que caracteriza, na sua opinião, a sexualidade masculina?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	38,88%	35,71%	26,19%	34,50%
<b>Cultural</b>	33,33%	17,85%	45,23%	33,80%
<b>Psicológico</b>	9,72%	10,71%	7,14%	9,15%
<b>Conceito amplo</b>	11,11%	28,57%	7,14%	13,38%
<b>Outros</b>	4,16%	3,57%	11,90%	6,33%
<b>Não respondeu</b>	2,77%	3,57%	2,38%	2,81%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Na categoria biológica, a subcategoria corpo e órgãos sexuais também foi a mais citada (21). Na categoria cultural, a subcategoria influência cultural e social obteve o maior número de indicações (23). Em seguida, nesta mesma categoria, a segunda subcategoria mais explicitada foi a que identifica a sexualidade masculina como menos sutil, que pode tudo e pode fazer mais; sendo natural, sem preconceito mito ou tabu. As respostas indicam que o homem pode falar palavrões, sendo mais direto, ativo, apresentando comportamento agressivo. É ele que toma atitude e quando criança brinca de carrinho, vídeo game e futebol (14) (Vide Apêndice E, Tabela 3).

Na categoria psicológica, a subcategoria mais indicada aponta como característica da sexualidade masculina a “razão”, a “falta de maturidade”, assim como a “impulsividade”, o “imediatismo”, a “postura mais rígida” e “liberal” (8).

#### 8.4 Influências sobre o comportamento e informação sexual

A Figura 2 considera a resposta de todos os participantes conjuntamente e indica algumas influências que contribuíram para o desenvolvimento do comportamento sexual. A família foi a instituição mais citada (21,89%), seguida pelos amigos (19,37%), pela escola (16,22%), pelos meios de comunicação (15,55%), pela religião (13,50%), pelo curso de psicologia (12,36%) e outros (1,06%). Alguns participantes ainda citaram outras respostas que se encontram na categoria outros, como: própria percepção, ideia ou opinião pessoal sobre o sexo.

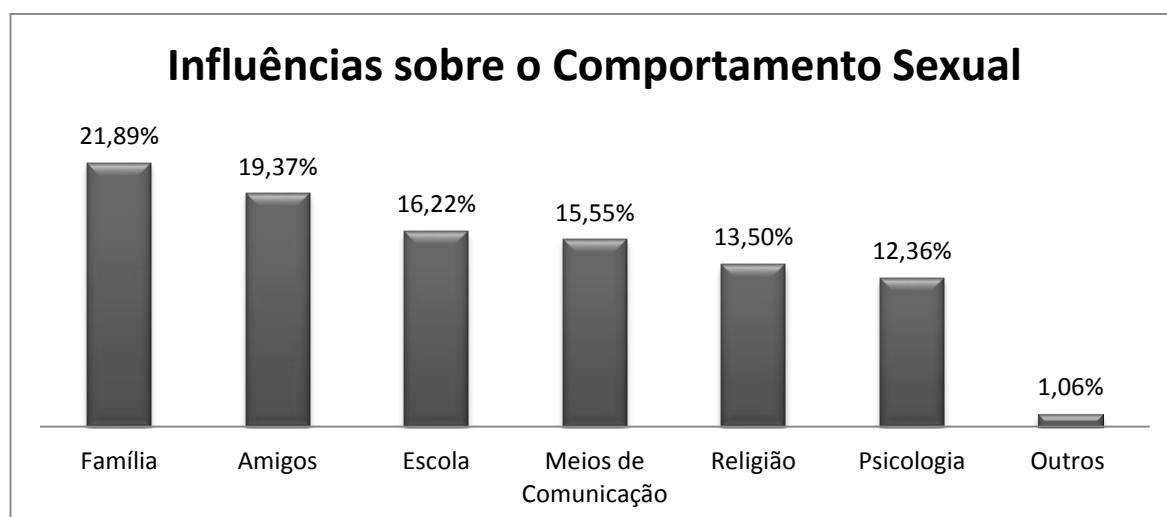


Figura 2: Influência sobre o desenvolvimento do comportamento sexual dos participantes homens e mulheres, considerando-se os três cursos pesquisados.

A Figura 3 apresenta as respostas desta mesma questão, indicando as diferenças de respostas de cada grupo pesquisado. A família foi a instituição que mais influenciou o comportamento sexual segundo as respostas dos três cursos, seguida pelos amigos. A influência do curso de psicologia foi maior entre os participantes da UPu (15,52%) do que entre a UP1 (12,31%) e a UP2 (9,58%).

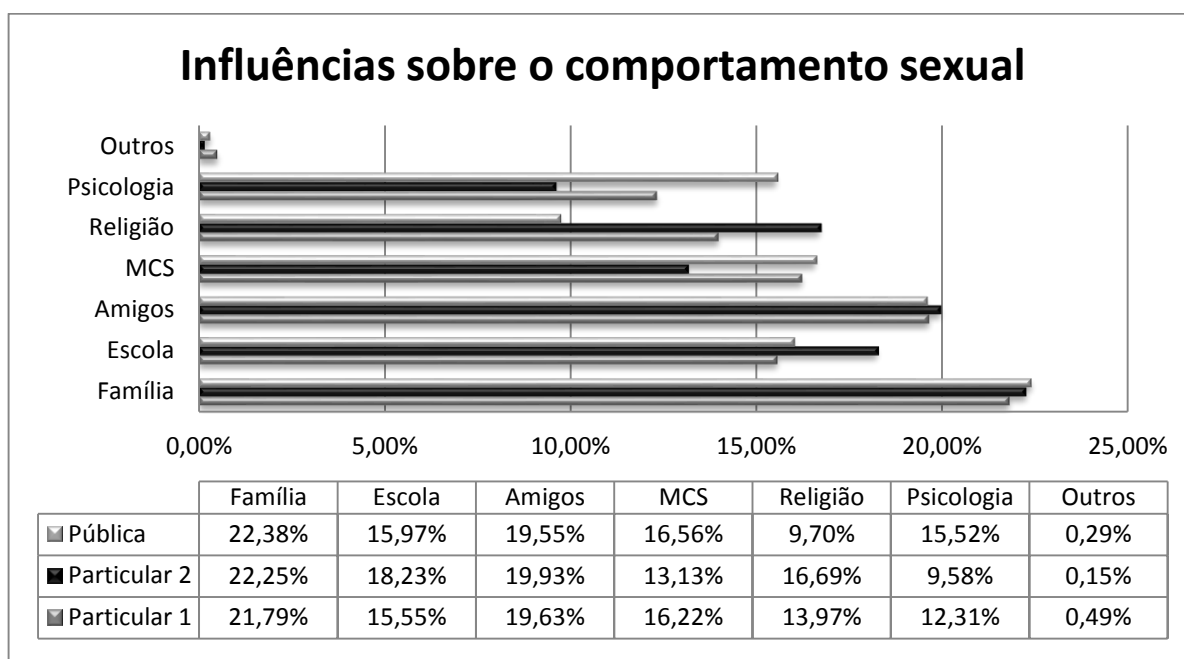


Figura 3: Influência sobre o desenvolvimento do comportamento sexual dos participantes, considerando-se individualmente as três instituições.

A Tabela 4 apresenta a comparação entre as influências sobre o comportamento sexual, considerando as respostas individuais de cada grupo participante da pesquisa.

Tabela 4: Comparação por meio do teste de Mann-Whitney das influências sobre comportamento sexual entre as faculdades, considerando-se como significativos valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

	Comparação	Valor <i>U</i>	Valor de <i>p</i> (bilateral)	Resultado
<b>Família</b>	Part.1/Part 2	701,50	0,6050	NS*
	Part.1/Púb.	729,00	0,6234	NS
	Part.2/Pub	432,00	0,9637	NS
<b>Escola</b>	Part.1/Part 2	616,50	0,1756	NS
	Part.1/Púb.	774,00	0,9539	NS
	Part.2/Pub	358,50	0,2461	NS
<b>Amigos</b>	Part.1/Part 2	726,00	0,7827	NS
	Part.1/Púb.	773,50	0,9501	NS
	Part.2/Pub	423,50	0,8616	NS
<b>MCS</b>	Part.1/Part 2	584,50	0,0950	NS
	Part.1/Púb.	762,50	0,8662	NS
	Part.2/Pub	345,00	0,1724	NS
<b>Religião</b>	Part.1/Part 2	633,50	0,2353	NS
	Part.1/Púb.	551,00	0,0275	S**
	Part.2/Pub	215,50	0,009	S
<b>Psicologia</b>	Part.1/Part 2	527,00	0,0253	S
	Part.1/Púb.	603,50	0,0893	NS
	Part.2/Pub	234,00	0,0023	S
<b>Outros</b>	Part.1/Part 2	693,00	0,5479	NS
	Part.1/Púb.	742,00	0,7145	NS
	Part.2/Pub	421,00	0,8319	NS

\* NS = Não Significativo

\*\* S= Significativo

Constata-se que as instituições família, escola, amigos, meios de comunicação não tiveram respostas significativamente relevantes, comparando os três grupos pesquisados. Porém, a influência da religião sobre os participantes da UP2 (16,69%) foi maior do que na UP1 (13,97%) e maior do que na UPU (9,70%).

A Figura 4 apresenta o resultado geral de todos os pesquisados sobre as influências do conhecimento da sexualidade entre os participantes. De forma geral, os amigos foram indicados como os mais influentes no conhecimento da sexualidade, seguido pela escola, pelos meios de comunicação, pela família, pelo curso de psicologia e pela religião. A categoria outros apontou para a percepção ou

a experiência pessoal dos próprios participantes sobre o conhecimento a respeito da sexualidade.

Ao comparar com os dados referentes à influência no comportamento sexual, percebe-se que a família possui menos influência do que os amigos e os meios de comunicação sobre os conhecimentos a respeito da sexualidade. Outro dado importante a ser destacado é que o curso de psicologia exerce maior influência do que a religião no tocante ao conhecimento da sexualidade, segundo as repostas dos participantes.

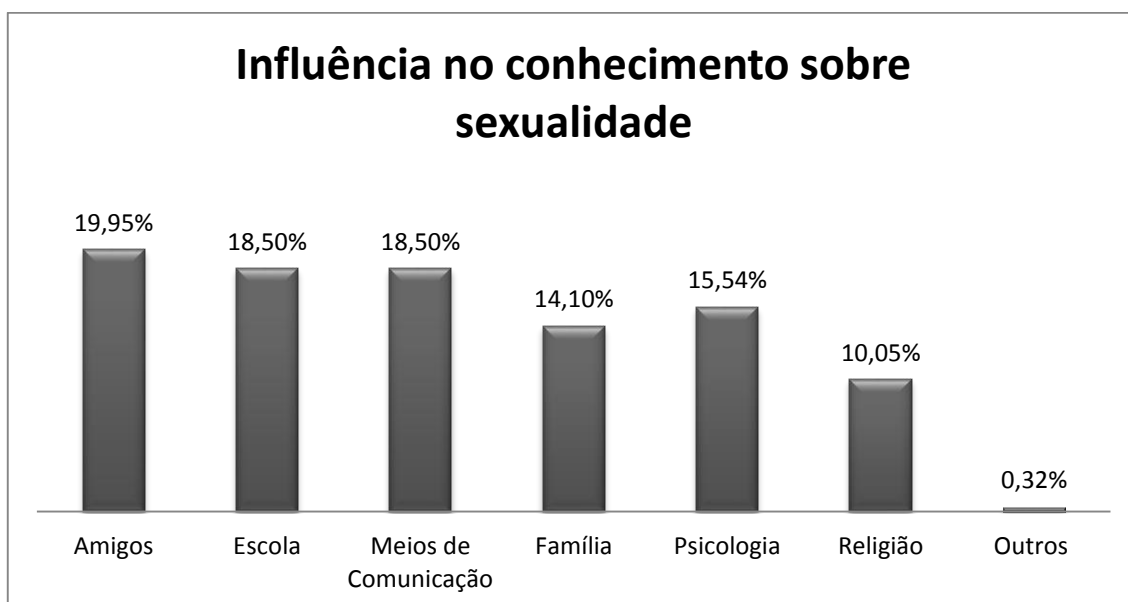


Figura 4: Influência sobre conhecimento da sexualidade dos participantes, considerando o conjunto dos três cursos pesquisados.

A Figura 5 indica os resultados fornecidos individualmente por cada grupo de participantes com relação à influência sobre o conhecimento a respeito da sexualidade. Segundo os participantes da UP1, o curso de psicologia só é mais influente do que a religião e menos influente do que os amigos, os meios de comunicação, a família e a escola. Já para os participantes da UP2, o curso de psicologia é menos influente no conhecimento sobre a sexualidade do que todas as



outras instituições, inclusive a religião. Porém, para os participantes da UPU, o curso de psicologia é mais influente do que todas as outras instituições.

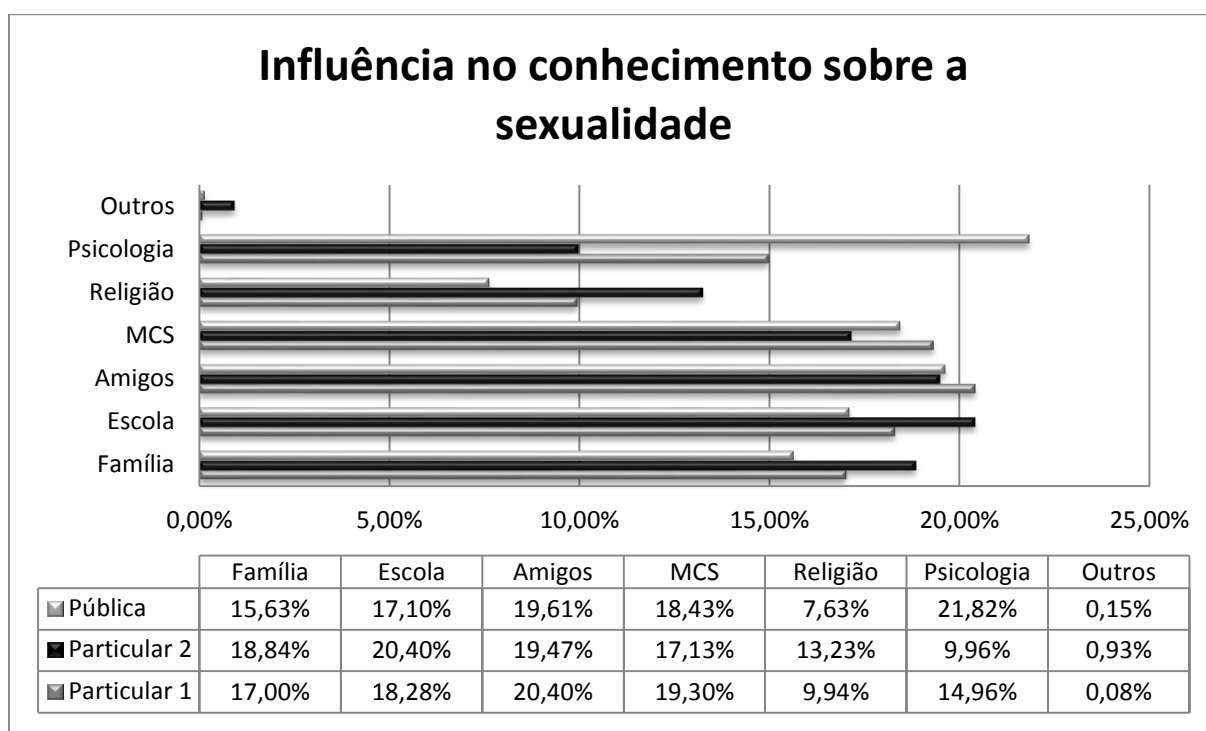


Figura 5: Influência sobre o conhecimento a respeito da sexualidade, considerando-se os três cursos individualmente

A análise estatística apresentada na Tabela 5 indica que as diferenças entre as universidades no tocante à família, escola, amigos e meios de comunicação não foram significativas. Já com relação à religião, a influência desta foi mais significativa sobre os participantes da UP1 do que sobre a UPU ( $U= 549,00$ ;  $P= 0,0265$ ). O mesmo resultado apresentou diferença significativa entre a UP2 e a UPU ( $U= 124,00$ ;  $P = 0,0001$ ). Com relação ao curso de psicologia, este foi significativamente mais relevante sobre os participantes da UP1 comparado à UP2 ( $U= 441,50$ ;  $P= 0,0021$ ); assim como também foi mais significativo sobre o conhecimento dos participantes da UPU em comparação com a UP1 ( $U=418,00$ ;  $P= 0,0005$ ) e também com relação a UP2 ( $U=124,00$ ;  $P= 0,0001$ ).

Tabela 5: Comparação através do teste de Mann-Whitney das influências sobre o conhecimento sexual entre as faculdades, considerando-se, como significativos, valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

	Comparação	Valor U	Valor de P	Resultado
Família	Part.1/Part 2	664,00	0,3753	NS
	Part.1/Púb.	697,50	0,4271	NS
	Part.2/Pub	327,50	0,1031	NS
Escola	Part.1/Part 2	639,00	0,2573	NS
	Part.1/Púb.	685,00	0,3604	NS
	Part.2/Pub	323,00	0,0895	NS
Amigos	Part.1/Part 2	690,50	0,5316	NS
	Part.1/Púb.	719,50	0,5603	NS
	Part.2/Pub	426,50	0,8975	NS
MCS	Part.1/Part 2	612,00	0,1619	NS
	Part.1/Púb.	725,00	0,5965	NS
	Part.2/Pub	387,50	0,4714	NS
Religião	Part.1/Part 2	573,50	0,0754	NS
	Part.1/Púb.	549,50	0,0265	S
	Part.2/Pub	215,00	0,009	S
Psicologia	Part.1/Part 2	441,50	0,0021	S
	Part.1/Púb.	418,00	0,0005	S
	Part.2/Pub	124,50	0,0001	S
Outros	Part.1/Part 2	716,00	0,7082	NS
	Part.1/Púb.	769,00	0,9157	NS
	Part.2/Pub	419,00	0,8083	NS

### 8.5 Categorização da própria sexualidade

A Figura 6 apresenta a autodenominação dos participantes com relação à forma como se percebem diante da própria sexualidade: 7,20% se declarou conservador, 9,90% parcialmente conservador, 30,63% moderado, 38,73% parcialmente liberal e 13,51% totalmente liberal. Neste aspecto, segundo a própria classificação dos participantes, a maioria, 52,24%, dos participantes, considerou-se liberal; enquanto 17,10% consideram-se conservadores, assim como 30,63% não se considera nem liberal, nem conservador, mas moderado.

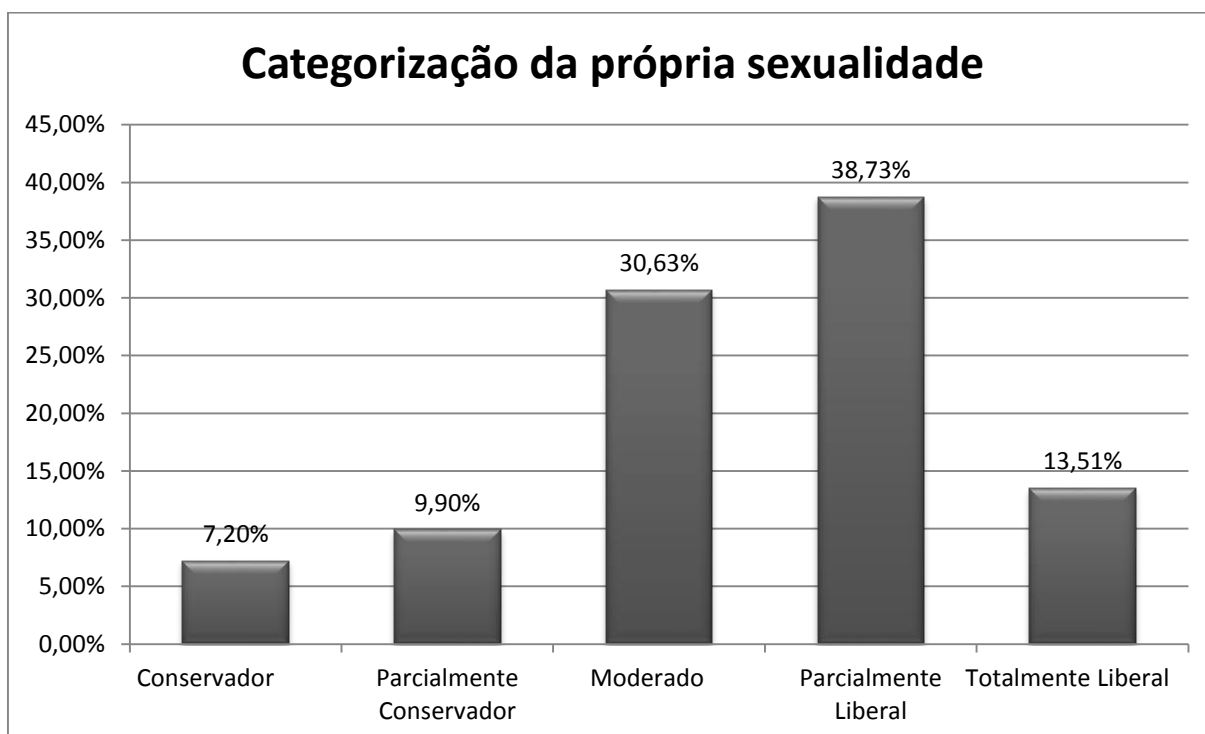


Figura 6: Total percentual geral sobre a categorização a respeito da sexualidade dos participantes, considerando-se as três instituições pesquisadas

A Figura 7 apresenta a autodenominação, considerando individualmente cada curso pesquisado. Os dados indicam que enquanto os estudantes das universidades particulares se consideram mais conservadores, os estudantes da UPu se consideram mais liberais. Enquanto apenas 6,66% dos estudantes da UPu se consideram conservadores ou parcialmente conservadores, 20,68% dos estudantes da UP2 e 21,14% da UP1 se consideram conservadores ou parcialmente conservadores. Se 50% dos estudantes da UPu se consideram liberais, apenas 27,58% da UP2 e 38,46% da UP1 também assim se consideram.

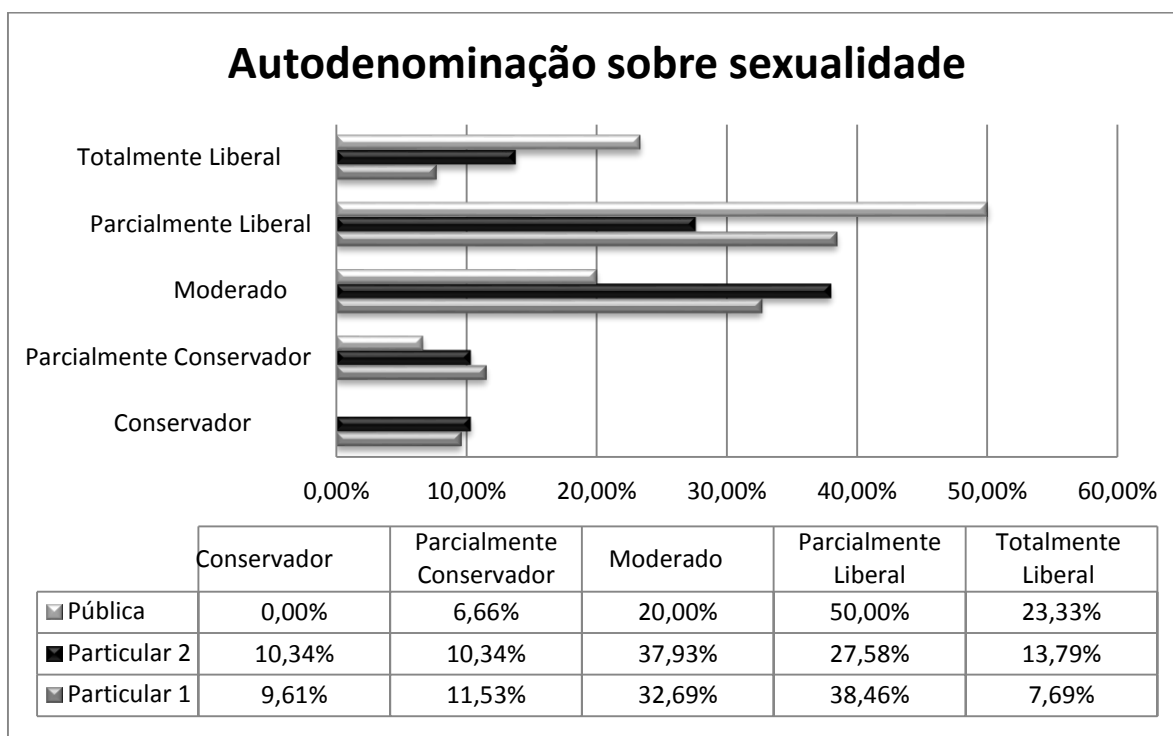


Figura 7: Total percentual sobre a autodenominação a respeito da liberdade sexual, considerando-se os três cursos individualmente.

A Tabela 6 apresenta a comparação entre as universidades, considerando a autodenominação dos participantes com relação à sexualidade. A comparação entre as duas universidades particulares não se mostrou significativa ( $U=750,00$ ;  $P= 0,9686$ ), porém as duas comparações entre as universidades particulares e a pública, sim. A comparação entre UP1 e UPu indicou  $U= 507,00$  e  $P= 0,0086$ ; e a comparação entre UP2 e UPu, indicou  $U=288,00$  e  $P= 0,0258$ . Dessa forma, pode-se inferir que, segundo as respostas fornecidas pelos participantes, estes da UPu se autodenominaram mais liberais e menos conservadores do que os estudantes das duas universidades particulares.

Tabela 6: Comparação entre as universidades, pelo Teste de Mann-Whitney, sobre a autodenominação liberal/conservador sobre sexualidade, considerando-se significativos valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

<b>Comparação</b>	<b>Valor U</b>	<b>Valor de P</b>	<b>Resultado</b>
Particular1 / Particular 2	750,00	0,9686	NS
Particular1 / Pública	507,00	0,0086	S
Particular 2 / Pública	288,00	0,0258	S

A Tabela 7 apresenta a classificação do exemplo utilizado pelos participantes para a autodenominação fornecida na resposta da questão 6. A maioria das respostas justificou a posição liberal (54,34%).

Tabela 7: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão sobre o exemplo de autodenominação (liberal/conservador)

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Liberal</b>	48,00%	53,33%	66,66%	54,34%
<b>Conservador</b>	44,00%	46,66%	18,51%	36,95%
<b>Outros</b>	7,40%	0,00%	11,76%	6,83%
<b>Não</b>	7,40%	48,27%	20,58%	21,36%
<b>Respondeu</b>				
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Entre as justificativas para a autodenominação liberal, a ideia mais citada foi de que os pesquisados aceitam a diversidade e a orientação sexual (12), que falam sobre sexualidade sem restrições, mas que também preservam a própria intimidade (11). Entre as justificativas conservadoras, a mais citada foi a de que ainda existem muitos mitos e tabus na sociedade e que o assunto é socialmente resistente (10) e que muitas pessoas se consideram tímidas e não gostam de falar sobre a questão (9). Constata-se um número elevado de participantes que não

respondeu a justificativa, especialmente os da UP2 (14) (Vide Apêndice E, Tabela 4).

### 8.6. Forma como o curso abordou o tema sexualidade

A Tabela 8 apresenta a opinião dos participantes sobre a forma como o tema da sexualidade foi abordado no respectivo curso de psicologia: 51,34% dos pesquisados disseram que o tema foi plenamente ou em grande parte abordado; 43,24% afirmaram que a questão foi tratada parcialmente; e apenas 5,40% disseram que o tema não foi tratado em grande parte ou nunca.

Tabela 8: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Como o tema sexualidade foi abordado em seu curso de psicologia

		<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Púb.</b>	<b>Total Parcial</b>
<b>1</b>	Sim, Plenamente	19,23%	20,68%	16,66%	18,91%
<b>2</b>	Sim, em Grande Parte	32,69%	6,89%	56,66%	32,43%
<b>3</b>	Parcialmente	40,38%	65,51%	26,66	43,24%
<b>4</b>	Não, em Grande Parte	7,69%	6,89%	0,00%	5,40%
<b>5</b>	Não, nunca	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
<b>Total Geral</b>		100%	100%	100%	100%

A comparação das respostas por curso apresentada na tabela 9 indica que existe uma diferença significativa entre a UP2 e a UPu ( $U=274,00$ ;  $P= 0,0146$ ) e que, segundo a resposta oferecida pelos participantes, o tema teve maior influência na UPu do que na UP2.

Tabela 9: Comparação entre os cursos sobre abordagem do tema sexualidade pelo Teste de Mann-Whitney, considerando-se significativos valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

<b>Comparação</b>	<b>Valor U</b>	<b>Valor de P</b>	<b>Resultado</b>
Particular1 / Particular 2	628,50	0,2163	NS
Particular1 / Pública	639,50	0,1762	NS
Particular 2 / Pública	274,00	0,0146	S

As justificativas para a forma como os cursos abordam o tema da sexualidade se encontra na tabela 10, na qual se pode perceber que 54,22% das justificativas foram positivas, 27,46% negativas e 16,91% não responderam.

Tabela 10: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da forma como o curso abordou o tema sexualidade

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Positivo</b>	61,42%	35,48%	56,09%	54,22%
<b>Negativo</b>	28,57%	16,12%	34,14%	27,46%
<b>Outros</b>	2,85%	0,00%	0,00%	1,40%
<b>Não</b>	7,14%	48,38%	9,75%	16,91%
<b>Respondeu</b>				
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Entre as justificativas positivas da UP1, as respostas indicam que o tema foi abordado em diversas disciplinas, especialmente nas que falam sobre o desenvolvimento humano (14). A principal crítica realizada pelos participantes desta universidade aponta para a necessidade do tema ser abordado de forma mais crítica e sistemática, pois o tema foi trabalhado de forma muito superficial (16). Entre os participantes da UP2, alguns afirmaram que a questão foi abordada em várias

disciplinas, assim como em grupos de estudo e palestras (4). Também apontaram para a necessidade do tema ser trabalhado de forma mais crítica (3), mas a maioria dos participantes não respondeu a questão (15). Entre as respostas fornecidas pelos integrantes da UPu, a ideia mais explicitada foi a de que o assunto foi abordado tanto numa disciplina específica (10) quanto em outras disciplinas (7). Com relação ao aspecto negativo, afirmaram que o tema foi desenvolvido apenas numa disciplina do quarto ano e que também deveria ser trabalhado em outros momentos e disciplinas do curso (11) (Vide Apêndice E, Tabela 5).

A Tabela 11 apresenta os diferentes meios utilizados pelos cursos para abordar o tema sexualidade. A disciplina regular foi o mais indicado seguido de palestras, projetos de pesquisa e de extensão.

Tabela 11: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: De que forma o seu curso de psicologia aborda o tema sexualidade

	Part. 1	Part. 2	Púb.	Total	Total %
<b>1</b> Disciplina regular	39	16	30	<b>85</b>	<b>41,66%</b>
<b>2</b> Palestras	27	14	13	<b>54</b>	<b>26,47%</b>
<b>3</b> Projeto de pesquisa	13	1	13	<b>27</b>	<b>13,23%</b>
<b>4</b> Projeto de extensão	6	0	18	<b>24</b>	<b>11,76%</b>
<b>5</b> Psicanálise, Psicologia do Desenvolvimento, em matérias não direcionadas, em algumas disciplinas	5	1	0	<b>6</b>	<b>2,94%</b>
<b>6</b> Curso de atualização	4	0	1	<b>5</b>	<b>2,45%</b>
<b>7</b> Debates	1	0	0	<b>1</b>	<b>0,49%</b>
<b>8</b> Alguns professores acrescentaram o assunto	1	0	0	<b>1</b>	<b>0,49%</b>
<b>9</b> Grupo de estudos	0	0	1	<b>1</b>	<b>0,49%</b>
<b>Total Geral</b>				<b>204</b>	<b>100%</b>



Destaca-se ainda na tabela 11, que embora os estudantes das UP1 e UP2 tenham indicado que a sexualidade tenha sido abordada nos seus cursos por meio de uma disciplina regular. A única universidade que possui uma disciplina regular específica sobre sexualidade é a UPu. Nas universidades particulares as questões relacionadas à sexualidade são discutidas apenas por meio de outras disciplinas, como psicologia do desenvolvimento e especialmente pela psicanálise.

A Figura 8 apresenta a avaliação atribuída pelos participantes a cada curso com relação a forma como o tema sexualidade foi desenvolvido. A média aritmética geral atribuída por todos os cursos foi de 6,85. A avaliação atribuída ao curso da UP1 foi de 7,03, da UP2 foi de 6,37, e da UPu foi de 7,7.

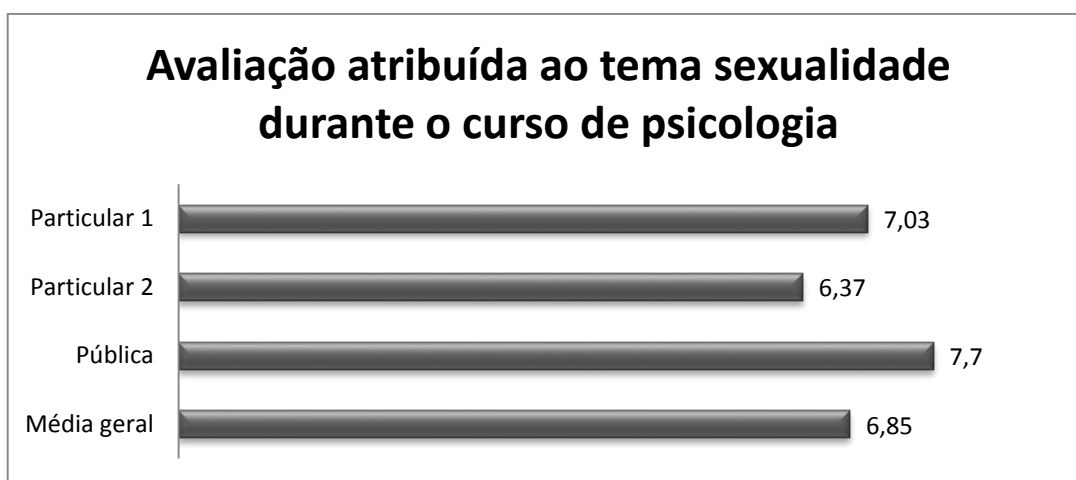


Figura 8: Valor numérico atribuído pelos participantes ao curso de psicologia com relação ao tema sexualidade (0 = muito ruim a 10 = excelente) sobre sexualidade

A comparação entre as avaliações realizadas pelos participantes é apresentada por meio da Tabela 12 que indica uma diferença significativa da UP1 e dois com relação a UPu. Na comparação entre UP1 e UPu temos  $U= 526,00$  e  $P= 0,0145$ ; e entre a UP2 e UPu, temos  $U= 253,00$  e  $P= 0,0058$ , indicando que a avaliação atribuída pelos estudantes da UPu foi maior com relação à forma como o

tema foi abordado nesta universidade em comparação com as avaliações atribuídas tanto pela UP1 e a UP2.

Tabela 12: Comparação entre a avaliação por curso, sexualidade pelo Teste de Mann-Whitney, considerando-se significativos valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

<b>Comparação</b>	<b>Valor U</b>	<b>Valor de P</b>	<b>Resultado</b>
Particular1 / Particular 2	737,50	0,8709	NS
Particular1 / Pública	526,00	0,0145	S
Particular 2 / Pública	253,00	0,0058	S

A Tabela 13 apresenta a justificativa fornecida pelos participantes para as avaliações atribuídas aos cursos: 18,03% das justificativas foram positivas, 63,93% foram negativas, 2,45% foram classificadas na categoria outros e 15,57% não responderam.

Tabela 13: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da avaliação do tema sexualidade no curso de psicologia

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
Positivo	21,05%	16,66%	14,70%	18,03%
Negativo	71,92%	40,00%	70,58%	63,93%
Outros	1,75%	0,00%	5,88%	2,45%
Não respondeu	5,26%	43,33%	8,82%	15,57%
Total Geral	100%	100%	100%	100%

Com relação às ideias citadas para justificar a avaliação positiva, os participantes da UP1 (7), da UP2 (5) e da UPU (3) disseram que o curso abordou o tema de forma satisfatória e suficiente. Quanto à justificativa negativa, a mais citada

pelos participantes da UP1 (30) e UP2 (9) foi a que o tema deveria ser melhor desenvolvido, sendo trabalhado de forma mais aprofundada e menos superficial. A justificativa da UPu para as ideias negativas foi que o assunto é discutido em apenas uma disciplina (13). Muitos participantes da UP2 não responderam à questão (13) (Vide Apêndice E, Tabela 6).

De forma geral, pode-se afirmar que o tema foi abordado em todos os cursos pesquisados, porém os participantes da UP1 e UP2 indicaram a necessidade de maior aprofundamento do assunto, enquanto os estudantes da UPu sugeriram a necessidade do tema ser desenvolvido em outros anos do curso e não em apenas uma disciplina específica.

### **8.7 Autopercepção sobre a capacidade para abordar o tema sexualidade**

A pergunta 10 buscou questionar os participantes sobre a possibilidade de fazerem um curso sobre sexualidade, sendo a Tabela 14 a apresentação das respostas fornecidas: 14,39% indicaram temas em torno da categoria biológica; 42,80%, da categoria cultural; 28,78%, da categoria psicológica; 4,92%, sobre a categoria conceito amplo; 3,03%, a categoria outros e 6,06% não responderam.

Observa-se que existe um interesse maior dos estudantes da UP1 por questões culturais (39,09%), assim como também questões psicológicas (36,84%). Da UP2 existe um interesse equilibrado entre questões biológicas (26,00%), culturais (24,00%) e psicológicas (22,00%). E entre os estudantes da UPu existe um interesse maior e predominante por questões culturais relacionadas à sexualidade (54,44%).

Tabela 14: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Caso você pudesse fazer um curso sobre sexualidade, o que gostaria de estudar?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	13,53%	26,00%	17,77%	14,39%
<b>Cultural</b>	39,09%	24,00%	54,44%	42,80%
<b>Psicológico</b>	36,84%	22,00%	17,77%	28,78%
<b>Conceito</b>	5,26%	2,00%	5,55%	4,92%
<b>Ampla</b>				
<b>Outros</b>	3,00%	4,00%	2,22%	3,03%
<b>Não</b>	2,25%	22,00%	2,22%	6,06%
<b>respondeu</b>				
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Na categoria biológica, a sugestão de tema mais indicada foi a orientação sexual (16). Na categoria cultural, foi o gênero (34), assim como sexualidade e mídia, cultura e história (26). Na categoria psicológica, a subcategoria mais citada foi sexualidade e desenvolvimento humano (35); na categoria conceito amplo, a ideia mais citada indica a importância da sexualidade na vida das pessoas (7). As mesmas subcategorias foram as mais citadas em todos os cursos (Vide Apêndice E, Tabela 7).

A Figura 9 apresenta as respostas fornecidas por todos os participantes com relação a autopercepção de capacitação para abordar os assuntos relacionados à sexualidade. De forma geral, 49,54% dos participantes se declararam parcialmente capacitados para abordar o tema.

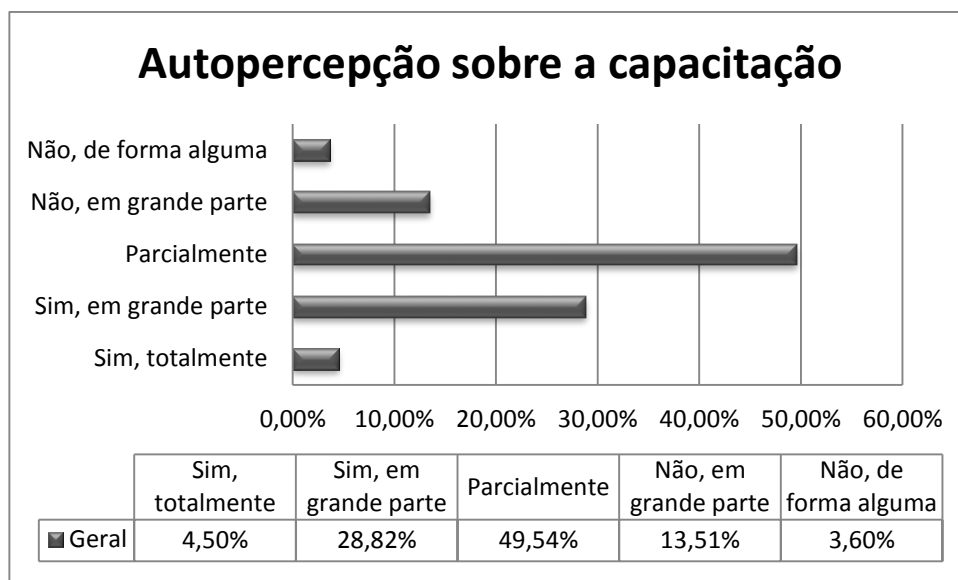


Figura 9: Autopercepção sobre a capacidade para abordar o tema

A Figura 10 demonstra a autopercepção dos pesquisados por curso. Ao serem comparadas as respostas, pode-se perceber que entre os estudantes da UP1, 32,68% se declararam totalmente ou em grande parte capacitados, enquanto 21,14% se declararam não capacitados em grande parte ou de forma alguma. Entre os pesquisados da UP2, 20,68% se sentem totalmente capacitados ou parcialmente capacitados, enquanto 24,12% se consideram totalmente ou em grande parte incapacitados. Já entre os estudantes da UPu, 46,66% se consideram totalmente ou em grande parte capacitados, enquanto apenas 3,33% não se consideram capacitados.

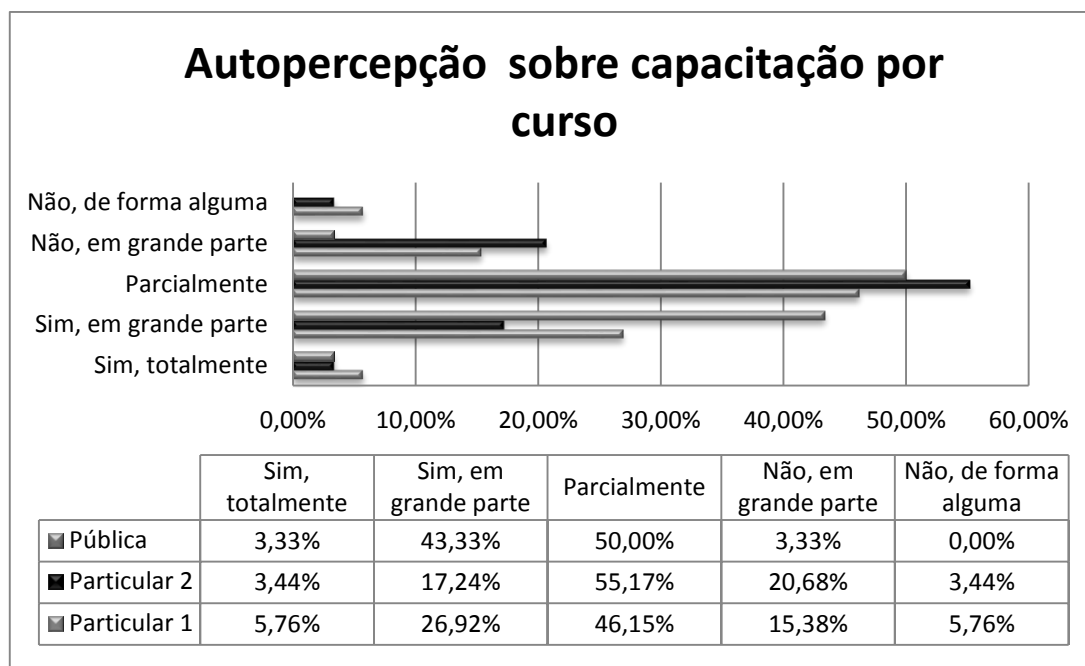


Figura 10: autopercepção sobre a capacitação por curso

Ao comparar as respostas fornecidas pelos participantes com relação a autopercepção sobre a capacitação para abordar o tema sexualidade, a Tabela 15 aponta para o fato de que existe uma diferença significativa entre as respostas fornecidas pelos participantes da UP2 e da UPU ( $U = 281,00$ ;  $P = 0,0195$ ), indicando que os participantes da UPU se percebem mais preparados para abordar o tema da sexualidade humana.

Tabela 15: Comparação entre a autodenominação de capacitação pelo Teste de Mann-Whitney, considerando-se significativos valores de  $p < 0,05$  (bilateral).

Comparação	Valor U	Valor de P	Resultado
Particular1 / Particular 2	672,00	0,4192	NS
Particular1 / Pública	611,50	0,1048	NS
Particular 2 / Pública	281,00	0,0195	S

Ao correlacionar a abordagem do tema no referido curso e a autopercepção dos pesquisados sobre a capacitação para abordar questões

relacionadas à sexualidade, os resultados do coeficiente de Spearman apontam para  $(rs) = 0.1889$ ;  $t = 1.9979$ ;  $p = 0.0481$ . Isso significa que, segundo as respostas fornecidas pelos participantes, quanto mais o tema é abordado no referido curso, mais capacitado o aluno se sente para abordar a questão.

A Tabela 16 apresenta as facilidades mencionadas pelos pesquisados para abordar o tema sexualidade. As respostas apontam que 60,37% das respostas fornecidas se referem às questões psicológicas.

Tabela 16: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais seriam suas facilidades para abordar o tema sexualidade?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	5,88%	22,22%	12,72%	11,94%
<b>Cultural</b>	11,76%	0,00%	16,36%	10,69%
<b>Psicológico</b>	72,05%	33,33%	63,63%	60,37%
<b>Outros</b>	4,41%	2,77%	3,66%	3,77%
<b>Não Respondeu</b>	5,88%	41,66%	3,66%	13,20%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Na categoria biológica a maior facilidade citada é abordar a questão da orientação sexual (6); na categoria cultural, o gênero (5) e a desconstrução das normatizações (5). Na categoria psicológica, foram citadas as habilidades pessoais como empatia, neutralidade e falar sem preconceito (44), assim como o conhecimento teórico fornecido pelo curso de psicologia (35). Constatou-se um grande número de participantes que não respondeu à questão (21), especialmente da UP2 (15) (Vide Apêndice E, Tabela 8).

A Tabela 17 apresenta as dificuldades enumeradas pelos pesquisados para abordar o tema sexualidade. Um fato importante a ser percebido é que também a categoria psicológica foi a mais citada entre os pesquisados (47,58 %), sendo, portanto, a dimensão enumerada com mais facilidade e ao mesmo tempo dificuldade.

Tabela 17: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais seriam suas dificuldades para abordar o tema sexualidade?

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	16,92%	6,25%	10,41%	12,41%
<b>Cultural</b>	20,00%	0,00%	41,66%	22,75%
<b>Psicológico</b>	53,84%	37,50%	45,83%	47,58%
<b>Outros</b>	6,15%	3,12%	0,00%	3,44%
<b>Não Respondeu</b>	3,07%	53,12%	2,08%	13,79%
<b>Total Geral</b>	100%	100%	100%	100%

A dificuldade mais citada na categoria biológica foi a orientação sexual (9); na categoria cultural foram os mitos, tabus e pré-conceitos (17); na categoria psicológica foi citado em primeiro lugar a falta de conhecimento teórico (31) seguida pela dificuldade de falar abertamente com os amigos, jovens e adultos (22). Na categoria outros, a UP2 teve um grande número de participantes que não responderam à questão (17) (Vide Apêndice E, Tabela 9).

Questionados sobre as características ideais que um psicólogo deve possuir para abordar o tema da sexualidade, a tabela 18 aponta como principal ideia a atitude de “ser liberal”, “não julgar” nem ser preconceituoso (32,96%). Em seguida,



“possuir conhecimento teórico” (30,21%), “ter empatia” (20,32%), “ser ético” e “profissional” (5,49%), “ser resolvido pessoalmente” (3,28%), “ter visão crítica” (2,74%), não soube responder (0,54%) e não respondeu (4,39%).

Tabela 18: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Quais as características desejáveis a um psicólogo(a) para lidar com sexualidade em qualquer área de atuação profissional?

		<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>%</b>
<b>1</b>	Ser liberal; Ter a cabeça aberta; Sem preconceito; Sem tabu; Não julgar; Não possuir inibição para falar do assunto.	35,22%	20,58%	36,66%	<b>32,96%</b>
<b>2</b>	Conhecimento teórico; Atualização	30,68%	26,47%	31,66%	<b>30,21%</b>
<b>3</b>	Ter empatia; Ser acolhedor; Respeitar; Ser imparcial; Assertivo; Natural; Saber escutar; Ser neutro.	21,59%	17,64%	20,00%	<b>20,32%</b>
<b>4</b>	Ser ético; Profissional.	6,81%	5,88%	3,33%	<b>5,49%</b>
<b>5</b>	Ser resolvido pessoalmente; Ter maturidade.	4,53%	5,88%	0,00%	<b>3,28%</b>
<b>6</b>	Ter visão crítica.	0,00%	0,00%	8,33%	<b>2,74%</b>
<b>7</b>	Não sei.	1,13%	0,00%	0,00%	<b>0,54%</b>
<b>8</b>	Não Respondeu.	0,00%	23,52%	0,00%	<b>4,39%</b>
	<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

## 8.8 Planejamento sobre educação sexual

A Tabela 19 apresenta os objetivos elaborados pelos participantes, caso desenvolvessem um projeto de educação sexual para adolescentes: 18,60% dos objetivos estariam relacionadas com a categoria biológica; 20,00%, com a categoria

cultural; 17,67%, com a categoria psicológica; 34,41%, com a categoria conceito amplo; 3,25%, com a categoria outros e 6,04%, não responderam.

Tabela 19: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Objetivos propostos para um curso sobre educação sexual

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	18,44%	15,00%	20,83%	18,60%
<b>Cultural</b>	21,35%	5,00%	26,38%	20,00%
<b>Psicológico</b>	21,35%	17,50%	12,50%	17,67%
<b>Conceito amplo</b>	33,00%	32,50%	37,50%	34,41%
<b>Outros</b>	4,80%	2,50%	1,38%	3,25%
<b>Não respondeu</b>	0,97%	27,50%	1,38%	6,04%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Na categoria biológica, o objetivo mais citado foi o de informar e orientar os adolescentes sobre a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez (32). Na categoria cultural, o objetivo mais citado foi o de desconstruir a sexualidade como tabu, algo pervertido ou sujo (27). Na categoria psicológica, o principal objetivo citado foi atender as dúvidas e questões dos próprios participantes (15). As ideias mais citadas, na categoria conceito amplo, foram a de ampliar os conhecimentos já existentes (22), conceituar sexo e sexualidade (21), promover a capacidade de análise crítica sobre o tema (16) conscientizando e refletindo sobre a sexualidade com os participantes (15). Alguns questionários não foram respondidos (13), especialmente pelos participantes da UP2 (11) (Vide Apêndice E, Tabela 10).

A Tabela 20 apresenta os assuntos que seriam abordados pelos pesquisados no referido curso de educação sexual. Os dados indicam que a maioria

das questões abordadas estariam relacionadas à dimensão biológica (40,61%), seguida pela dimensão cultural (29,53%) e pelas questões psicológicas (15,69%).

Tabela 20: Totais percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão: Temas que seriam abordados do curso proposto sobre educação sexual

<b>Categoria</b>	<b>Part. 1</b>	<b>Part. 2</b>	<b>Públ.</b>	<b>Total</b>
<b>Biológico</b>	39,49%	50,90%	37,16%	40,61%
<b>Cultural</b>	22,92%	9,09%	48,67%	29,53%
<b>Psicológico</b>	23,56%	12,72%	6,19%	15,69%
<b>Conceito</b>	7,64%	5,45%	5,30%	6,46%
<b>Ampla</b>				
<b>Outros</b>	5,73%	3,63%	1,76%	4,00%
<b>Não</b>	0,63%	18,18%	0,88%	3,69%
<b>respondeu</b>				
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Os assuntos mais citados na dimensão biológica foram DSTs (36) e gravidez (29). Na categoria cultural, foram o tabu, mito e preconceito (20), assim como sexualidade e gênero (17). Na categoria psicológica, o desenvolvimento humano foi o mais citado (21); na categoria conceito amplo, as ideias mais indicadas foram sobre o conceito de sexualidade (8), suas formas e potencialidades (8). Por fim, na categoria outros, as ideias mais citadas foram as dúvidas e opiniões surgidas pelo próprio grupo (8) (Vide Apêndice E, Tabela 11).

A Tabela 21 compara a questão respondida pelos participantes na primeira e na última questão, identificando correlações entre a concepção de sexualidade e a possibilidade de aplicação da mesma num projeto concreto de intervenção. As respostas indicam que, de forma geral, no momento de propor um projeto interventivo, houve mais destaque para a categoria biológica, de 26,81%



## 9. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao considerar a resposta dos participantes de forma geral, pode-se constatar que existe uma concepção ampla e complexa da sexualidade, considerando tanto a sua dimensão biológica, quanto cultural e psicológica, conforme apontam Chauí (1991) e Werebe (1998).

Ao mesmo tempo, a análise individual das respostas dos participantes de cada instituição, indica uma distinção que se repete em várias questões investigadas, isto é enquanto existe uma prevalência da dimensão biológica nas respostas dos participantes da UP1 e UP2, existe também uma prevalência da dimensão cultural nas respostas dos participantes da UPu. Isso significa que enquanto os participantes da UPu reconheceram a distinção teórica entre os conceitos de sexo e sexualidade, grande parte dos participantes da UP1 e UP2 não reconhecem tal diferença e, principalmente, não identificam os processos históricos, sociais e culturais que caracterizam a sexualidade e a distinguem do sexo, conforme apontam Nunes (1987), Feitosa, (2005) e Carvalho (2008).

Com relação à sexualidade feminina e masculina, é possível constatar que grande parte dos participantes reproduziu o modelo cultural patriarcal de compreender a sexualidade. Conforme afirma Nunes (1987), esta concepção de sexualidade identifica os comportamentos femininos como naturalmente determinados pela própria natureza biológica, pelo modo de se vestir e de se cuidar, demonstrando a sensibilidade, a delicadeza e o afeto, assim como a repressão, a passividade e a falta de interesse sexual como características femininas. Ao mesmo tempo, são reproduzidos os estereótipos masculinos, reconhecendo esta forma de viver a sexualidade como relacionada aos órgãos sexuais, identificando os

comportamentos de força, agressividade e de tomada de iniciativa como naturalmente masculinos (RESSEL, et al., 2011). Segundo Nunes e Silva (2000), quando os indivíduos compreendem a sexualidade masculina como racional, superior e a feminina como dócil, afetiva e frágil, reproduz-se um modelo autoritário e repressivo de educação sexual, caracterizado pelos modelos patriarcais de viver a sexualidade. Embora este modelo tenha surgido no período neolítico (VICENTINO, 1997) e tenha prevalecido tanto na cultura hebraica, grega como romana (NUNES, 1997), ele influenciou determinantemente a forma como a sexualidade foi vivida na Idade Média (FIGUEIRÓ, 2001). Embora na modernidade este modelo seja questionado devido a sua ideologia machista, que superpõe o homem à mulher, ele continua presente hoje em diversas situações cotidianas, assim como pode ser percebido em várias respostas encontradas neste trabalho, sendo reproduzido tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Considera-se que esta atitude patriarcal se sustenta numa visão biologizante de compreender a sexualidade, sendo utilizada muitas vezes para legitimar o autoritarismo masculino e a repressão feminina (NUNES; SILVA, 2000). Tais atitudes reforçam os estereótipos de gênero e naturalizam o processo histórico e social, não reconhecendo a dimensão cultural como constitutiva da sexualidade humana.

Ao mesmo tempo, o reconhecimento da dimensão cultural da sexualidade permite analisá-la de forma crítica e reflexiva, identificando os diferentes fatores sociais, políticos e econômicos que exercem influência sobre o modo como a sexualidade é vivida em cada momento da história e em cada contexto cultural (MAIA; RIBEIRO, 2012).

É possível identificar também, considerando a resposta de todos os participantes, que o curso de psicologia exerce pouca influência sobre o comportamento e a informação sexual comparado à influência da família, amigos, escolas, meios de comunicação e religião. Tal atitude se justifica, porque a formação de um curso superior em psicologia se constitui como parte da educação sexual formal dos participantes, enquanto a família, amigos, escola, meios de comunicação e religião fazem parte de uma educação sexual informal. Segundo Werebe (1998), a educação sexual informal exerce maior influência sobre as atitudes, comportamentos, opiniões e valores dos indivíduos do que a educação sexual formal. Por isso, o curso de psicologia exerce menor influência comparado às outras instituições.

Com relação à influência do curso de psicologia sobre o comportamento sexual dos participantes, considera-se que o curso da UP1 exerce maior influência sobre os seus participantes do que entre os da UP2. Estas informações são confirmadas pelos dados da Tabela 8, na qual é possível identificar que o tema sexualidade foi desenvolvido de forma plena, ou em grande parte, segundo a opinião de 51,92% dos participantes da UP1, enquanto na UP2 apenas 27,57% expressaram esta mesma consideração. A justificativa para a distinção pode ser percebida nos dados apresentados na Tabela 11, que indicam a forma como o curso abordou o assunto. E neste aspecto, que o tema foi mais desenvolvido durante as disciplinas do curso da UP1, havendo maior indicação de palestras, projetos de pesquisa e de extensão.

Essa mesma diferença foi constatada no curso de psicologia da UPu, que também exerce maior influência sobre o comportamento dos participantes quando comparado aos participantes da UP2. A justificativa dessa diferença é compreendida

pela indicação dos participantes, dizendo que o tema foi abordado de forma plena, ou em grande parte, na opinião de 73,32%; enquanto apenas 27,57% afirmaram o mesmo na UP2 (Tabela 9). Na UPU, a sexualidade é abordada em disciplina regular, existem mais projetos de pesquisa, assim como mais projetos de extensão (Tabela 11).

Porém, considerando as influências no tocante ao conhecimento sobre sexualidade, o curso de psicologia da UPU foi a instituição mais destacada, sendo mais importante do que a família, os amigos, a escola, os meios de comunicação e a religião. Já entre os participantes da UP1 e UP2, o curso de psicologia não foi considerado tão influente. Tal distinção justifica-se pelo fato de que apenas o curso da UPU possui uma disciplina em sua grade curricular que aborda especificamente o tema sexualidade. Considera-se, também, que enquanto na UPU existe um grupo de pesquisa que discute criticamente as questões relativas ao tema, tal atividade não foi encontrada nas instituições privadas. Desse modo, enquanto os participantes da UPU possuem uma formação ampla, que integra tanto o ensino, a pesquisa e a extensão, os cursos de psicologia das universidades particulares possuem uma formação superficial e fragmentada, com enfoque apenas clínico.

Pode-se perceber, portanto, que a instituição de uma disciplina sistematizada na UPU, a existência de grupos de pesquisa e de extensão, cria condições mais favoráveis para o processo de aprendizagem do estudante, no intuito de proporcionar uma formação ampla e complexa sobre o tema. Este processo é importante e necessário para que seja possível questionar crenças e informações distorcidas que existem com muita frequência nas famílias, entre amigos, nos meios de comunicação social, nas religiões, assim como em outras



esferas da sociedade, desenvolvendo ações conscientes e construtivas, intervindo inclusive de forma ativa e participativa na elaboração de políticas públicas.

Questionados sobre a forma como percebiam a vivência da própria sexualidade, os participantes das instituições privadas se autocategorizaram mais conservadores e menos liberais, enquanto os participantes da UPu, como mais liberais e menos conservadores. Tal distinção se explica tanto pela existência da disciplina curricular, pelo grupo de pesquisa e projetos de extensão na UPu, conforme já mencionado, quanto pela influência da religião. Os dados indicaram que existe um número maior de ateus e menor de cristãos na UPu; e um número menor de ateus e maior de cristãos nas universidades privadas. Neste aspecto, é possível perceber que a religião também é um fator que influencia as diferentes formas de compreender a sexualidade entre as diferentes instituições, recebendo destaque tanto com relação ao comportamento e o conhecimento sobre sexualidade, quanto sobre a própria categorização conservadora dos participantes.

Conforme apontam Figueiró (2001) e Ribeiro (2004, 2005a), a religião sempre influenciou a forma como a sexualidade foi vivida ao longo da história ocidental, e tal influência continua sendo percebida ainda hoje, de acordo com os resultados apontados neste trabalho. Se no passado, a religião contribuía com a normatização da vida sexual dos indivíduos, condenando os comportamentos considerados pecaminosos, atualmente ela também interfere no modo como as pessoas vivem a sexualidade, tornando-os, frequentemente, mais conservadores e enfatizando uma concepção estritamente biológica da sexualidade.

Um aspecto que chama atenção neste trabalho é que embora os participantes da UP1 façam parte de uma instituição confessional católica, os dados indicam que a religião (13,97%) exerce menor influência sobre o comportamento

sexual dos mesmos do que comparado aos participantes da UP2 (16,69%), que não é uma instituição religiosa.

A média aritmética da avaliação realizada pelos participantes sobre a forma como a sexualidade é abordada nos diferentes cursos foi de 6,85, considerando que os alunos da UPU avaliaram mais positivamente a própria instituição, assim como também disseram que o tema foi, segundo análise estatística, significativamente melhor abordado. Com relação a esta percepção, é necessário destacar que todos os participantes das três instituições pesquisadas disseram que o tema precisa ser melhor abordado. Os participantes das universidades particulares indicaram a necessidade da existência de uma disciplina regular específica para desenvolver o tema, enquanto os participantes da UPU mencionaram a necessidade desta questão ser desenvolvida também em outras disciplinas do curso.

Com relação ainda à formação e à percepção de capacitação para abordar o tema, os participantes se reconheceram, de forma geral, como parcialmente capacitados para abordar as questões relacionadas à sexualidade. A análise estatística confirmou a ideia de que quanto mais o tema é abordado no curso, mais o estudante se sente preparado para compreender e discutir a questão.

As facilidades indicadas pelos participantes para abordar o tema sexualidade estão relacionadas, em sua grande maioria, às próprias habilidades pessoais, como: empatia, neutralidade e falar sem preconceito. O conhecimento teórico fornecido pelo curso de psicologia também foi um fator indicado como facilitador. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que a falta de conhecimento sobre o tema foi a ideia mais explicitada como elemento de dificuldade.

Os indicativos deste trabalho corroboram as ideias apresentadas por Paiva (2008), quando diz que os psicólogos precisam ter uma formação mais adequada

quando o assunto é sexualidade humana; e por Navaz (2009), quando destaca a inexistência da discussão sobre gênero nos cursos de psicologia. Assim como os profissionais da biologia, na opinião de Bonfim (2009), e de pedagogia na percepção de Costa (2009), Leão (2009) e Silva (2010), não estão preparados para abordar as questões relacionadas à sexualidade, também se pode afirmar que grande parte dos profissionais da psicologia não está sendo formada adequadamente para lidar com as questões ligadas ao tema. A ausência de formação sistemática, crítica e científica faz com que esses profissionais reproduzam estereótipos de gênero e preconceitos, perpetuando concepções heteronormativas e higienistas, conforme indicam Dias (2001), Cassal, Garcia e Bicalho (2011).

Considera-se que embora o tema seja abordado durante a formação dos participantes, ainda permanecem muitos mitos e tabus, ou como afirma Dinis (2012), os discentes de psicologia possuem um discurso politicamente correto sobre sexualidade, porém não desenvolvem uma reflexão crítica sobre o assunto. As diversas disciplinas, como psicologia do desenvolvimento e psicanálise não proporcionam estrutura e tempo suficientes para que este tema tão complexo e amplo seja debatido de forma sistemática e consistentemente fundamentada. Tal realidade é confirmada pelos participantes quando afirmam que a falta de conhecimento sobre sexualidade é a principal dificuldade citada, indicando também a importância do conhecimento como uma das principais características desejáveis para a atuação do profissional da psicologia nesta questão.

Todos esses dados corroboram a ideia de que os cursos de psicologia precisam pensar na formação de seus integrantes, possibilitando aos mesmos a oportunidade do estudo da sexualidade de forma consistente e fundamentada cientificamente (LEÃO; RIBEIRO, 2011; MAIA; RIBEIRO, 2012), pois como afirma

Dinis (2012), é importante discutir e analisar a formação dos futuros psicólogos, tornando-os mais críticos, permitindo, assim, a reflexão e a desconstrução dos modelos heteronormativos de compreender e viver a sexualidade humana.

Outro aspecto que chama a atenção nesta pesquisa é a abstenção das respostas fornecidas pelos estudantes da UP2. Este dado pode ser compreendido, considerando a falta de conhecimento dos participantes sobre o assunto, assim como pela falta de interesse pelo tema, ou ainda, pela pouca motivação para participar de pesquisas.

Quando motivados a planejar um projeto de educação sexual, constatou-se uma mudança de concepção entre os participantes. Se inicialmente eles indicavam uma compreensão ampla e complexa da sexualidade, nesse momento, a dimensão biológica foi a mais destacada, especialmente entre os participantes das universidades particulares. Os temas mais sugeridos nas propostas elaboradas pelos participantes foram doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Em primeiro lugar, faz-se importante destacar que grande parte dos participantes reproduziram o modelo biológico, informativo, genitalista e higienista de educação sexual, porque não tiveram a oportunidade de refletir sistematicamente e cientificamente sobre a questão, questionando os diferentes modelos de educação sexual e identificando suas possíveis ideologias. Em segundo lugar, diante da falta de conhecimento sobre assunto, a dimensão biológica da sexualidade torna-se mais fácil de ser abordada quando comparada às questões culturais, que exigem maior conhecimento teórico, além de tratar questões polêmicas sem respostas simples ou definitivas.

Assim, é possível inferir, a partir das respostas fornecidas pelos participantes, que a educação sexual formal exerce pouca influência sobre o modo como os mesmos, especialmente das instituições particulares, planejaram suas propostas. Ao contrário, a educação sexual informal foi mais destacada, reproduzindo um modelo informativo e genitalista, reproduzindo, como afirma Altmann (2001), uma visão biológica reprodutiva, cuja finalidade é apenas prevenir e higienizar.

Dessa forma, quando o psicólogo reproduz simplesmente um modelo, sem refletir sobre os princípios subjacentes ao mesmo, torna-se instrumento de controle e manipulação, perpetuando acriticamente formas de existência padronizadas e heteronormativas, como afirmam Braga (2006), Cassal, Garcia e Bicalho (2011), não permitindo o desenvolvimento de uma vivência livre, criativa, consciente e emancipada da sexualidade.

Do mesmo modo como a medicina higienista exercia influência sobre a vivência da sexualidade no final do século XIX, controlando a natalidade e o comportamento sexual dos indivíduos, o psicólogo hoje, quando reproduz tal comportamento, ignora as reflexões existentes na própria psicologia, tornando-se instrumento ideológico para a perpetuação de uma “*scientia sexualis*”, como afirmava Foucault (1988), cujo objetivo é apenas prevenir e disciplinar os comportamentos sexuais (SHWARCZ, 1993).

É importante lembrar que não cabe à educação sexual normatizar a vivência da sexualidade dos indivíduos, mas desenvolver uma visão crítica, promovendo o conhecimento científico tanto das questões culturais quanto históricas que influenciam a forma como a sexualidade continua sendo compreendida na atualidade. Tal atitude permite a possibilidade de questionamento e desconstrução

dos modelos existentes que padronizam, excluem ou oprimem os indivíduos, ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento de novas formas de viver e compreender a sexualidade. Segundo Maia e Ribeiro (2012), a educação sexual deve contribuir com o desenvolvimento de uma visão plural, aberta à diversidade de valores e comportamentos, considerando a subjetividade de indivíduo e partindo do pressuposto de que não existe uma verdade única ou um modelo absoluto de como viver a sexualidade.

Por isso, a discussão em torno das questões socioculturais relacionadas à sexualidade dispõe o profissional da psicologia a questionar os preconceitos, mitos, tabus e valores construídos socialmente, utilizados como parâmetros disciplinadores, permitindo-lhe o exercício intelectual e crítico para pensar sua própria atuação profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que as questões relacionadas à sexualidade têm sido cada vez mais debatidas na atualidade devido a maior liberdade para abordar este assunto, fato este que propicia também um processo de reflexão e estudo pela própria ciência, especialmente pela psicologia.

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu maior aproximação e percepção sobre a forma como alguns cursos de psicologia abordam o tema sexualidade durante o processo formativo. Faz-se importante, assim, tecer algumas considerações, tendo em vista a maior qualificação e formação dos futuros profissionais de psicologia e a revisão de algumas práticas utilizadas até o momento.

Inicialmente, foi possível identificar que os participantes possuem uma concepção ampla e complexa da sexualidade, considerando-a em suas múltiplas dimensões. Mas ao comparar as respostas dos mesmos por curso, é possível perceber que existem algumas distinções. Enquanto o curso que proporciona uma disciplina específica sobre sexualidade, assim como projetos de pesquisa e extensão, possui uma visão mais crítica, científica e plural da compreensão da sexualidade, os cursos que não possuem estas particularidades, reproduzem uma concepção biologizante, heteronormativa e higienista, que tende a naturalizar as influências culturais que constituem a sexualidade humana, reproduzindo um modelo patriarcal.

Observou-se que a família, a escola, os meios de comunicação e a religião exercem influência determinante sobre as informações e comportamentos sexuais dos participantes. Evidentemente, esta influência constitui-se como parte de uma educação sexual informal, que se transmite culturalmente, sem o

desenvolvimento de uma análise crítica capaz de identificar os seus pressupostos ideológicos. Por isso, é importante que os cursos de psicologia desenvolvam uma adequada formação para que os futuros psicólogos, tendo em vista as diferentes situações hodiernas que impõem a este profissional uma visão ampla, complexa e cientificamente fundamentada, sustentem sua prática profissional de tal forma que sejam capazes de responder com eficiência às demandas da atualidade.

Assim, deve-se destacar também que a atuação do psicólogo exige que o mesmo possua uma atitude democrática e dialógica, promovendo um espaço de segurança e propiciando às pessoas um ambiente neutro e imparcial para que possam apresentar suas dúvidas, medos e angústias. O profissional da psicologia precisa agir sem pré-julgamentos, acolhendo a todos com empatia, respeitando as dificuldades e conflitos apresentados, acolhendo a diversidade de ideias, opiniões e comportamentos, enfim, agindo sempre de acordo com o que prevê o seu código de ética.

Com relação à forma como os participantes compreendem a sexualidade feminina e masculina, pôde-se constatar que houve, especialmente por parte dos participantes das universidades privadas, uma reprodução dos estereótipos de gênero, considerando o homem racional, forte, livre e ativo; e a mulher frágil, carente, dependente e passiva. Embora o presente trabalho não tenha por objetivo investigar a concepção de gênero entre os participantes, esta é uma pesquisa que poderá ser desenvolvida e aprofundada, considerando que outros trabalhos já apontaram a inexistência desta discussão na formação dos profissionais da psicologia.

A religião foi uma das instituições que se demonstrou significativamente relevante, influenciando tanto a forma como os participantes se comportam, assim



como compreendem a própria sexualidade. Pode-se identificar também que nas instituições particulares houve maior número de cristãos e menor de ateus; e na instituição pública, menor número de cristãos e maior de ateus. Ao mesmo tempo, os participantes das universidades privadas se declararam mais conservadores e os da UPu, mais liberais. O presente estudo aponta como elemento indicativo desta diferença as múltiplas formas como a sexualidade é abordada em cada curso pesquisado, assim como também a influência da religião sobre os participantes. Porém, novas pesquisas poderão ser realizadas, buscando compreender melhor esta relação entre psicologia, sexualidade e religião.

Considerando as diferentes formas com que os cursos abordam a questão da sexualidade, pode-se constatar que enquanto a universidade pública possui uma formação ampla, com atividades voltadas ao ensino, pesquisa e extensão, estas atividades não são encontradas nas universidades privadas. Fato este que é corroborado, quando 73,23% dos participantes da UPu consideram que o tema foi abordado totalmente ou em grande parte na sua instituição, enquanto 51,92% responderam o mesmo na UP1, e apenas 27,57% na UP2. Esta distinção também se faz notável na percepção que os participantes tiveram quando se reconheceram capacitados para abordar questões relacionadas ao tema. Quanto mais ampla a formação do curso de psicologia sobre a sexualidade, mais capacitado o participante se considera. Ao mesmo tempo, quanto menos atividades promovidas pelos cursos, menor a percepção de capacitação para abordar o assunto.

Outro aspecto interessante a ser destacado é que todos os participantes, tanto na instituição pública quanto nas particulares, afirmaram que o tema sexualidade precisa ser melhor abordado nos referidos cursos, o que significa, que na opinião dos participantes, identifica-se a necessidade de maior conhecimento

sobre o assunto e que a formação desenvolvida pelos cursos na atualidade tem se mostrado aquém das necessidades dos mesmos. Os estudantes da UP1 e UP2 também indicaram que a principal dificuldade que eles encontram para abordar a questão da sexualidade é falta de conhecimento sobre o tema, tendo em vista que não possuem uma disciplina específica para abordá-lo. Entre os participantes da UPU, a principal dificuldade citada foi a falta de habilidade para lidar com os mitos, tabus, preconceitos, assim como a dificuldade para abordar a visão negativa que as pessoas possuem sobre sexualidade. Quando questionados sobre as características ideais de um psicólogo para trabalhar com o tema, o conhecimento e atualização profissional foi novamente uma das ideias mais citadas entre todos.

Ao serem comparadas as respostas fornecidas na primeira e na última questão do questionário, identifica-se que houve uma mudança de concepção entre os participantes. Se inicialmente os mesmos indicaram uma compreensão ampla e complexa ao perceberem a sexualidade, na última questão, que propunha a eles o planejamento de uma proposta interventiva de educação sexual, constatou-se a prevalência dos aspectos biológicos da sexualidade, principalmente entre os participantes das instituições privadas, indicando os temas doenças sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais e gravidez, como os temas mais citados. Já entre os participantes da UPU, os aspectos culturais da sexualidade foram os mais citados, especialmente a proposta de discutir normalidade, heteronormatividade, machismo e feminino, assim como mitos, tabus e preconceitos.

O presente trabalho não possui a pretensão de ser um estudo acabado, mas sua intenção foi a de promover o debate sobre a forma como os cursos de psicologia abordam a sexualidade. Pôde-se constatar que existem poucos trabalhos

relacionados ao tema e nesse sentido, faz-se importante que novas pesquisas sejam desenvolvidas no intuito de aprofundar as questões que aqui foram apenas explicitadas. Por exemplo, novas pesquisas poderão ser desenvolvidas analisando, além dos relatos dos estudantes, a grade curricular dos cursos, as ementas das disciplinas, a comparação entre cursos que possuam uma disciplina específica sobre sexualidade, além de entrevistas com os docentes responsáveis pelas mesmas. Também poderão ser realizadas entrevistas com os estudantes, no intuito de compreender e aprofundar outros aspectos que não foram investigados aqui.

A partir dos resultados apresentados, é possível concluir que a formação do psicólogo exige, na atualidade, uma abordagem mais sistemática e científica, no intuito de compreender de forma mais ampla as diferentes dimensões que constituem a sexualidade humana. Este processo propiciará aos profissionais uma consciência mais crítica, no intuito de tornar sua atuação mais eficiente diante das exigências atuais da sociedade e das novas demandas que a cada dia são requeridas em relação ao assunto.

Finalmente, o profissional da psicologia não pode apenas receber uma formação técnica e reproduzir informações sem analisá-las criticamente. Quando ele não problematiza e não identifica os pressupostos subjacentes às inúmeras práticas de educação sexual existentes, acaba reproduzindo e legitimando determinados comportamentos socialmente aceitos pela cultura, adequando os indivíduos às expectativas sociais. Porém, o psicólogo precisa ser um agente de transformação, questionando continuamente o exercício da sua profissão e a finalidade da sua ação, promovendo a saúde dos indivíduos, garantindo ao mesmo tempo a liberdade, a emancipação e a autonomia de cada pessoa.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- ANTUNES, M.A.M. A psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional. In: MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. **História da psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 109-152. .
- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- BYERS; E.S.; SEARS, H.A. Mothers Who Do and Do Not Intend to Discuss Sexual Health With Their Young Adolescents. **Family Relations**, Malden, v. 61, n. 5, p. 851-863, dez. 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3729.2012.00740.x/pdf>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- BONFIM, C. R. S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas**: contradições, limites e possibilidades. 2009. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRAGA, A.V. Identidade sexual e cultura escolar: uma crítica à versão da sexualidade contida nos PCN. **Revista Iberoamericana de educación**, Araraquara, v. 40, n. 2, p. 1-9, out. 2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1217Vieira.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília, [2000?]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2014.
- CARVALHO, M. E. P. C. Quem diz que fazer sexo com camisinha é como chupar bala com papel? Reflexões sobre a articulação entre gênero e sexualidade. In: SOUZA, C. B. G. de; RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade, Diversidade e Cultura Escolares**: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; Alcalá de Henades: Universidad de Alcalá, 2008.
- CASSAL, L. C. B.; GARCIA, A. M.; BICALHO, P. P. G. Psicologia e dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 465-473, out./dez. 2011.

CHAUI, M. et al. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

CHAUI, M. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAROL, A. A virilidade diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis: Vozes, 2013. v. 3.

COSTA, A. P. **As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

COSTA-JÚNIOR, F. M.; MAIA, A. C. B. O Gênero nas ciências da saúde: produção e reprodução de concepções sobre a diferença entre homens e mulheres. **Mimesis**, Bauru, v. 34, n. 1, p. 63-90, 2013.

COZBY, P. **Métodos de pesquisa em ciência do comportamento**. Tradução: Paula Ines Cunha Gomide. São Paulo: Atlas, 2006.

DIAS, C. A. Considerações sobre elaboração de currículos para formação de psicólogos: a partir de uma perspectiva didática. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 36-49, set. 2001.

DINIS, N.F. Discursos sobre homossexualidade e gênero em um curso de formação de formação em psicologia. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.14, n.1, p. 62-75, jan/jun. 2012.

DONAHUE, K. L.; et. al. Why does early sexual intercourse predict subsequent maladjustment? Exploring potential familial confounds. **Health Psychology**, Washington, v. 32, n. 2, p. 180-189, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22708520>>. Acesso em: 10 ago. 2014

DURAND, G. **Sexualidade e fé: síntese de teologia moral**. São Paulo: Loyola, 1989.

ESCH, C. F.; JACÓ-VILELA, A. M. A regulamentação da profissão e os currículos de formação psi. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Orgs.). **Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001. p. 3-12. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hkyyb/04>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

FEITOSA, L. C. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2. ed. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA, M. L. A sexualidade xavante e a preservação de doenças sexualmente transmissíveis. In: BRITO, I. (Org.) **Sexualidade e saúde indígenas**. Brasília: Paralelo, 2011. p. 95-120.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.

FRIES, H. **Dicionário de teologia: conceitos fundamentais de teologia atual**. São Paulo: Loyola, 1970. v. 4.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. São Paulo: Cortez, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GREGERSEN, E. **Práticas sexuais: a história da sexualidade humana**. São Paulo: Roca, 1983.

GUIMARÃES, V.C. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e da educação. **Educativa**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/viewFile/2441/1503>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LANKSHER, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEÃO, A.M.C. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação dos seus alunos**. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade sem trauma: trabalhando gênero e corpo com crianças de uma escola municipal de educação infantil. In: MONTEIRO, S. A. A. et al. (Org.) **Educações na contemporaneidade**: reflexão e pesquisa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 265-282.

LEÓN, C. I. G. Cibercuerpos: los jóvenes y sexualidad en la posmodernidad. **Actualidades Investigativas en Educación**, Costa Rica, v. 13, n. 1. p. 1-22, jan./abr. 2013. Disponível em: <[http://revista.inie.ucr.ac.cr/uploads/tx\\_magazine/cibercuerpos-jovenes-sexualidad-en-posmodernidad-giraldo.pdf](http://revista.inie.ucr.ac.cr/uploads/tx_magazine/cibercuerpos-jovenes-sexualidad-en-posmodernidad-giraldo.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2014.

LENGEN, C; JÄGER, S; KISTEMANN, T. The knowledge, education and behaviour of young people with regard to Chlamydia trachomatis in Aarhus, Denmark and Bonn, Germany: Do prevention concepts matter? **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 70, n. 11, p. 1789-98, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20307923>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

LEVANDOWSKI, D. C.; SCHMIDT, M. M. Oficina sobre sexualidade e namoro para pré-adolescentes. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 47, p.431-436, dez. 2010.

LIBÂNIO, J. B. **A volta à grande disciplina**: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1984.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 718-737. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n4/v29n4a06.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2014.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIA, A. C. B. A educação sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In: SOUZA, C. B. G. de; RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade, Diversidade e Cultura Escolares**: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; Alcalá de Henades: Universidad de Alcalá, 2008.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MAIA, A. C. B. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 91-103, 2012. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/5004/4153>>. Acesso em: 6 abr. 2012.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade. **Psicopedagogia Online**, 2010. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1303>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados. São Paulo: Atlas, 2010.

MASSIMI, M. **História da psicologia brasileira**: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MORAIS, F. D. C. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura**: a literatura vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época. 1999. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MOTT, L. A homossexualidade entre os índios do Novo Mundo antes da chegada do homem branco. In: BRITO, I. (Org.). **Sexualidade e saúde indígenas**. Brasília, DF: Paralelo, 2011. p. 83-94.

NARVAZ, M. G. **A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica**: onde os discursos fazem(se) política. 2009. 305 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, C. "Libertar o brasileiro de seu cativeiro moral": identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 507-516, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/04.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Sexual and Reproductive Health. **WHO**, 2006. Disponível em: <[http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual\\_health/sh\\_definitions/en](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en)>. Acesso em: 12 maio 2014.

PAIVA, V. A psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651, dez. 2008.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.



PERSON, E. S. No girar da roda: uma reflexão no centenário dos Três ensaios de Freud sobre a teoria da sexualidade. In: FERRO, A. et al. **Psicanálise e sexualidade**: tributo ao centenário do Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade 1905- 2005. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PLATÃO. **Diálogos / Platão**. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

RABELO, D. F.; LIMA, C. F. M. Conhecimento e atitudes de futuros profissionais da saúde em relação à sexualidade na velhice. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 163-180, 2011.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M.. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCI / Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

RESSEL, L. B. et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 245-250, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n2/v15n2a05.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade na história. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 9-16.

RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

RIBEIRO, P. R. M. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED, 28., 2005a, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPED, 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:eFw0cyEebYMJ:28reunia.o.anped.org.br/textos/ge23/ge231146int.rtf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 24 jul. 2014

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília, DF: MEC/SEF, 2005b.

ROCHA, N. M. D. A faculdade de medicina da Bahia e a preocupação com questões de ordem psicológica durante os oitocentos anos. In: MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. **História da psicologia no Brasil**: novos estudos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 89-108.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENA, T. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. 2007. 311 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SENA, T. Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 221-240, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a14.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

SENATORE, R. C. M. De uma terra chamada Santa: representações de paraíso, inferno e purgatório no Brasil Colônia. IN: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 69-80

SEXO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1740.

SEXUALIDADE. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1740.

SILVA, L. R. G. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional**. 2010. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

SIQUEIRA, F. R. M. **História da sexualidade brasileira**. São Paulo: Leitura Médica, 2008.

SNOEK, J. **Ensaio da ética sexual: a sexualidade humana**. São Paulo: Paulinas, 1981.

SOARES, D. O. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. **Revista Theos**. Campinas, v. 5, n. 2, p. 1-24, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo\\_06\\_2\\_02.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_06_2_02.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2014.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

YAMAMOTO, O. H. A LDB e a psicologia. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 20, n. 4, dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000400004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 dez. 2014.

VAINFAS, R. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, F. A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 221-274.

SANTANA, A. L. Vênus de willendorf. **Infoescola**, c2006-2015. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

VICENTINO, C. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

VIDAL, M. **Moral de atitudes**. Aparecida: Santuário, 1988.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política, educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Pesquisadores Responsáveis:** Cleiton José Senem e Prof. Dr. Sandro Caramaschi.

**Nome da Pesquisa:** *Relatos dos estudantes de diferentes cursos psicologia sobre sexualidade: um estudo comparativo.* Esta é uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de investigar as concepções dos estudantes de psicologia sobre a sexualidade humana.

**Participação:** Esta pesquisa não envolverá custos ao participante, não acarretando quaisquer danos físicos ou psicológicos, com participação absolutamente voluntária.

**Desistência:** O participante tem liberdade de se recusar a qualquer momento da realização da pesquisa caso algo lhe desagrade.

**Confidencialidade:** Todos os dados obtidos serão analisando em conjunto, não explicitando em momento algum as respostas individuais ou identidade dos participantes.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_

Abaixo assinado, estou ciente de que faço parte de uma amostra de pesquisa e contribuirei com dados através das respostas apresentadas em questionário próprio.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável

Cleiton José Senem

[cleiton.senem@gmail.com](mailto:cleiton.senem@gmail.com)



Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO****RELATOS DOS ESTUDANTES DE DIFERENTES CURSOS DE PSICOLOGIA  
SOBRE SEXUALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO**

O presente questionário tem por objetivo identificar os relatos dos estudantes de psicologia sobre sexualidade durante o processo formativo. Neste sentido, é importante que você seja sincero em suas respostas. Não existe resposta certa ou errada. Obrigado pela colaboração!

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Religião: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

1. O que você entende por sexualidade?

---

---

---

---

2. Na sua opinião, o que caracteriza a sexualidade feminina?

---

---

---

---

3. O que caracteriza, na sua opinião, a sexualidade masculina?

---

---

---

---

4. Enumere numa ordem de importância os meios que mais influenciaram sua conduta/comportamento sexual (considere o nº 1 com maior importância):

( ) família

( ) escola

( ) amigos

( ) meios de comunicação

( ) religião

( ) curso de psicologia

( ) Outro: \_\_\_\_\_

5. Enumere numa ordem de importância os meios que mais influenciaram seus conhecimentos sobre sexualidade, (considere o nº 1 com maior importância):

- família
- escola
- amigos
- meios de comunicação
- religião
- curso de psicologia
- Outro: \_\_\_\_\_

6. Na sua opinião, como você se considera quando o assunto é sexualidade:

- Conservador
- Parcialmente Conservador
- Moderado
- Parcialmente Liberal
- Totalmente Liberal

Dê um exemplo: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. O tema sexualidade foi abordado no seu curso de psicologia?

- Sim, Plenamente
- Sim, em Grande Parte
- Parcialmente
- Não, em Grande Parte
- Não, Nunca

Justifique sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. De que forma o seu curso de psicologia aborda o tema sexualidade?

- Disciplina regular
- Projeto de extensão
- Projeto de pesquisa
- Curso de atualização
- Palestras
- Outros: \_\_\_\_\_

9. Como você avalia a formação do seu curso de Psicologia sobre sexualidade. Atribua uma nota de 0 (muito ruim) a 10 (excelente). Nota: \_\_\_\_\_.

Justifique sua resposta \_\_\_\_\_

---



---

10. Caso você pudesse fazer um curso sobre sexualidade, o que gostaria de estudar?  
(Escreva na forma de itens).

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

5. \_\_\_\_\_

11. Na sua opinião, você se sente capacitado para abordar os temas relacionados à sexualidade?

- ( ) Sim, Totalmente  
 ( ) Sim, em Grande Parte  
 ( ) Parcialmente  
 ( ) Não, em Grande Parte  
 ( ) Não, de Forma Alguma.

12. Quais seriam suas facilidades e dificuldades para aborda o tema sexualidade?

Facilidades	Dificuldades

13. Quais as características desejáveis a um psicólogo(a) para lidar com sexualidade em qualquer área de atuação profissional?

---



---



---



---

14. Se você fosse chamado para desenvolver um curso de educação sexual, com 30 participantes, de 15 a 17 anos, de ambos os sexos.

a) Quais seriam os objetivos? (Capacidades adquiridas pelos participantes no final do seu curso).

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

b) Que temas você abordaria neste curso? (Conteúdo programático)

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

5. \_\_\_\_\_



## APÊNDICE C – PARECER DO CEP

"FACULDADE DE CIÊNCIAS  
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -  
"JÚLIO DE MESQUITA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELATOS DE ESTUDANTES DE DIFERENTES CURSOS DE PSICOLOGIA SOBRE SEXUALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO

**Pesquisador:** Cleiton José Senem

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 16810913.5.0000.5398

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 430.898

**Data da Relatoria:** 12/09/2013

#### Apresentação do Projeto:

O projeto está bem elaborado.

#### Objetivo da Pesquisa:

O projeto estabelece como objetivos:

Objetivo Primário:

- Investigar os relatos dos estudantes de três cursos de psicologia sobre sexualidade, considerando as intervenções do curso sobre sua formação profissional.

Objetivo Secundário:

- Identificar e explicitar as concepções dos estudantes de três cursos de psicologia sobre sexualidade;- Identificar os diferentes relatos dos estudantes homens e mulheres sobre sexualidade;- Explicitar as facilidades e dificuldades dos estudantes para abordar o tema sexualidade;- Identificar a influência do curso de psicologia sobre a concepção de sexualidade dos seus estudantes;- Comparar as diferentes abordagens sobre sexualidade entre os diferentes cursos de psicologia através da grade curricular.

**Endereço:** Av. Luiz Edmundo Carrizo Coube, nº 14-01

**Bairro:** CEP: 17.033-360

**UF:** SP **Município:** BAURU

**Telefone:** (143)103-6087 **Fax:** (143)103-6087 **E-mail:** arimaia@fc.unesp.br

"FACULDADE DE CIÊNCIAS  
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -  
"JÚLIO DE MESQUITA



Continuação do Parecer: 430.898

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O responsável informa que a pesquisa não contém risco aos participantes.

Como benefícios, o responsável informa que o trabalho contribuirá para conhecer as concepções dos estudantes de psicologia sobre a sexualidade, identificando as facilidades e dificuldades dos mesmos para abordar o tema. Estas informações poderão auxiliar os profissionais da Psicologia a refletirem sobre a importância de uma atuação crítica, científica e sistemática.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Nada a considerar.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Nada a considerar.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nada a considerar.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado.

BAURU, 21 de Outubro de 2013

---

**Assinador por:**  
**Ari Fernando Maia**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Luiz Edmundo Carrizo Coube, nº 14-01  
**Bairro:** CEP: 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (143)103-6087 **Fax:** (143)103-6087 **E-mail:** arimaia@fc.unesp.br

**APÊNDICE D – EXEMPLO DE DISTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS,  
SUBCATEGORIAS E RELATOS**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Relato</b>
<b>Biológica</b>	- Instinto sexual, energia sexual, pulsão.	<p>“Sexualidade refere-se a canalização da libido, frente às pulsões, instintos sexuais”.</p> <p>“Sexualidade é a energia sexual presente em cada indivíduo”.</p> <p>“Para mim sexualidade está ligada a pulsões primárias do ser humano, ou seja, suas necessidades básicas”.</p>
	- Ato sexual, prazer, masturbação.	“Sexualidade refere-se aos conteúdos referentes ao ato sexual, conhecimento do corpo, masturbação, entre outros”.
	- Órgãos sexuais, anatomia, hormônios	<p>“O fato da pessoa possuir um órgão sexual feminino”.</p> <p>“Estrutura física própria com os próprios órgãos femininos e também pelos hormônios”.</p> <p>“Ter órgão sexual masculino ou feminino e se reconhecer um corpo masculino ou feminino”.</p>
	- Orientação sexual	“Sexualidade caracteriza-se pela identificação de um indivíduo com determinando gênero, bem como a orientação sexual estabelecida com outra pessoa, seja do mesmo gênero ou do gênero oposto”.
<b>Cultural</b>	- Gênero, identidade de gênero.	<p>“O gênero, mas não necessariamente o biológico, pois envolve questões culturais e sociais”.</p> <p>“Tudo está relacionado ao gênero, identidade, orientação tem em vista os mesmos como cultural e socialmente determinados”.</p>
	- Comportamentos construídos pela sociedade	<p>“Na sociedade a sexualidade feminina é vista como aqueles comportamentos delicados, está sempre arrumada, não falar palavrões”.</p> <p>“Sexualidade masculina para a sociedade de modo geral é o menino ficar com várias meninas, falar palavrões, gostar de futebol, etc. “.</p>
	- Religião, família,	“É algo que pode ser apreendido ou imposto

	sociedade.	depende da cultura, da história da religião [...]”. “Sexualidade masculina é construída socialmente (pela inculcação dos ideais pela religião, família, sociedade...)”.
<b>Psicológica</b>	- Personalidade, subjetividade.	“Sexualidade masculina é expressão da personalidade, desejos e vontades do homem”.  “Sexualidade é um aspecto definido do homem com sua relação com o mundo, e portanto, é singular e subjetiva”.
	- Auto percepção, conhecimento do corpo	“ A sexualidade feminina diz respeito a forma como a mulher enxerga seu corpo e se expressa através dele, não é obrigatoriamente ligado aos seios ou órgãos sexuais, mas pode ser”
	- Afeto; carinho, emoção, amor, razão	“Sexualidade feminina é caracterizada pelo afeto e delicadeza, a masculina pela virilidade, ativa”.  “Sexualidade feminina está relacionada ao carinho, ao desejo e às emoções”.
	- Passividade, repressão, timidez, impulsividade, liberalidade	“A mulher tem postura mais passiva, deve ser mais delicada e não demonstrar interesse nem conhecimento sobre o assunto”.  “Sexualidade masculina é mais ativa e menos sutil que a feminina, a obtenção do prazer se dá de modo mais direto”
	- Libido	“Sexualidade é um fenômeno que envolve comportamentos libidinais, genitalidade e outros comportamentos”
	- Opção sexual	“Entendo por sexualidade a opção sexual do indivíduo, mesmo que não expressada”.  “Sexualidade feminina e masculina é caracterizada pelos órgãos e pela opção sexual”.
	<b>Conceito Amplo</b>	- Não só sexo, algo além do sexo;
- Expressão humana, inerente ao ser humano, faz parte do desenvolvimento humano.		“Sexualidade é uma forma de expressão humana”.  “Entendo que é inerente ao ser humano e que vai além da relação e prazer sexual.”  “[...] faz parte de todas as fases do desenvolvimento humano”.

	<p>- Sexualidade da mulher e do homem, comportamentos, modo de ser,</p>	<p>“A sexualidade da mulher é expressa em sua feminilidade”  “É o conjunto em se sentir homem ou mulher se comportar como tal”.</p> <p>“O modo de agir, pensar, gostar e ser”.</p>
<p><b>Outros</b></p>		<p>“Peculiaridade”.</p> <p>“Não sei responder” / “Não sei explicar”.</p> <p>“Depende”.</p> <p>“Sexualidade feminina se caracteriza pela dificuldade, a cabeça dura. Gostam de cafajestes e dinheiro”.</p>

## APÊNDICE E – TABELAS GERAIS

Tabela 1: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 1. O que você entende por sexualidade?

		Part. 1	Part. 2	Públ.	Total
Biológico	Ato sexual	8	2	4	14
	Instinto sexual; Energia sexual; Desejo; Prazer; Masturbação; Necessidade básica	14	1	5	20
	Sexo (corpo masculino e feminino) alteração corporal	5	6	3	14
	Orientação sexual	6	0	5	11
	<b>Total parcial</b>	<b>33</b>	<b>9</b>	<b>17</b>	<b>59</b>
		<b>30,84%</b>	<b>17,30%</b>	<b>26,56%</b>	<b>26,81%</b>
Cultural	Gênero; Identidade de Gênero	10	6	14	30
	Influência social e cultural	4	2	8	14
	Mídia	1	0	0	1
	Religião	1	1	1	3
	Família	0	1	0	1
	<b>Total parcial</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>23</b>	<b>49</b>
	<b>14,95%</b>	<b>21,15%</b>	<b>35,93%</b>	<b>22,27%</b>	
Psicológico	Libido; Pulsão	5	1	3	9
	Opção Sexual; Escolha sexual	2	7	2	11
	Identidade; Subjetividade; Intimo de cada ser humano; Personalidade	10	3	3	16
	Afeto; Amor; Carinho; Sentimento em relação a outra pessoa	11	1	2	14
	Conhecimento do corpo	4	1	0	5
	<b>Total parcial</b>	<b>32</b>	<b>13</b>	<b>10</b>	<b>55</b>
	<b>29,90%</b>	<b>25,00%</b>	<b>15,62%</b>	<b>25,00%</b>	
Conceito amplo (complexo)	Conceito amplo	4	2	6	12
	Não só o ato sexual; Algo além do sexo; Todo prazer corporal	12	9	5	26
	Expressão Humana; Inerente ao ser humano	4	0	3	7
	Desenvolvimento Humano	6	5	0	9
	<b>Total parcial</b>	<b>26</b>	<b>16</b>	<b>14</b>	<b>54</b>
		<b>24,29%</b>	<b>30,76%</b>	<b>21,87%</b>	<b>24,54%</b>
	Não respondeu	0	3	0	3
	<b>Total parcial</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>3</b>
		<b>0%</b>	<b>5,76%</b>	<b>0%</b>	<b>1,36%</b>
	<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 2: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 2. Na sua opinião, o que caracteriza a sexualidade feminina?

		Part. 1	Part. 2	Públ.	Total
<b>Biológico</b>	Órgãos sexuais; Cromossomo XX; seios; quadril; Início da menstruação	10	8	8	26
	Prazer; Satisfação sexual	2	0	1	3
	Orientação sexual	4	1	1	6
	Gerar filho; Amamentação	0	2	0	2
	<b>Total por curso</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>37</b>
	<b>20,77%</b>	<b>30,55</b>	<b>21,27%</b>	<b>24,66%</b>	
<b>Cultural</b>	Gênero	6	1	6	13
	Modo de se vestir; Cuida-se; Arrumar-se; Vaidade, Sedução; Perfume; Batom	3	4	1	8
	Comportamento socialmente aceito; Não falar palavrões; Brincar de boneca na infância	0	3	0	3
	Influência social e cultural	10	0	8	18
	<b>Total por curso</b>	<b>19</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>32</b>
	<b>24,67%</b>	<b>22,22%</b>	<b>31,91%</b>	<b>21,33%</b>	
<b>Psicológico</b>	Sensibilidade; Delicada, Carinhosa, Emoção, Fantasias romantizadas, Voltada ao coração; Simbólica, Sutil, Afetiva, Sentimento	13	2	2	17
	Passiva; Sem iniciativa; Reservada, Respeitosa, Repressiva, Tímida, Flexível, Não demonstrar interesse	6	1	5	12
	Opção sexual	2	0	1	3
	Identidade; Subjetividade	5	0	5	10
	<b>Total por curso</b>	<b>26</b>	<b>3</b>	<b>13</b>	<b>42</b>
	<b>33,76%</b>	<b>8,33%</b>	<b>27,65%</b>	<b>28,00%</b>	
<b>Conceito amplo</b>	Modo de ser, pensar e agir; Forma de se expressar; Características da mulher; Conhecimento da mulher como um todo; Algo muito amplo, feminilidade, Desejos e escolhas;	14	9	6	29
	<b>Total por curso</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>29</b>
	<b>18,18%</b>	<b>25,00%</b>	<b>12,76%</b>	<b>19,33%</b>	
<b>Outros</b>	Não sabe explicar; depende, Cabeça dura, gosta de cafajeste e dinheiro.	2	0	0	2
	Nada, não tem diferenciação	0	0	3	3
	<b>Total por curso</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>6</b>
		<b>2,59%</b>	<b>2,77%</b>	<b>6,38%</b>	<b>4,00%</b>
<b>Não Respondeu</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	
	<b>0%</b>	<b>11,11%</b>	<b>0%</b>	<b>2,66%</b>	
	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 3: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 3. O que caracteriza, na sua opinião, a sexualidade masculina?

		Part. 1	Part. 2	Públ.	Total
Biológico	Busca do prazer	7	1	0	8
	Viril; Força e energia	2	0	0	2
	Ato sexual	6	2	0	8
	Corpo, Órgão sexual; Hormônios; Cromossomo XY;	9	6	6	21
	Orientação sexual	4	1	5	10
	<b>Total por curso</b>	<b>28</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>49</b>
		<b>38,88%</b>	<b>35,71%</b>	<b>26,19%</b>	<b>34,50%</b>
Cultural	Gênero	4	2	5	11
	Modo de se vestir	0	0	0	0
	Menos sutil; Pode tudo e pode fazer mais; Natural, sem preconceito mito ou tabu; Pode falar palavrões, Mais direto; Ativo, Comportamento agressivo; Toma atitude; Brinca de carrinho, vídeo game e futebol.	7	3	4	14
	Influência social, cultural, machismo	13	0	10	23
	<b>Total por curso</b>	<b>24</b>	<b>5</b>	<b>19</b>	<b>48</b>
		<b>33,33%</b>	<b>17,85%</b>	<b>45,23%</b>	<b>33,80%</b>
Psicológico	Quer se destacar no grupo	1	0	0	1
	Razão; Falta de maturidade; Impulsividade; Imediatismo; Postura mais rígida; Liberal	4	2	2	8
	Opção sexual	2	1	1	4
	<b>Total por curso</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>13</b>
		<b>9,72%</b>	<b>10,71%</b>	<b>7,14%</b>	<b>9,15%</b>
Conceito Amplo	Masculinidade; Sexualidade do homem; Comportamentos gerais masculinos; Algo muito amplo	8	8	3	19
	<b>Total por curso</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>19</b>
		<b>11,11%</b>	<b>28,57%</b>	<b>7,14%</b>	<b>13,38%</b>
Outros	Nada; Não tem diferenciação	0	0	5	5
	Não sabe responder; Depende; Peculiaridade	3	1	0	4
	<b>Total por curso</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>9</b>
		<b>4,16%</b>	<b>3,57%</b>	<b>11,90%</b>	<b>6,33%</b>
	Não respondeu	2	1	1	4
		<b>2,77%</b>	<b>3,57%</b>	<b>2,38%</b>	<b>2,81%</b>
		<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>



Tabela 4: Totais numérico e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 6: Na sua opinião, como você se considera quando o assunto é sexualidade?

		Part. 1	Part. 2	Públ.	Total
Liberal	Falo sobre sexualidade sem restrições, sem problemas	4	4	3	11
	Falo sobre sexualidade, mas preservo minha intimidade	5	3	2	10
	Aceito a diversidade e a orientação sexual (hetero, homo, transsexualidade ou bissexual)	7	1	4	12
	Respeito a opinião dos outros mas tenho meus princípios, minhas preferências	3	0	6	9
	Todas as formas são válidas desde que exista amor (romantismo), respeito, compromisso e acordo mútuo	3	0	2	5
	Traição	1	0	0	1
	Contra a Normatização	0	0	1	1
	Devem ser esclarecidas as dúvidas das crianças e jovens	1	0	0	1
	<b>Total Parcial</b>	<b>24</b>	<b>8</b>	<b>18</b>	<b>50</b>
		<b>44,44%</b>	<b>27,58%</b>	<b>52,94%</b>	<b>42,73%</b>
Conservador	Mudei de comportamento depois do casamento	1	0	0	1
	Influência da família conservadora, religiosa, Aceito os comportamentos da minha cultura; Relação apenas com uma pessoa	3	0	0	3
	Há muitos tabus e mitos a seres vencidos; Assunto socialmente resistente; Depende com quem o assunto é abordado	4	0	0	4
	Contrário a comportamentos promíscuos; Vulgar, Atos de orgia; Banalização do corpo; Romantismo precisa estar acima de tudo	5	3	2	10
	Não gosto de falar sobre o assunto; Sou tímida; Acho chato	3	0	0	3
	Homossexualidade; manifestações homossexualidade em público	5	3	1	9
	Tenho dificuldade de aceitar sexo anal em relação heterossexual	1	1	1	3
	<b>Total parcial</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>34</b>
		<b>40,74%</b>	<b>24,13%</b>	<b>14,70%</b>	<b>29,05%</b>
	Outros	Equilíbrio entre liberal e conservador; Depende da situação	3	0	1
Pedofilia, estupro, sexo com incapazes		1	0	3	4
<b>Total parcial</b>		<b>4</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>8</b>
	<b>7,40%</b>	<b>0,00%</b>	<b>11,76%</b>	<b>6,83%</b>	
Não respondeu	4	14	7	25	
	<b>7,40%</b>	<b>48,27%</b>	<b>20,58%</b>	<b>21,36%</b>	
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 5: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da questão 7. O tema sexualidade foi abordado no seu curso de psicologia?

		Part. 1	Part. 2	Púb.	Total
Positivo	Abordado em várias disciplinas	13	4	7	24
	Abordado em Psicologia do Desenvolvimento (adolescência, adulto e idoso)	14	2	0	16
	Abordado em Psicanálise	10	0	1	11
	Abordado em Fisiologia	1	0	0	1
	Abordado em disciplina específica	0	1	10	11
	Abordado em Antropologia	0	0	2	2
	Abordado em Psicologia Escolar	0	0	1	1
	Abordado em grupo de pesquisa, estudo e palestras	5	4	2	11
	<b>Total por Curso</b>	<b>43</b>	<b>11</b>	<b>23</b>	<b>77</b>
	<b>61,42%</b>	<b>35,48%</b>	<b>56,09%</b>	<b>54,22%</b>	
Negativo	Tema não foi abordado de forma crítica; Pouco abordado; De forma superficial; Ficou defasado; Não foi marcante; Ficaram muitas dúvidas; Tema de pouco destaque; Deixou muito a desejar	16	3	1	20
	Pessoas ainda se sentem desconfortáveis e preconceituosas com relação ao tema	1	0	0	1
	Não houve uma disciplina específica	2	0	0	2
	Abordado apenas nos primeiros anos	1	1	0	2
	Só existe uma disciplina sobre o assunto no curso, apenas no 4º ano do curso	0	0	11	11
	Foco do curso não é este assunto	0	1	0	1
	Não abordaram assexualidade	0	0	1	1
	Faltaram técnicas terapêuticas clínicas e intervenção	0	0	1	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>14</b>	<b>39</b>
	<b>28,57%</b>	<b>16,12%</b>	<b>34,14%</b>	<b>27,46%</b>	
Outros	Tema de grande peso para a psicologia	1	0	0	1
	Não houve maturidade da turma para discutir as questões	1	0	0	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>2</b>
		<b>2,85%</b>	<b>0,00%</b>	<b>0,00%</b>	<b>1,40%</b>
	Não respondeu	5	15	4	24
	<b>7,14%</b>	<b>48,38%</b>	<b>9,75%</b>	<b>16,91%</b>	
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 6: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à justificativa da questão 9: Como você avalia a formação do seu curso de Psicologia sobre sexualidade.

		Part. 1	Part. 2	Púb.	Total
<b>Positivo</b>	Muito explorado; Bem abordado	4	0	2	6
	Disciplina de fisiologia bem detalhada	1	0	0	1
	Satisfatório; Suficiente; Coerente; Adequado; Bom	7	5	3	15
	<b>Total por Curso</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>22</b>
		<b>21,05%</b>	<b>16,66%</b>	<b>14,70%</b>	<b>18,03%</b>
<b>Negativo</b>	Pouco crítico; Muito clínico	2	0	1	3
	Superficial; Deveria ser melhor abordado	30	9	6	45
	Deveria ter uma disciplina específica	6	2	0	8
	Incapacidade dos participantes em manterem a seriedade nas discussões	1	1	0	3
	Assunto não abordado	1	0	0	1
	Gostaria de saber mais sobre o assunto	1	0	0	1
	Nada é perfeito na formação	0	0	2	2
	Embora o esforço e o trabalho realizado ainda existem dúvidas e preconceitos	0	0	1	1
	Só uma disciplina é muito pouco para um assunto tão complexo e abrangente; Deveria ser abordado também em outras disciplinas	0	0	13	13
	Faltaram técnicas terapêuticas clínicas e de intervenção	0	0	1	1
<b>Total por Curso</b>	<b>41</b>	<b>12</b>	<b>24</b>	<b>78</b>	
		<b>71,92%</b>	<b>40,00%</b>	<b>70,58%</b>	<b>63,93%</b>
<b>Outros</b>	Psicologia estuda o ser humano e a sexualidade é uma esfera do ser humano	1	0	0	1
	Interesse pessoal em busca de informação; Melhorar depende do estudo e do trabalho	0	0	2	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
		<b>1,75%</b>	<b>0,00%</b>	<b>5,88%</b>	<b>2,45%</b>
Não Respondeu	3	13	3	19	
	<b>5,26%</b>	<b>43,33%</b>	<b>8,82%</b>	<b>15,57%</b>	
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 7: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 10: Caso você pudesse fazer um curso sobre sexualidade, o que gostaria de estudar?

	Part. 1	Part. 2	Púb.	Total	
<b>Biológico</b>	Ato sexual	1	0	2	3
	Fisiologia; Anatomia, Potência sexual	1	1	3	5
	DSTs e métodos contraceptivos	1	4	0	5
	Orientação sexual; Homossexualidade, bissexualidade, transsexualidade,	9	5	11	16
	Prazer; Masturbação; Orgasmo	4	2	0	6
	Maternidade; Gravidez na adolescência	1	1	0	2
	Deficiência	1	0	0	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>18</b>	<b>13</b>	<b>16</b>	<b>38</b>
		<b>13,53%</b>	<b>26,00%</b>	<b>17,77%</b>	<b>14,39%</b>
<b>Cultural</b>	Gênero; Identidade de Gênero	15	4	15	34
	Mito; Tabu; Preconceito; Sexo é algo bom ou ruim?	9	1	8	18
	Religião	5	1	1	7
	Família	7	1	1	9
	Educação sexual; formas de educação com crianças, adolescentes e diversos públicos	5	3	9	17
	Mídia; Cultura; História	11	2	13	26
	Sexo virtual; Pornografia	0	0	2	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>52</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>113</b>
	<b>39,09%</b>	<b>24,00%</b>	<b>54,44%</b>	<b>42,80%</b>	
<b>Psicológico</b>	Opção Sexual; Escolha	3	3	0	6
	Sexualidade e desenvolvimento (infância, adolescência, adulto, idoso)	21	6	8	35
	Sexualidade e psicopatologia: transtornos, parafilias, estuprador, maníaco	4	1	4	9
	Maternidade; Gravidez na adolescência	1	1	0	2
	Deficiência	1	0	0	1
	Sexualidade e conjugalidade; Relações interpessoais	5	0	1	6
	Sexo e amor	4	0	0	4
	Autoconhecimento	2	0	0	2
	Sexualidade e Psicologia; Conceitos; Teorias; Abordagens; Saúde mental.	8	0	3	11
<b>Total por Curso</b>	<b>49</b>	<b>11</b>	<b>16</b>	<b>76</b>	
	<b>36,84%</b>	<b>22,00%</b>	<b>17,77%</b>	<b>28,78%</b>	

<b>Conceito Amplo</b>	Importância da sexualidade na vida das pessoas; Condição humana; Influência da sexualidade na vida humana	5	1	1	7
	Sexualidade e suas múltiplas determinações e formas	2	0	4	6
	<b>Total por Curso</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>13</b>
		<b>5,26%</b>	<b>2,00%</b>	<b>5,55%</b>	<b>4,92%</b>
<b>Outros</b>	Faria qualquer curso referente ao tema	1	0	0	1
	Não faria o curso por ser conservador	1	1	0	2
	Teorias queer, Foucault, teóricos da sexualidade.	2	1	2	5
	<b>Total por Curso</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>8</b>
		<b>3,00%</b>	<b>4,00%</b>	<b>2,22%</b>	<b>3,03%</b>
Não Responderam	3	11	2	16	
	<b>2,25%</b>	<b>22,00%</b>	<b>2,22%</b>	<b>6,06%</b>	
	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 8: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 12: Quais seriam suas facilidades para aborda o tema sexualidade?

		Part. 1	Part. 2	Púb.	Total
<b>Biológico</b>	Maturação; Fisiologia	2	0	1	3
	Ato sexual; Masturbação	1	2	1	4
	Orientação sexual	1	3	2	6
	DSTs e Prevenção	0	2	2	4
	Gravidez	0	1	1	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>19</b>
		<b>5,88%</b>	<b>22,22%</b>	<b>12,72%</b>	<b>11,94%</b>
<b>Cultural</b>	Gênero	3	0	2	5
	Falar com a família	3	0	0	3
	Aspectos históricos	2	0	2	4
	Desconstruir a normatização; Despatologização	0	0	5	5
	<b>Total por Curso</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>17</b>
		<b>11,76%</b>	<b>0,00%</b>	<b>16,36%</b>	<b>10,69%</b>
<b>Psicológico</b>	Curso de Psicologia; Falar pela psicanalise; Conhecimento teórico sobre o tema; Tema de fácil pesquisa; Desenvolvimento humano	19	1	15	35
	Habilidades pessoais: Empatia; Neutralidade; Falar sem preconceito; De forma aberta; Ser liberal; Gostar de pesquisar o tema	20	7	17	44
	Experiências pessoais; Personalidade; Definição da identidade sexual	7	0	3	10
	Lidar com adolescentes, adultos	3	4	0	7
	<b>Total por Curso</b>	<b>49</b>	<b>12</b>	<b>35</b>	<b>96</b>
		<b>72,05%</b>	<b>33,33%</b>	<b>63,63%</b>	<b>60,37%</b>
<b>Outros</b>	Ambiente propício; Depende do número de pessoas	2	0	0	2
	Não há	1	1	2	4
	<b>Total por Curso</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
		<b>4,41%</b>	<b>2,77%</b>	<b>3,66%</b>	<b>3,77%</b>
	Não Respondeu	4	15	2	21
	<b>5,88%</b>	<b>41,66%</b>	<b>3,66%</b>	<b>13,20%</b>	
	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 9: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 12: Quais seriam suas dificuldades para aborda o tema sexualidade?

		Part. 1	Part. 2	Púb.	Total
<b>Biológico</b>	Orientação sexual: homossexualidade, bissexualidade, transsexualidade	7	0	2	9
	Ato sexual	2	1	1	4
	Fisiologia	0	0	2	2
	DSTs,	1	1	0	2
	Patologias	1	0	0	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>18</b>
		<b>16,92%</b>	<b>6,25%</b>	<b>10,41%</b>	<b>12,41%</b>
<b>Cultural</b>	Gênero	0	0	2	2
	Tabus; Mitos; Preconceito; Visão negativa e ruim do tema; Repressão	6	0	11	17
	Religião	5	0	2	7
	Formas de expressão da sexualidade	1	0	1	2
	Cultura; Machismo; Lidar com pessoas conservadoras; Normatividade	1	0	4	5
	<b>Total por Curso</b>	<b>13</b>	<b>0</b>	<b>20</b>	<b>33</b>
		<b>20,00%</b>	<b>0,00%</b>	<b>41,66%</b>	<b>22,75%</b>
<b>Psicológico</b>	Falta de Habilidade pessoal: Vergonha; Timidez; Falta de experiência	3	2	5	10
	Falta de conhecimento	18	6	7	31
	Patologias; Sofrimento psíquico; Abuso sexual	2	0	2	4
	Falar abertamente sobre o assunto com amigos; Dificuldade para lidar com jovens, adultos e idosos; Controle do público em palestras; Depende do número de pessoas,	12	4	6	22
	Abordar o assunto com pessoas de opinião diferente; Concepção biologizante	0	0	2	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>35</b>	<b>12</b>	<b>22</b>	<b>69</b>
		<b>53,84%</b>	<b>37,50%</b>	<b>45,83%</b>	<b>47,58%</b>
<b>Outros</b>	Todas	1	1	0	2
	Não há	3	0	0	3
	<b>Total por Curso</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>5</b>
		<b>6,15%</b>	<b>3,12%</b>	<b>0,00%</b>	<b>3,44%</b>
	Não respondeu	2	17	1	20
	<b>3,07</b>	<b>53,12%</b>	<b>2,08%</b>	<b>13,79%</b>	
	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	

Tabela 10: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 14a: Se você fosse chamado para desenvolver um curso de educação sexual: Quais seriam os objetivos?

		Part. 1	Part. 2	Públ.	Total
<b>Biológico</b>	Informação e orientação sobre prevenção às DSTs; gravidez	17	6	9	32
	Ato sexual; Iniciação a prática sexual	2	0	1	3
	Transformações no corpo,	0	0	5	5
	<b>Total por Curso</b>	<b>19</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>40</b>
		<b>18,44%</b>	<b>15,00%</b>	<b>20,83%</b>	<b>18,60%</b>
<b>Cultural</b>	Gênero; Identidade de gênero	2	1	3	6
	Quebra de tabu/mito; algo pervertido, sujo	15	0	12	27
	Compreensão antropológica da sexualidade em diferentes povos	1	0	0	1
	Construção da sexualidade: família, religião, mídia, vida social	4	1	4	9
	<b>Total por Curso</b>	<b>22</b>	<b>2</b>	<b>19</b>	<b>43</b>
		<b>21,35%</b>	<b>5,00%</b>	<b>26,38%</b>	<b>20,00%</b>
<b>Psicológico</b>	Autoconhecimento	4	4	1	9
	Facilitar a comunicação sobre o assunto; Identificar as dificuldades para discuti-lo	4	0	1	5
	Compreensão da sexualidade a partir da psicologia; Fases do desenvolvimento sexual	2	1	1	4
	Atender as dúvidas sobre o tema	9	2	4	15
	Lidar com o tema de forma madura e responsável	2	0	1	3
	Educar para a sexualidade a partir das próprias crenças e valores	1	0	1	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>38</b>
		<b>21,35%</b>	<b>17,50%</b>	<b>12,50%</b>	<b>17,67%</b>
<b>Conceito Amplo</b>	Conscientização; Reflexão; Sensibilização sobre o tema	6	3	6	15
	Ampliar os conhecimentos sobre o tema	13	7	2	22
	Conceituação entre sexo e sexualidade; O que é sexualidade?	15	3	3	21
	Capacidade de análise crítica do assunto	0	0	16	16
	<b>Total por Curso</b>	<b>34</b>	<b>13</b>	<b>27</b>	<b>74</b>
		<b>33,00%</b>	<b>32,50%</b>	<b>37,50%</b>	<b>34,41%</b>
<b>Outros</b>	Saber o que se passa na cabeça dos adolescentes nesta faixa etária	3	1	0	4
	Não gosto de falar sobre o assunto	1	0	0	1
	Empatia	1	0	0	1
	Depende da demanda do grupo	0	0	1	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>7</b>
		<b>4,90%</b>	<b>2,50%</b>	<b>1,38%</b>	<b>3,25%</b>
	Não Respondeu	1	11	1	13
		<b>0,97%</b>	<b>27,50%</b>	<b>1,38%</b>	<b>6,04%</b>
		<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>



Tabela 11: Totais numéricos e percentuais apresentados pelos participantes em resposta à questão 14b: Se você fosse chamado para desenvolver um curso de educação sexual, com 30 participantes, de 15 a 17 anos, de ambos os sexos. Que temas você abordaria neste curso?

	Part. 1	Part. 2	Púb.	Total	
<b>Biológico</b>	Fisiologia; Anatomia; Hormônios	8	2	10	20
	Masturbação; Prazer; Orgasmo; Ejaculação	6	2	1	9
	Gravidez; Métodos anticoncepcionais	16	8	5	29
	DSTs; Prevenção: atividade sexual responsável	20	8	8	36
	Relação sexual; Ato sexual	6	5	7	18
	Orientação sexual: homossexualidade	5	3	10	18
	Deficiência e sexualidade	1	0	1	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>62</b>	<b>28</b>	<b>42</b>	<b>132</b>
		<b>39,49%</b>	<b>50,90%</b>	<b>37,16%</b>	<b>40,61%</b>
<b>Cultural</b>	Gênero; Identidade de gênero	8	1	8	17
	Normatividade; Heteronormatividade; Machismo, Feminismo	1	0	12	13
	Tabu; Mito; Preconceito; Discriminação; Intolerância; Algo sujo; Pervertido	9	2	9	20
	Religião	4	1	4	9
	Família	3	0	2	5
	Mídia	1	0	8	9
	Educação sexual	3	0	3	6
	Virgindade	1	0	2	3
	História; Cultura; Antropologia; Sexo e poder	6	1	7	14
	<b>Total por Curso</b>	<b>36</b>	<b>5</b>	<b>55</b>	<b>96</b>
	<b>22,92%</b>	<b>9,09%</b>	<b>48,67%</b>	<b>29,53%</b>	
<b>Psicológico</b>	Afetividade; Amor	7	0	0	7
	Relacionamento; Relação com o outro,	4	0	1	5
	Autoconhecimento; Autoimagem	3	1	0	4
	Responsabilidade; Maturidade; Liberdade; Respeito	1	2	1	4
	Opção sexual	1	0	0	1
	Psicologia e Sexualidade,	2	1	0	3
	Psicopatologia: parafilia, transtornos sexuais; Patologia	4	0	0	4
	Deficiência e sexualidade	1	0	1	2
	Desenvolvimento humano	14	3	4	21
<b>Total por Curso</b>	<b>37</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>51</b>	
	<b>23,56%</b>	<b>12,72%</b>	<b>6,19%</b>	<b>15,69%</b>	

Conceito Amplo	Conceito de sexualidade; Sexualidade e sexo; Vida sexual	6	1	1	8
	Geral, sexualidade como um todo	0	2	1	3
	Sexualidade e suas formas; Sexualidade e o ser humano; Potencialidade	6	0	2	8
	Visão crítica sobre o tema	0	0	2	2
	<b>Total por Curso</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>21</b>
		<b>7,64%</b>	<b>5,45%</b>	<b>5,30%</b>	<b>6,46%</b>
Outros	Não gosto do tema	1	0	0	1
	Aborto	0	1	0	1
	Dúvidas; Orientações; Conteúdos escolhidos pelo grupo; Opiniões,	6	1	1	8
	Saber o que se passa na cabeça dos adolescentes	2	0	0	2
	Depende da demanda do grupo	0	0	1	1
	<b>Total por Curso</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>13</b>
		<b>5,73%</b>	<b>3,63%</b>	<b>1,76%</b>	<b>4,00%</b>
Não Respondeu	1	10	1	12	
	<b>0,63%</b>	<b>18,18%</b>	<b>0,88%</b>	<b>3,69%</b>	
	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	